

**Dados sobre o Português Falado na Beira
Baixa:
Variação e Mudança**

Joana Carolina Pires Inácio

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Estudos Lusófonos
(2.º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Paulo José Tente da Rocha Santos Osório

10 de junho de 2024

Declaração de Integridade

Eu, Joana Carolina Pires Inácio, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição M12258 do curso de Mestrado em Estudos Lusófonos da Faculdade de Artes e Letras, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referência de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã, 10 de junho de 2024

Joana Pires

[...] Se mais nada, no vasto terreno da linguística, conservasse um dia interesse para mim, creio que esta experiência seria só por si suficiente para me obrigar a reconhecer e afirmar que vale a pena o ramo de estudos para que a vida me conduziu.

Luís Filipe Lindley Cintra (1983: 9)

Agradecimentos

Dedico estas palavras de agradecimento a todos aqueles que acompanharam esta jornada acadêmica e que permitiram, com o seu apoio, a concretização do presente trabalho. Sozinha, nada teria sido possível!

Assim, ao meu orientador, Professor Doutor Paulo Osório, expresso uma profunda gratidão por me guiar sempre com a maior excelência e, sobretudo, por confiar em mim. A sua dedicação foi o suporte sobre o qual este trabalho se ergueu. O Professor foi, desde o início, uma fonte de entusiasmo para explorar a esfera da variação linguística, e o trabalho aqui apresentado deve muito aos seus conhecimentos nesse domínio. Agradeço a brevidade de resposta a todas as dúvidas colocadas e a disponibilidade constante, a todas as horas. Ao Professor, manifesto, pois, um agradecimento profundo e sentido.

A todos os professores que passaram pelo meu percurso acadêmico, agradeço o estímulo constante para a aquisição de novos conhecimentos, conhecimentos esses que me permitiram enriquecer acadêmica e pessoalmente. A minha paixão pelo estudo da língua e, em especial, da língua portuguesa deve-se, essencialmente, a todos os bons profissionais que foram meus professores.

A todas as pessoas que, com generosidade, contribuíram para o desenvolvimento da investigação que o presente trabalho motivou, quer por meio de entrevista, quer por meio de questionário, o meu mais sincero agradecimento. Com o contributo de todos, foi possível chegar a resultados significativos e sem os quais não conseguiria atingir os objetivos a que me propus.

Aos meus (grandes) amigos, com os quais partilhei todos os momentos de dificuldade na concretização deste estudo, Cláudia, Ricardo, Inês, Beatriz, Camila, Irene, Nádia e Luís, um sincero obrigada. Sem eles, a vida não teria o mesmo colorido!

Por último, *the last but not the least*, agradeço à minha família. Aos meus pais, ao meu irmão, aos meus tios, aos meus primos e aos meus avós, agradeço todo o sustento que me deram nos momentos mais desafiadores da minha investigação.

Ao meu tio Daniel e à minha tia Ana, em especial, agradeço todo o amor que me deram durante aqueles que foram os melhores três anos da minha (ainda tão curta) vida. Sem eles, esta dissertação, possivelmente, não existiria.

Ao meu avô João e à minha avó Carmo, que (e muito me custa dizê-lo) já não estão comigo, dedico-lhes todo o meu esforço. A sua memória está presente em cada página deste trabalho.

Sem o apoio constante da minha família, muitos dos meus objetivos seriam inalcançáveis. Obrigada por me permitirem sonhar, hoje e sempre!

Resumo

O presente trabalho de investigação visa analisar a variação e a mudança linguísticas do Português Europeu, com foco na zona da Beira Baixa. O estudo examina o falar da região em termos fonéticos, morfossintáticos e lexicais, tendo por objetivo compreender como esses elementos contribuem para a identidade linguística local e como os mesmos têm evoluído ao longo de um período estipulado de cerca de 50 anos, com início em 1970 até à atualidade, entre falantes naturais da Beira Baixa de faixas etárias distintas. Utilizando uma abordagem sociolinguística, são analisados dados linguísticos recolhidos (por meio de entrevistas e de um questionário) em áreas rurais da região. Os resultados revelam padrões relevantes de variação e mudança, destacando influências históricas, sociais e geográficas na configuração do falar da região. Desta forma, o trabalho contribui para uma melhor compreensão da diversidade linguística em Portugal, bem como para o estudo da dinâmica dos falares regionais, tendo como principal foco o falar da Beira Baixa.

Palavras-chave

Dialeto; variação; mudança; Beira Baixa.

Abstract

This research project aims to analyse language variation and change, with a focus on the Beira Baixa area. The study examines the region's speech in phonetic, syntactic, and lexical levels, aiming to understand how these elements contribute to local linguistic identity and how they have evolved over a stipulated period of around 50 years, from 1970 to the present day, among Beira Baixa native speakers of different age groups. Using a sociolinguistic approach, linguistic data collected (through interviews and a questionnaire) in rural areas of the region is analysed. The results reveal relevant patterns of variation and change, emphasising historical, social, and geographical influences in determining how people speak in the region. In this way, the study contributes to a better understanding of language diversity in Portugal, as well as to the study of the dynamics of regional languages, particularly Beira Baixa.

Keywords

Dialect; variation; change; Beira Baixa.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1 – Fundamentos teóricos	4
1.1 A dialetologia e o Dialeto	4
1.2 A normatização da língua portuguesa na história	8
1.3 A variação linguística.....	12
1.3.1 Distinção entre dialetos, falares e variedades	17
1.4 Os dialetos portugueses: o dialeto centro-meridional (distinções e espaços)	18
1.4.1 Fonética.....	25
1.4.1.1 Vocalismo	25
1.4.1.2 Ditongos e hiatos	27
1.4.2 Morfossintaxe	27
1.4.2.1 Nomes e adjetivos	27
1.4.2.2 Pronomes e Artigos	28
1.4.2.3 Verbos	30
1.4.2.4 Advérbios	31
1.4.2.5 Preposições	31
1.4.2.6 Conjunções.....	31
1.4.3 Léxico	32
Capítulo 2 – Transcrição e análise de dados	43
2.1 O <i>corpus</i> linguístico.....	43
2.2 ALEPG, CORDIAL-SIN e MADISON.....	45
2.3 A transcrição ortográfica.....	48
2.3.1 Metodologia: convenções utilizadas	48
2.4 Transcrições ortográficas	50
2.4.1 Idanha-a-Nova.....	50
2.4.1.1 «A mezinha das abróteas».....	50
2.4.1.2 «O unheiro»	52
2.4.1.3 «Canto ao Menino Jesus»	53
2.4.2 Monsanto.....	54
2.4.2.1 «O trilho à pata de boi»	54
2.4.2.2 «O grito das almas»	55
2.4.2.3 «Orações da manhã»	56
2.4.3 Porto de Vacas	57
2.4.3.1 «A fogueira da rua».....	57

2.4.3.2 «As idas à Covilhã»	58
2.4.3.3 «Os carvoeiros».....	60
2.4.4 Unhais da Serra	63
2.4.4.1 «O trabalho da eira»	63
2.4.4.2 «O feno».....	64
2.4.4.3 «O fabrico do queijo».....	65
2.4.5 Isna.....	66
2.4.5.1 «Ainda se aí semeia muito milho»	66
2.4.5.2 «Os trabalhos do linho»	67
2.4.6 Malpica do Tejo	72
2.4.6.1 «O baptizado»	72
2.4.6.2 «A lavagem da roupa»	74
2.4.6.3 «O tratamento da constipação»	75
2.5 Fenómenos linguísticos seleccionados.....	77
2.6 Fonética	78
2.6.1 Vocalismo	78
2.6.1.1 Palatalização de <i>a</i> tónico	78
2.6.1.2 <i>E</i> tónico: labialização de [e] em [œ]	79
2.6.1.3. Avanço de vogal recuada [ɐ] para vogal não recuada [e]	80
2.6.1.4 Redução da vogal <i>i</i>	80
2.6.1.5 Inserção de <i>i</i> em posição final de palavra.....	80
2.6.1.6 Palatalização de <i>u</i>	81
2.6.2 Ditongos e hiatos	82
2.6.2.1 Monotongação	82
2.6.3 Consonantismo	85
2.6.3.1 Africada palatal surda	85
2.6.3.2 Supressão da fricativa [s] em posição final de palavra	85
2.7 Morfossintaxe	86
2.7.1 Preposição <i>a</i> antecedendo o infinitivo do verbo	86
2.7.2 Ele expletivo	86
2.7.3 Pronomes clíticos em próclise.....	87
2.7.4 Advérbios de lugar em posição pré-verbal.....	87
2.7.5 «A gente» e «ao depois»	88
2.8 Léxico.....	88
Capítulo 3 – A mudança linguística: o falar dos jovens	92
3.1 Recolha de dados	93
3.1.1 Entrevistas	93

3.1.1.1 Estrutura das entrevistas.....	93
3.1.1.2 Caracterização dos informantes	93
3.1.2 Questionário (lexical).....	95
3.1.2.1 Estrutura do questionário.....	95
3.1.2.2 Caracterização dos informantes	96
3.2 Transcrição ortográfica das entrevistas	99
3.2.1 Ficha 1	99
3.2.2 Ficha 2	100
3.2.3 Ficha 3	101
3.2.4 Ficha 4	102
3.2.5 Ficha 5.....	103
3.3 Análise dos dados obtidos	104
3.3.1 Fonética.....	104
3.3.1.1 Truncação da parte inicial do verbo <i>estar</i>	105
3.3.2 Morfossintaxe	106
3.3.3 Léxico.....	108
Considerações finais	115
Bibliografia.....	120
Anexos.....	xvi
Anexo I	xvii
Anexo II.....	xix
Anexo III.....	xxv

Lista de Mapas

Mapa 1 – Representação da forma «Ordenhar»	36
Mapa 2 – Representação da forma «(Fêmea) estéril»	37
Mapa 3 – Representação da forma «Cria da ovelha»	38
Mapa 4 – Representação da forma «Cria da cabra»	39

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Palavras de origem românica e árabe.....	41
Tabela 2 – Palatalização de <i>a</i> tónico.....	79
Tabela 3 – Labialização de [e] em [œ].....	79
Tabela 4 – Redução da vogal <i>i</i> e passagem de vogal neutra para <i>i</i>	80
Tabela 5 – Inserção de <i>i</i> em posição final de palavra	81
Tabela 6 – Palatalização de <i>u</i>	82
Tabela 7 – Monotongação de <i>ei</i> ([ej] > [e])	83
Tabela 8 – Monotongação de <i>eu</i> ([ew] > [e])	84
Tabela 9 – Africada palatal surda	85
Tabela 10 – Variantes lexicais	89
Tabela 11 – Monotongação de <i>ou</i>	105
Tabela 12 – Truncação da parte inicial do verbo <i>estar</i>	106
Tabela 13 – Recolha de dados dos informantes entrevistados (ficha de dados)	xxv

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Idade dos participantes	97
Gráfico 2 – Naturalidade dos participantes	97
Gráfico 3 – Local de residência dos participantes	98
Gráfico 4 – Escolaridade dos participantes	98
Gráfico 5 – Línguas estrangeiras faladas pelos participantes.....	99
Gráfico 6 – Representação de variantes da forma «Extrair o leite»	110
Gráfico 7 – Representação de variantes da forma «(Fêmea) estéril»	111
Gráfico 8 – Representação de variantes da forma «Cria da ovelha»	111
Gráfico 9 – Representação de variantes forma «Cria da cabra»	112
Gráfico 10 – Representação dos pares de itens lexicais.....	113

Anexo

Anexo I – Ficha de dados sociolinguísticos para entrevistas	xvii
Anexo II – Questionário lexical	xix
Anexo III – Tabela de recolha de dados das entrevistas	xxv

Introdução

A língua portuguesa conheceu, a partir do momento da independência do Brasil, uma polarização nos seus centros irradiadores das normas escrita e falada, estabelecendo, dessa forma, duas normas distintas e favorecidas no mundo lusófono: a brasileira, assente nos dialetos do Sudeste, e a portuguesa, marcada pela predominância da faixa litoral Lisboa-Coimbra. A predominância de uma norma-padrão sobre as demais variantes que a rodeiam cria a ilusão de uma superioridade natural da norma brasileira e portuguesa, pelo que, no caso português, esta ilusão ganha um sentido reforçado pelo forte centralismo lisboeta, principal promotor (direta ou indiretamente) desta ilusão. Cabe aos naturais das demais regiões dialetais a defesa das suas variantes, dado que, para além da Lusofonia não se circunscrever a Lisboa-Coimbra e Rio de Janeiro-São Paulo, o intensificar da globalização e dos média em massa, assim como o progressivo acolhimento de emigrantes lusófonos dentro das fronteiras nacionais, levam a um esbatimento gradual das diferenças dialetais, parte integrante do património vivo que é a língua portuguesa. Posto isto, cabe-nos, enquanto falantes da língua portuguesa e portadores de dialetos socialmente desfavorecidos, preservá-los, tornando-os objeto de estudo. Dentro dos dialetos portugueses, verifica-se, já desde os estudos de classificação de um dos grandes estudiosos da dialetologia portuguesa, José Leite de Vasconcelos, uma menor distinção na zona ocupada pelos dialetos portugueses centro-meridionais. No entanto, sabe-se que estas variedades linguísticas vêm acompanhadas de fortes particularidades e não apenas de fenómenos que dão continuidade a outro tipo de dialetos.

É sabido que as línguas não são conceitos estáticos e, como tal, sofrem mudanças e variações várias de forma constante e sistemática. Cabe à Linguística Histórica descrever e estudar a mudança linguística, bem como a História da Língua, que se aplica a uma determinada língua. Desta forma, as línguas, enquanto meios de comunicação, passam por diversas mudanças de forma natural e contínua, acompanhando as transformações nas sociedades que as utilizam. Estas mudanças afetam todos os aspetos da gramática da língua, quer na sua estrutura – influenciada pelas reinterpretações que ocorrem em cada geração durante o processo de aquisição da linguagem –, quer em diversos outros fatores, alguns deles fisiológicos, nomeadamente no domínio do vocabulário, no qual as alterações geralmente resultam do contacto linguístico ou das novas realidades e necessidades da comunidade falante. É importante destacar que, ao contrário da crença dos antigos gramáticos, os processos de mudança não levam necessariamente ao desenvolvimento ou ao declínio das línguas (cf. BANZA & GONÇALVES, 2018: 8).

Quer isto dizer que a língua portuguesa, quer a falada em Portugal e nos países africanos de língua oficial portuguesa, vulgo PALOP (Português Europeu), quer a falada no Brasil (Português do Brasil), não é nem sempre foi a mesma. Acerca do português falado em Portugal, sabe-se que se verificam fenómenos linguísticos específicos em determinadas zonas do território português, isto é, produções da língua portuguesa que não se veem em outro lado senão aí mesmo. Tal se verifica por todo o território nacional, quer na zona Norte do país, quer nas regiões Centro e Sul, quer nos arquipélagos da Madeira e dos Açores. É natural que com a existência de variedades linguísticas tão numerosas nos surja a questão do que define a língua portuguesa como conceito. Ivo Castro começa a sua obra *História da Língua Portuguesa* por definir que a língua portuguesa é não mais do que um sistema linguístico (cf. CASTRO, 2004: 13). O linguista afirma que o problema da homogeneidade e da coesão interna entre todas as variedades do português se deve ao facto de a língua portuguesa «ocupar vastos espaços geográficos descontínuos, em diversos continentes, habitados por comunidades dissemelhantes nas suas origens étnicas e do seu modo de viver actual» (CASTRO, 2004: 13). Entenda-se:

[...] quando tomamos consciência de que muitos brasileiros têm dificuldade em reconhecer como sua a variedade que usamos em Portugal; e quando a tese de cisão efectiva entre português europeu (PE) e português brasileiro (PB) é defendida consistentemente por muitos linguistas, não apenas brasileiros; quando, por outro lado, vemos galegos defender que a língua que falam e em que escrevem é a portuguesa; quando, finalmente, o exame da situação linguística em Moçambique e Angola revela indícios de estarem a ser aí constituídas gramáticas não coincidentes com o PE ou o PB – quando tomamos consciência de percepções tão contraditórias, fica-nos a sensação de que, possivelmente, a designação língua portuguesa não significa o mesmo para toda a gente. (CASTRO, 2004: 12)

É precisamente pela necessidade de defesa da unidade da língua que se identificaram, numa primeira instância, por Celso Cunha e, mais tarde, Lindley Cintra, três normas nacionais, sendo elas a norma do Português Europeu, a norma do Português Brasileiro e a norma galega, esta última em «vias de fixação» (CASTRO, 2004: 14). Facto é que, ainda que todos estes territórios tenham a língua portuguesa como língua oficial, são utilizadas muitas outras línguas, como o Mirandês, no caso de Portugal, e as línguas das comunidades indígenas, quer no Brasil (onde são consideradas como línguas oficiais), quer nos PALOP. Nestes últimos, são mais raros os falantes nativos de português do que os falantes de línguas indígenas, havendo ainda a questão dos crioulos e dos pidgins, originários do contacto histórico de línguas africanas com o português. É também neste contexto que se verificam os mais variados dialetos, que contribuem, juntamente com as próprias normas nacionais, para a vasta variação linguística existente dentro da língua portuguesa.

Posto isto, sabendo a importância da variação linguística no panorama da língua portuguesa como língua de coesão e sabendo igualmente da existência de dialetos desprovidos de estudos aprofundados, o presente trabalho compromete-se a analisar fenómenos de variação dialetal do Português Europeu na região da Beira Baixa, fenómenos esses que podem ser lexicais, sintáticos ou fonéticos. Para uma definição da região estudada, extraíram-se dados das localidades de Idanha-a-Nova, Monsanto, Porto de Vacas, Unhais da Serra, Isna e Malpica do Tejo. Os objetivos são, portanto, descrever, explicitar e analisar a coerência da diversidade observada no conjunto de dados considerado, com vista a determinar se estamos, de facto, diante de uma mudança linguística significativa, ou se são apenas variações dentro da língua. Partindo das convenções linguísticas comuns, analisar-se-ão os dados extraídos de ficheiros de áudio disponíveis no atlas MADISON (Mapa Dialetal Sonoro), que refletem a linguagem quotidiana. Além disso, serão analisadas as expressões orais de falantes nativos, uma vez que a língua oral é a principal fonte de mudança linguística. Sendo o foco da pesquisa a variação linguística, é relevante explorar e averiguar os desvios e alterações que têm sido observados com o passar do tempo. O uso de determinadas estruturas pelos falantes do Português Europeu tem demonstrado, nas últimas décadas, uma simplificação notável. Essa simplificação é recorrente não apenas na linguagem informal, mas, também, em diversos contextos situacionais. Passa pelos objetivos de cada estudioso da variação linguística, portanto, apresentar, especificar e perscrutar a consistência das variações presentes nos termos ou estruturas consideradas, tentando, dessa forma, determinar se essas mudanças representam uma transformação real ou se são apenas tendências passageiras que podem ser revertidas.

Os exemplos a serem estudados serão retirados de um conjunto de dados do último quartel do século XX, e o objetivo principal será analisar as variações e mudanças na língua corrente, entre os anos 1970-2000. Tal permitirá verificar se as alterações que estavam em curso nas décadas de 70/80/90 se generalizaram ainda mais ao longo de um período de aproximadamente 50 anos, ou se as mesmas já se tornaram parte da norma linguística do Português Europeu. Dessa forma, será possível entender melhor as transformações que ocorrem durante o período em questão.

Capítulo 1 – Fundamentos teóricos

1.1. A Dialetoлогия e o Dialeto

O interesse em analisar de forma sistemática o uso da linguagem e a atenção voltada para as diferentes variações geográficas sempre foram aspetos presentes ao longo da história das sociedades, seja por mera observação, seja como uma ferramenta política, seja como método de descrição das línguas. Maria Helena Mira Mateus afirmou, aliás, que «a investigação da diversidade nos vários domínios linguísticos é fator indispensável na consolidação da unidade da língua» (MATEUS, 1986: 145). A análise dialetal de uma língua é levada a cabo pela disciplina da Dialetoлогия, a disciplina que estuda os dialetos, isto é, as diferenças regionais de uma língua. O arranque da dialetoлогия científica em Portugal foi levado a cabo por Leite de Vasconcelos, que recolheu ao longo de toda a sua vida materiais até hoje indispensáveis para o estudo dos dialetos. Nas numerosas viagens que empreendeu incansavelmente por todo o território português, Leite de Vasconcelos registava sistematicamente as características linguísticas das localidades visitadas. Muitas das vezes, essas observações eram anotadas em papéis diversos, como bilhetes de transportes, margens de jornais, talões e cadernos de viagem que levava sempre consigo. Com essas anotações, foi possível agrupar uma grande quantidade de folhas soltas e cadernos totalmente escritos (cf. BRISSOS, 2011: 173). No entanto, a metodologia levada a cabo por J. L. Vasconcelos é considerada, hoje, limitada: as suas investigações não eram sistemáticas, não havia um questionário elaborado segundo os padrões vigentes, e confrontava apenas a linguagem-alvo nos próprios locais e conforme as ocasiões. Contudo, são dados ainda hoje indispensáveis para qualquer estudo de variação.

Na génese da Dialetoлогия, por sua vez, estão muito mais do que apenas os estudos dialetais: está toda a descrição da diversidade espacial das línguas e a observação do confronto da realidade linguística nas diferentes zonas onde a mesma língua é falada (tendo sempre em conta fatores como a sociedade e os registos). Os dois maiores interesses da disciplina são, portanto, entender a forma como as línguas se distribuem no espaço, ou seja, analisar as variações geográficas e as relações entre os demais dialetos, e realizar comparações léxico-gramaticais entre as diferentes variedades linguísticas. Afirma Suzana Cardoso que a Dialetoлогия, como campo de estudo, é:

[...] a ciência da variação espacial, da delimitação dos espaços, do reconhecimento de áreas dialetais, contribuindo para uma visão de dialeto que extirpe preconceitos e seja desprovida de estigmatização. (CARDOSO, 2010: 45)

Assim, para além de identificar, descrever e mapear os diversos usos de uma língua, é crucial procurar uma abordagem dialetológica que não negligencie a influência de outros elementos externos à linguagem, dado que os falantes, apesar de estarem fixados geograficamente, estão, também socialmente envolvidos, atuando como principais agentes na formação histórica da sua língua.

A primeira definição do termo dialeto foi feita por Rafael Bluteau, na sua obra *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-1728). O autor considera dialeto o «modo de falar próprio, & particular de uma língua nas diferentes partes do mesmo Reino; o que consiste no acento, ou na pronunção, ou em certas palavras, ou no modo de declinar, & conjugar [...]» (BLUTEAU, 1713: 205). O estudo organizado dos dialetos teve início no final do século XIX, através do trabalho pioneiro de Graziadio Isaia Ascoli, conhecido amplamente como um dos primeiros estudiosos da dialetologia. Foi o fundador da revista *Arquivo Glotológico Italiano* e publicou uma série de estudos focados na dialetologia. Os primeiros estudos sobre as variedades geográficas não padronizadas revelaram uma considerável variação e uma distribuição aparentemente desordenada das formas dialetais, o que levou a uma reavaliação dos fenómenos relacionados à mudança linguística ao longo do tempo, demonstrando que esse processo nem sempre ocorre de maneira uniforme, afetando as palavras de formas distintas (cf. BAZENGA, 2017: 6).

O termo dialeto, como hoje o conhecemos, denota a forma de fala específica de uma língua que é associada a uma região em particular, identificando-se como um traço distintivo da língua local. Os dialetos são importantíssimos para os estudos linguísticos, uma vez que são considerados vias de acesso ao passado, podendo revelar inúmeras mudanças na língua (cf. BAZENGA, 2016: 4). Desta forma, coexistem com uma determinada língua, não tendo, no entanto, o prestígio e importância cultural e social da norma linguística dessa língua. No entanto, refletem a história, as tradições e a identidade de uma determinada região. No seu artigo «Lengua y Dialecto/ Gramática y Dialectología», o linguista espanhol Lope Blanch equipara o conceito de dialeto ao conceito de fala, diferenciando-os, precisamente, de língua:

[...] dialecto o habla es la manera en que el individuo o la sociedad realiza – hacen uso real – (d)el sistema. Es decir que la lengua, el sistema lingüístico en abstrato, se materializa y vive a través de sus dialectos. Todo acto de habla, de comunicación lingüística, será um hecho dialectal (BLANCH, 1998: 45)

Nesse sentido, o linguista Eugen Coseriu, por sua vez, depreende que uma língua histórica, como o caso da língua portuguesa, não se resume a um único modo de falar; pelo contrário, representa uma coleção histórica de maneiras de falar semelhantes e conectadas entre si (cf. COSERIU, 1982: 12). Os dialetos ou fazem parte

dessa coleção, ou formam grupos menores dentro de uma mesma coleção. O linguista destaca ainda que uma língua histórica se concretiza através das suas diferentes variações, variações essas consideradas como sistemas menores e independentes em si mesmos. Dessa forma, não se fala a língua portuguesa, por exemplo, na sua totalidade, mas, sim, emprega-se uma parte específica dessa língua, ou seja, dessa variação. William Dubois, sociólogo proeminente, definiu o termo dialeto, indo ao encontro dos ideais de Coseriu, como «uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usada num ambiente mais restrito do que a própria língua» (DUBOIS, 1978: 184).

A variedade linguística, por seu turno, é natural, isto é, é uma característica inevitável das línguas, e os dialetos são produtos dessa variação. Não há, portanto, uma única forma correta de comunicarmos, mas, sim, diferentes formas igualmente válidas nos seus contextos. Não se deve, portanto, estigmatizar dialetos em relação à norma-padrão da língua, tampouco estigmatizar dialetos entre si. A diversidade linguística, sendo uma característica intrínseca a qualquer língua, confere riqueza à cultura e à comunicação entre os demais falantes. Ao estigmatizar-se um dialeto, corre-se o risco de suprimir tal diversidade, o que pauperiza a língua. Cada dialeto é uma forma igualmente válida de comunicação. A estigmatização pode levar à criação de uma hierarquia linguística que pode ser utilizada para marginalizar e discriminar os falantes de um determinado dialeto, perpetuando desigualdade linguística e social. Deverá ter-se em conta, ainda, que a norma-padrão não mais é do que uma convenção, isto é, uma construção idealizada da língua baseada na variedade linguística de uma elite social que, eventualmente, muda. Não é representativa e natural para todos os falantes de uma mesma língua. A imposição de uma norma-padrão como uma noção de correto é arbitrária. O impacto de uma variedade prestigiada sobre as variedades que a cercam pode variar, dependendo da distância entre o centro e as áreas periféricas de um determinado espaço onde se fala uma língua. Geralmente, quanto mais próxima do centro uma variedade é produzida, maior propensão terá à introdução de inovações linguísticas, ao passo que, nas regiões mais distantes, predomina uma tendência à estabilidade e conservadorismo de variedades (cf. ARAÚJO, 2020: 59).

O linguista Manuel Alvar, em 1961, no seu artigo «Hacia los conceptos de lengua, dialecto y hablas», já havia fixado o conceito de dialeto, tendo-o como característica de qualquer área geográfica, visão que Celso Cunha e Lindley Cintra, na sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, também defendem. Citando Alvar:

DIALECTO es [...] «un sistema de signos desgajado de una lengua común, viva o desaparecida; normalmente, con una concreta limitación geográfica, pero sin una fuerte diferenciación frente a otros de origen común». De modo secundario,

pueden llamarse dialectos «las estructuras lingüísticas, simultáneas a otra, que no alcanzan la categoría de lengua». (ALVAR, 1961: 57)

Posto isto, não será errado afirmar que os dialetos existem porque, em primeira instância, existe uma norma-padrão. Uma norma é uma variedade linguística normalmente associada, como já referido, à variedade das classes sociais mais cultas e aos centros urbanos de maior influência. A norma-padrão de uma língua é a variedade prestigiada, definida por aspetos meramente sociais. A norma abrange a ortoépia, isto é, a pronúncia considerada mais correta, a seleção vocabular, inúmeras questões sintáticas, a atribuição de significados, variados conectores, a ortografia correta, princípios de interação conversacional, princípios de cortesia, entre outros. Mateus e Cardeira (2007) diferenciam ainda a «norma-padrão», descrevendo-a como o modelo ideal, a «norma-culta», afirmando ser o modelo real, utilizado pelas camadas mais escolarizadas da sociedade. (cf. MATEUS & CARDEIRA, 2007: 23). Já Manuel Said Ali afirmada que a norma de uma língua não é senão «o dialeto que, entre outros muitos usados no mesmo país, se preferiu empregar como linguagem de chancelaria, servindo para a escritura de todos os documentos oficiais» (SAID ALI, 1964: 18). Curiosamente, dentro dos dialetos portugueses, segundo o mesmo autor, foram os dialetos falados no norte do país que se tomaram como aqueles que constituíam a língua portuguesa, uma vez que é nele que se conservam as mais numerosas marcas da origem da língua portuguesa (cf. SAID ALI, 1964: 18).

Convergindo principalmente com uma categoria social e cultural, especificamente das classes cultas com maior prestígio e poder, a norma geralmente coincide com uma variedade geográfica, que, no caso do português, é delimitada aproximadamente pelas zonas urbanas do litoral centro, tendo como pontos principais Lisboa e Coimbra. No entanto, ao considerar as atuais variedades dialetais como um resultado natural da mudança linguística, torna-se evidente que os fatores que elevam uma delas ao estatuto de língua-padrão não são inerentemente linguísticos. Por outro lado, dado que as línguas estão em constante evolução, apresentando diversos fatores de variação sincrónica de natureza geográfica, social e individual, observa-se que certas inovações inicialmente consideradas inaceitáveis num determinado momento desencadeiam frequentemente processos de mudança. Quer isto dizer que, após um período de convivência entre a forma antiga e a inovação, as mudanças resultam, possivelmente, na sobreposição das inovações em relação às formas antigas, incorporando-as na norma. Importa mencionar que a norma é meramente convencional, acompanhando as mudanças da sociedade (por vezes, estabelece-se unicamente por força do hábito). No entanto, a necessidade de uma norma justifica-se se tivermos em conta a unificação da língua. A norma-padrão é a variedade consagrada

nos instrumentos e documentos oficiais associados à institucionalização de uma língua, ao seu ensino e à sua divulgação, como os dicionários, as gramáticas e as obras didáticas. É, portanto, de suma importância compreender as interações entre a norma linguística e os meios que a definem e estabelecem, por um lado, e os processos de mudança e variação, por outro.

Do ponto de vista linguístico, afirma Aline Bazenga que «não é possível estabelecer uma hierarquia entre as variedades sociais e geográficas de uma língua, estando todas elas estruturadas e obedecendo às suas próprias normas» (BAZENGA, 2017: 2). Não obstante, a norma-padrão também está sujeita a mudanças ao longo do tempo, conforme as transformações históricas na sociedade. A dispersão geográfica de um idioma pode abranger múltiplos países e continentes, sendo esse o caso da língua portuguesa. As condições históricas e culturais levaram à formação, como já referido no tópico 1. Introdução, de duas variedades nacionais – o Português Europeu e o Português do Brasil – cada uma com as suas próprias normas-padrão. Ambas partilham a característica de serem modelos de referência mais ou menos consensuais, fortalecendo, dessa forma, a identidade e a coesão social. O português europeu padrão é frequentemente descrito como o português falado pelas classes cultas nativas da região de Coimbra e Lisboa. Esse dialeto apresenta muitas semelhanças com os dialetos do Centro e Sul de Portugal Continental, com os quais está relacionado, como veremos adiante, embora também se distinga deles em algumas características específicas. Os falantes de uma língua possuem, num determinado período, diversas normas de uso da mesma, ou seja, sistemas de regras e formas variantes que variam de acordo com as suas experiências linguísticas, que aprofundaremos adiante, como a região geográfica, o nível educacional, o estatuto socioeconómico e as relações sociais.

1.2. A normatização da língua portuguesa na história

Antes de se pensar na normatização da língua portuguesa, a língua passou por longos e demorados processos. Para além das características do latim vulgar, que formaram a base das línguas românicas, é essencial considerar o papel dos superstratos e dos adstratos na formação da língua portuguesa. Um superstrato, como contam Banza e Gonçalves (2018), refere-se à língua de um povo dominador que é abandonada para adotar a língua do povo vencido, destacando-se, nesse espectro, as línguas germânicas dos Suevos e dos Visigodos, dois povos que derrotaram os romanos e adotaram, posteriormente, a sua língua. Quanto ao papel dos Suevos, importa ressaltar o papel crucial que desempenharam ao «isolar o canto noroeste da Península, correspondente, grosso modo, à *Gallaecia Magna*» (BANZA & GONÇALVES, 2018: 24). Tal contribuiu significativamente para a diferenciação, em particular, do galego-

português. No caso dos Visigodos, que dominaram quase toda a Península, destacam-se principalmente as influências ao nível do léxico (vejam-se os exemplos *Guimarães*, *Sendim*, *Álvaro* e *Fernando*, considerados pelas autoras).

No que diz respeito às influências de adstrato, sendo o conceito entendido como a presença de uma língua ao lado de outra (o chamado bilinguismo) num determinado território (cf. BANZA & GONÇALVES, 2018: 26), estas têm forte interferência na forma de empréstimos. Neste caso, importa considerar o árabe. As invasões árabes causaram alterações significativas, quer no âmbito político-social, quer no âmbito linguístico, desempenhando um papel crucial na supressão de possíveis variantes linguísticas que poderiam ter surgido no sul. Esse acontecimento intensificou ainda mais a divisão norte/sul, resultando num mapa compartimentado ao norte, onde a influência árabe não chegou, e uma região unificada sob o domínio político árabe no sul (cf. BANZA & GONÇALVES, 2018: 28). Já durante a reconquista cristã, o galego-português do norte expandiu-se para o sul, ganhando espaço nacional no século XII, com a formação do reino de Portugal. A língua assumiu uma forma escrita a partir, estima-se, de meados do século XII, afastando-se progressivamente do galego¹. Considera-se que a separação definitiva do galego ocorreu no final do século XIV ou no início do século XV (cf. BANZA & GONÇALVES, 2018: 30).

No que toca à formação da língua portuguesa, importa ainda mencionar que há um conjunto de períodos na história da mesma. A proposta de Lindley Cintra, por exemplo, diz-nos que existem cinco períodos da língua portuguesa: o pré-literário, desde 882 até cerca de 1200; o português antigo, até 1385-1420; o português médio, até 1536-1550; o português clássico, até ao século XVIII; e o português moderno, desde o século XIX até à atualidade (cf. CASTRO, 2004: 83). Mais importante do que os períodos da língua, afirma Ivo Castro, são os ciclos, devendo cada estudioso da língua assumir dois principais ciclos evolutivos: o ciclo da Formação da língua e o ciclo da Expansão da língua. Entenda-se:

a) o ciclo da Formação da língua, que decorre entre os sécs. IV e XV na esteira da Reconquista do território dos árabes; os povos do norte transplantaram a sua língua para o sul, onde ela se transformou pelo contacto com a língua local e ganhou, a partir do séc. XV, ascendente sobre os dialectos do norte, tornando-se base de uma norma culta de características meridionais, que seria vista como a língua nacional.

b) o segundo ciclo é o da Expansão da língua: o período do séc. XV a inícios do séc. XVI é aquele em que a língua mais radicalmente se transfigura. Enquanto se reestruturava e consolidava dentro de portas, a língua portuguesa começa a expandir-se para fora da Europa, pelo que, a partir de então, é preciso distinguir entre português europeu e português extra-europeu. (CASTRO, 2004: 85)

¹ Destaque-se a colaboração de estudiosos como Ana Maria Martins, José António Souto Cabo, António Emiliano e Susana Pedro na descoberta de numerosos documentos que remetem ao século XII.

É, portanto, a partir do ciclo da Expansão da língua que o português começa a ser tomado como um ponto forte de coesão entre o povo português e os demais, tendo o seu auge a partir do momento dos Descobrimentos (termo que vem sendo debatido), momento no qual se viu necessária uma normatização da língua.

Assim, a normatização da língua portuguesa leva-nos ao século XVI. Há, ao longo da história do português, um período cronológico que tem máxima importância para aquilo que é o objeto da variação da língua: a expansão ultramarina. A expansão dos portugueses é, nos séculos XV e XVI, o maior contributo para o nascimento de uma cultura mundial. A língua portuguesa é um aspeto capital de toda a temática dos Descobrimentos e torna-se, nessa época, a língua por excelência da comunicação marítima e mercantil (língua franca), em especial nos litorais africano e oriental, sob a forma de crioulos locais. Assim, com a descoberta e exploração do Brasil, bem como dos territórios posteriormente colonizados (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e Macau), não só houve uma expansão em termos territoriais, como também houve uma expansão em termos linguísticos. No que toca à língua portuguesa, é um facto que teve o estatuto de língua franca durante os séculos XVI, XVII e XVIII, ajudando, assim, as trocas comerciais e a pregação, tendo sido, por isso, a língua europeia de maior difusão global e uma língua pluricêntrica, crucial para a formação do império português. É nesse contexto que se elaboram as primeiras gramáticas europeias, com vista a dar resposta à necessidade de afirmação social, cultural e política das línguas próprias. Fernão de Oliveira foi o autor de uma das primeiras gramáticas do português, em 1536, a *Grammatica da lingoagem portuguesa*, que constituiu a primeira produção gramatical em e sobre o português, uma obra que reflete a individualidade e singularidade da língua portuguesa, chegando o autor a considerá-la superior ao latim e ao grego, quer pela sua antiguidade, quer pela sua riqueza em aspetos linguísticos. Também Duarte Nunes Leão deu o seu contributo, com as obras *Orthographia da Lingoa Portuguesa* (1576) e *Origem da Lingoa Portuguesa* (1606). Estas obras tinham como principal objetivo ditar os usos linguísticos que se deveriam evitar.

O português teve na sua evolução uma parte do latim determinante para a formação das suas regras de escrita. A gramática do português foi fortemente influenciada pela gramática do latim, ainda que, vistas de forma sintética, pareçam não se assemelhar. O galego-português, ou galaico-português, também assim denominado, perdeu a sua unidade linguística aquando da deslocação da Corte para o centro litoral do país. Com esse facto deu-se uma nova versão do português então falado, que se imortalizou nas figuras de Luís Vaz de Camões, que o mostrou ao mundo com a sua

obra *Os Lusíadas*, bem como Fernão de Oliveira e Duarte Nunes Leão, que criaram as primeiras gramáticas do português, já citadas, ditando as regras para um português culto e padronizado.

De todas as mudanças linguísticas trazidas pelos Descobrimentos, importa realçar as que se notam no domínio do vocabulário. O linguista Paul Teyssier, na sua obra *História da Língua Portuguesa*, demonstra a forma como o português europeu absorveu uma variedade considerável de palavras exóticas provenientes de África, Ásia e, posteriormente, do Brasil. Veja-se:

Houve, então, uma nova injeção de palavras árabes, vindas da África do Norte, da África do Leste ou do Oceano Índico; ex.: *cáfila*, *almadia*, *moução-monção*. Todas as principais línguas do Sudoeste da Ásia trazem a sua contribuição: as da Índia (principalmente na zona dravídica do Sul), o malaio, o chinês, etc. Um levantamento muito completo dessas palavras foi feito por Mons. Sebastião Rodolfo Dalgado no *Glossário Luso-Asiático* (Coimbra, 1919-1921)⁶⁶. Do dravídico vem *pagode*; do malaio, *amouco*, *bada*, *champana*, *çumbaia* (zumbaia), *jangada*, *varela*; do chinês, *junco*. Alguns desses vocábulos resultam de cruzamentos complexos, como, por exemplo, *mandarim*, palavra malaia vinda ela mesma do sânscrito e contaminada pelo português *mandar*. Outras foram a fonte de uma derivação propriamente portuguesa: assim, de *veniaga* (palavra malaia) foi tirado *veniagar* (“traficar”), e de *chatim* (palavra dravídica, que significa “mau comerciante”) saiu *chatinar*, *chatinador*, *chatinagem*, *chatinaria*. (TEYSSIER, 1982: 59)

Não obstante, sendo do conhecimento geral que a língua portuguesa tem origem no latim vulgar que nos foi trazido pelo povo romano e que foi por nós, portugueses, modificado, importa realçar que a questão da variação linguística tem especial interesse quando verificamos que já o latim vulgar sofria de variação, não fosse ele diferente do latim literário, utilizado pelos escritores. Leite de Vasconcelos, na sua obra *Lições de Philologia Portuguesa* (1911) já o afirmava, confirmando que a variação existe a partir do momento em que existe uma determinada língua:

Deve entender-se que em todas as nações onde se cultivam as letras, as pessoas cultas podem servir-se de expressões, distinguir sons, e usar vocabulos, diversos dos das pessoas incultas. [...] Dão-nos principalmente noticia do latim vulgar: as inscrições, quando gravadas por artificies pouco peritos, ou quando representam vocabulos locaes; os grammaticos, quando combatem e exemplificam o que eles chamam falar vicioso; certos narradores, e poetas dramaticos, quando, para produzirem effeito comico, fazem que os seus personagens falem a lingua quotidiana; alguns auctores da epoca da decadencia litteraria. (VASCONCELOS, 1911: 13)

A língua portuguesa, no entanto, e ao contrário do que se possa pensar, não nasceu ao mesmo tempo em todo o território que hoje ocupa (quer em Portugal, quer nos restantes países), mas, sim, na Galécia Magna, como refere Banza e Gonçalves (2018), um território que hoje corresponde, em grande parte, à Galiza, em Espanha,

fazendo fronteira com a zona norte de Portugal. Ivo Castro destaca ainda que a população nativa desse território «fala a mesma língua que os seus antepassados nunca deixaram de aí falar» (CASTRO, 2004: 9).

Importa salientar que as pessoas mudam a sua perspetiva acerca de determinados aspetos da língua ao longo do tempo, e essa mudança reflete-se não apenas nas formas de linguagem não convencionais, mas, também, nas formas convencionais. O padrão atual da língua portuguesa é completamente diferente do modelo idealizado e documentos em épocas passadas. Vejam-se os exemplos de Bazenga (2017): no século XVIII, a diferenciação entre os sons [tʃ] e [ʃ] em palavras grafadas com <ch>, como «chamar» e «chuva», e <x>, como «baixo» e «puxar», era considerada correta. O uso generalizado de [ʃ] nesses contextos, especialmente observado no centro e sul de Portugal Continental, era desaprovado por ser associado à língua popular. No século XIX, a produção de [tʃ] passou a ser vista como um traço dialetal (ainda hoje presente no norte de Portugal, característica forte dos dialetos setentrionais), enquanto [ʃ] se tornou a produção prestigiada (cf. BAZENGA, 2017: 3).

1.3. A variação linguística

No concerne à variação linguística, importa ter em conta que a língua oral e escrita do português enfrenta diversas variações e desvios, ou seja, não é, nem nunca foi, homogénea. Tal significa que os falantes a utilizam de diferentes formas e são os próprios que aceitam ou rejeitam determinadas alterações. Sabe-se que o conceito de variação é comum a todas as línguas vivas, quer no plano diacrónico (ao longo do tempo, ou seja, a variação de uma língua com o passar dos anos), quer no plano sincrónico (a variação da língua num determinado período). Ainda, fazem parte da variação linguística todos os fenómenos linguísticos, mais ou menos determinantes, que fogem à norma-padrão de uma língua. Entenda-se:

Num determinado momento, em sincronia, os falantes de uma língua dispõem, assim, de diferentes normas de uso, ou de diferentes sistemas de regras e de formas variantes, conforme as suas experiências linguísticas (região, educação, nível socioeconómico, relações sociais, etc.). (BAZENGA, 2016: 2)

A partir da primeira metade do século XV, na sequência dos Descobrimentos, sucederam-se várias conquistas e ocupações de territórios. Portugal foi, de facto, um dos pioneiros na abertura dos países descobertos ao mundo. A língua portuguesa está hoje entre as línguas mais faladas em todo o mundo, sendo a terceira língua (europeia) com maior número de falantes. É natural que haja variação, uma vez que não é utilizada da mesma forma em espaços como, por exemplo, Portugal e Brasil, em que o português apresenta diferenças fonológicas, lexicais e sintáticas muito distintas. No que

toca a aspetos fonético-fonológicos, já em 1767 Frei Luís do Monte Carmelo, na sua obra *Compendio de Orthographia* destacava, pela primeira vez, um traço fonético distintivo do português falado pelos brasileiros e do português falado pelos portugueses: a não distinção entre as vogais pretónicas abertas e fechadas (e.g. cadeira, c[a]adeira), isto é, para além da vogal da sílaba tónica, apresentam vogal aberta na sílaba pretónica. Por sua vez, um pouco mais tarde, em 1822, Jerónimo Soares Barbosa, na sua obra *Grammatica Philosophica*, destacou aspetos como a substituição de /e/, em posição medial e final de palavra, por /i/, em palavras como menino (m[i]nino) e em pronomes como me (mi), bem como a produção do fonema /z/ em palavras com -s, quer em contexto medial, quer em contexto final de palavra (e.g. livros, livro[z]; mistério, mi[z]tério). Outras diferenças também poderão ser destacadas, como a não pronúnciação do ditongo -ei em posição interna de palavra (e.g. primeiro, prim[e]ro).

Se em Portugal se notam diferenças de distrito para distrito, notar-se-ão ainda mais diferenças em cada país que utiliza o português como língua oficial (vejam-se os casos dos diferentes PALOP, em que a variação é substancial em cada um deles e entre eles). A questão da variação linguística pode verificar-se nas diversas áreas da gramática, sendo facilmente reconhecida no léxico (vocabulário), na sintaxe (ordem de palavras) e na fonética (sons), esta última já verificada nos exemplos estudados por Luís do Monte Carmelo e Jerónimo Soares Barbosa. Quanto ao vocabulário, se compararmos os verbos «apanhar» e «pegar», vemos que são utilizados de forma sinónima: em Portugal utiliza-se o verbo em expressões como «apanhar o autocarro» e no Brasil utilizam-no de igual forma em expressões como «pegar o ônibus» (cf. DUARTE, 2000: 22); destaque-se, também, a sinonímia entre «autocarro» e «ônibus». Na sintaxe, por sua vez, podemos comparar a colocação dos pronomes átonos em produções como «faz-me», no Português Europeu e «me faz», no Português do Brasil.

As línguas apresentam, tradicionalmente, quatro tipos de variação: a variação diacrónica, que reúne todas as mudanças da língua ao longo do tempo; a variação diatópica, que alberga as diferenças relativas ao espaço geográfico, como falares locais e variantes regionais; a variação diastrática, relacionada às diferenças linguísticas entre as diferentes camadas socioculturais (esta depende de fatores vários, como o nível de escolarização e idade dos falantes); e a variação diafásica, relacionada aos diferentes estilos adotados durante um discurso (esta vai depender, claro, de a língua ser falada ou escrita, de o registo discursivo ser formal ou informal, etc.). Do fator geográfico concluímos que, embora a língua portuguesa em Portugal seja bastante uniforme em comparação com outros espaços europeus, há inúmeras diferenças entre dialetos, principalmente em termos de fonética e léxico. Tratar-se-á desse assunto no tópico 1.3.1 Fonética. Quanto à variação social, o contexto social é crucial. Existem diferentes

grupos sociais e profissionais aos quais os falantes pertencem, grupos esses com características culturais e educacionais específicas, o que influencia os conhecimentos que os mesmos adquirem. Tal reflete-se em comportamentos variados, como diferentes formas de usar a língua (vejam-se os exemplos dados por Inês Duarte, «vou fazer o comer» e «vou fazer a comida» (cf. DUARTE, 2000: 24). No que respeita a variação diafásica, esta relacionada com a pragmática (contexto), destaque-se que o grau de formalidade da situação discursiva e a modalidade utilizada (oral ou escrita) determinam os estilos e os registos da língua utilizados pelos falantes. Em situações de informalidade, como uma conversa casual com amigos, não se utilizarão formas de tratamento como «Vossa Excelência»; pelo contrário, utilizar-se-ão com maior facilidade formas sincopadas que não se utilizariam num contexto que obrigasse a formalidade, como «tás a ver?» (cf. DUARTE, 2000: 24). Sobre este assunto, diz-nos a linguista Inês Duarte:

O reportório dos estilos dominados por cada falante adulto deve permitir-lhe comportar-se verbalmente de forma adequada a cada situação em que é chamado a interagir com outros membros da mesma comunidade linguística ou a exprimir-se oralmente ou por escrito. [...] Na generalidade das sociedades que dispõem de uma língua dita de cultura, i.e., com uma longa tradição escrita, uma das variedades geográficas e sociais adquire maior prestígio e é erigida em norma ou língua padrão. A importância da língua padrão não advém de características linguísticas que mereçam a sua valorização, mas sim do papel que passa a desempenhar na sociedade em questão. [...], a língua padrão é a variedade que vai funcionar como língua oficial [...], de cultura [...] e de escolarização [...]. (DUARTE, 2000: 24)

A variação diacrónica, por sua vez, resulta da interação de variados aspetos. Entre esses aspetos temos as «reanálises» (cf. DUARTE, 2000: 25) que cada geração de falantes faz, de forma inconsciente, ao adquirir a língua. Dessas reanálises vão resultar novas produções lexicais, fonológicas, morfológicas e sintáticas. O mesmo acontece com o prestígio atribuído a certas formas que concorrem com outras, levando à eliminação das consideradas menos prestigiantes. Vejam-se os exemplos do latim *marteiro*, *frol*, *groria*, *sustantivo*, substituídas pelas formas *martírio*, *flor*, *glória* e *substantivo* (cf. DUARTE, 2000: 25).

Para aprofundar a perceção de como os aspetos socioculturais e espaciais se combinam no conceito de dialeto, Coseriu (1982) ressalta que os dialetos «espaciais» são, normalmente, sistemas completos em termos de sons (fonética), estrutura gramatical (sintaxe) e vocabulário (léxico), incluindo também as suas próprias variações sociais e estilísticas. É essa complexidade presente nas variedades regionais que leva o linguista a atribuir o termo dialeto especificamente para observações de diferenças geográficas, enquanto as variações sociais e estilísticas são consideradas

dentro de um sistema menor (cf. COSERIU, 1982: 20-32). Araújo (2020), por sua vez, afirma, defendendo:

Do mesmo modo [...], conceberemos dialeto como um sistema funcional de caráter mais concreto que, por sua vez, encaixa-se em um sistema maior e mais abstrato que é a própria língua histórica. Assumindo essa postura, afastamo-nos da concepção de dialeto frequentemente difundida pelo senso comum, segundo a qual se atribui uma carga negativa ao termo, tratando-o como uma alusão a uma língua menor, que, de tão desprestigiada socialmente, sequer desfrutaria do status de língua histórica. (ARAÚJO, 2020: 52)

Por seu turno, a conexão entre variação e mudança linguística é estabelecida quando uma das estruturas, palavras ou unidades fonológicas em competição é tida com maior prestígio pela comunidade de falantes, tornando-a a opção preferida e levando à sua adoção pela generalidade dos falantes. A alternativa concorrente, no entanto, é relegada a uma posição secundária, resultando muitas vezes na sua obsolescência ou desaparecimento com o decorrer do tempo. Pode haver variação sem haver mudança, mas toda a mudança tem fruto na variação, sendo normalmente um processo longo, podendo levar séculos (cf. GOUVEIA, 2019: 200). Sublinhe-se, ainda, que a variação (e a sua fixação ou mudança) pode depender dos diferentes estratos sociais e níveis etários dos falantes, como já referido.

A variação linguística é um tema de debate para muitos estudiosos das línguas. Por um lado, está o que dizem as gramáticas; por outro, está aquilo que os falantes efetivamente produzem, quer oralmente, quer na forma escrita. Analisemos, portanto, algumas das estruturas que têm vindo a sofrer mudanças no Português Europeu. São elas: as estruturas comparativas de superioridade e inferioridade, os participios duplos, o corte do relativo *quem* em estruturas relativas, e o género em vocábulos terminados em -a.

Quanto às estruturas comparativas de superioridade e inferioridade, dizem-nos as gramáticas que já existe a possibilidade de omissão de *do* nas orações comparativas de superioridade e inferioridade (veja-se a gramática de Cunha e Cintra, de 1984, e a de Maria Helena Mira Mateus *et al*, de 2003), embora sempre se refira a preferência de utilização do mesmo. Existe, no entanto, uma enorme variação de uso. Veem-se com frequência produções como «A Maria acordou mais cedo (do) que eu», neste caso, em comparativas sintagmáticas. Há casos, porém, como o das comparativas frásicas, em que a utilização de *do que* é obrigatória (e.g., *O Paulo fez o trabalho mais depressa que eu esperava).

Relativamente aos participios duplos, sabe-se que o emprego dos mesmos depende da própria locução verbal, isto é, do verbo auxiliar que os acompanha, ou seja, terá de se ter em conta se o verbo que os antecede é ser/estar/ficar ou ter/haver.

Destaque-se que, durante a aquisição da linguagem, é comum encontrarmos estruturas diferentes integradas por palavras regulares e irregulares, e é precisamente durante a aquisição da linguagem que podemos produzir um efeito de bloqueio a favor das formas irregulares. Já na idade adulta, os falantes utilizam-nas (ou não) consoante a mudança em curso. Essa mudança é, possivelmente, sintática (cf. RAPOSO, 2013: 32-34). É cada vez mais comum o distanciamento das regras gramaticais tradicionais, especialmente no uso dos participios fortes (forma rizotónica), com os verbos ser e estar, e dos participios fracos (forma arrizotónica), com os verbos ter e haver. As formas fortes têm vindo a ser consideradas mais próximas em termos gramaticais dos substantivos e adjetivos do que dos verbos. A forma fraca tem sido a mais utilizada e é bastante comum ouvir e ler construções como *a professora tem ganho muitos prémios, os bombeiros já tinham extinto o fogo, ele já tinha pago o café, a mãe tem limpo o quarto*. Os dois últimos exemplos são, talvez, os mais utilizados pelos falantes. Convém alertar ainda para o facto de haver restrições no que toca a estes verbos. Não se veem produções como **a professora já tinha correto os testes*, tampouco **o meu filho tem trago amigos para casa*, da mesma forma que, muito raramente, encontramos produções como **já tinha abrido a porta*. Raposo (2013) conclui que «para a maioria dos falantes [...], estas formas curtas têm apenas propriedades adjetivais, visto que não podem ser usadas em contextos onde predomina a natureza verbal do participio – ou seja, nos tempos compostos e nas orações passivas» (RAPOSO (2013): 1492).

No que concerne ao relativo *quem*, já se observa uma certa tendência de neutralizar o pronome e deixar a posição que o mesmo ocupa vazia, chegando ainda a haver o uso dessa estrutura sem a preposição e com o emprego de *de que*. Vejam-se os exemplos *esta é a única zona da cidade (de) que a população gosta, o rapaz (de) que te falei ontem é meu vizinho, as pessoas com que(m) saí, cada sítio (a) que nós íamos, o idiota a que(m) emprestei o livro* (cf. GOUVEIA, 2019: 204).

Por último, a influência da terminação das palavras na atribuição de género às mesmas é determinante no uso que os falantes fazem. As palavras terminadas em *-ma*, de origem grega, seriam, originalmente, masculinas. No entanto, por terminarem em *-a*, são muitas vezes associadas ao género feminino. O termo «amálgama», exemplo dado por Gouveia (2019), é um dos exemplos de palavras que inicialmente era masculino (ou ambíguo, nos dicionários), passando a ter dois géneros nos anos 90 e, em 2014, ficou estabelecido como feminino. O mesmo aconteceu com palavras como «cataplasma», mas outros exemplos, como «grama», caminham igualmente para um uso maioritariamente feminino. Outro conjunto de palavras, como «diabetes» e «entorse», é ambíguo, sendo que a variação passa pela escolha de um género ou outro pelos próprios falantes (cf. GOUVEIA, 2019: 205).

Destaque-se ainda um conjunto de outros fenómenos de variação analisados em Pereira (2014), com exemplos retirados pela autora do *corpus* CORDIAL-SIN, um conjunto de dados reunidos de fala espontânea ou semi-redigida, que visa facilitar o processo de análise metodológica da variação sintática do Português Europeu (abordar-se-á em profundidade este *corpus* no Capítulo 2): o uso de *a gente* com formas verbais na terceira pessoa do plural, em casos como «*a gente* sempre *tiveram* ovelhas»; o uso do verbo *ter* em construções impessoais, em que *ter* assume a interpretação existencial, como em «*agora não tem* ninguém», o uso de *estar* aspetual seguido de gerúndio, como em «*estou tocando* no cortiço», o uso de gerúndio flexionado, como em «*e tendem* uma árvore, não há pássaro nenhum que [...]», a concordância verbal em número em construções com *ser*, como em «os canelos dos animais *é* aquelas ferraduras [...]» e o uso de concordância V3PL (verbos na terceira pessoa do plural) com quantificadores universais e nomes coletivos, como em «*depois do sol posto, ninguém acenderam* as luzes».

Os exemplos elaborados acima tratam de construções presentes em variedades dialetais do português, nas quais é possível identificar estruturas equivalentes que alternam dentro do padrão linguístico. Os dados escolhidos são apenas algumas das inúmeras alterações que se têm tido em maior conta no passar dos últimos anos. Vários foram os estudiosos que se ocuparam de estudar um amplo conjunto de variações e desvios da língua com o intuito de perceber se as mesmas se mantêm inalteradas ao longo das últimas décadas ou se, pelo contrário, se estão a tornar um processo de mudança na língua, pelo que, como já referido, analisar a mudança linguística passa, também, pelos principais objetivos do presente trabalho.

1.3.1. Distinção entre dialetos, falares e variedades

É difícil caracterizar e distinguir determinados conceitos da dialetologia, por vezes por razões relacionadas à natureza da própria língua e à forma como esta evolui e se manifesta. Os conceitos *dialeto*, *falar* e *variedade* suscitam algumas incertezas no que concerne à sua definição. Embora possam parecer sinónimos, há distinções que, embora seja controverso, devem ser feitas, na medida em que podemos agrupar em cada um deles aspetos completamente diferentes. Segundo Cunha e Cintra (1982), o termo dialeto é utilizado para variedades linguísticas que definem uma zona. Os autores afirmam ainda que os dialetos podem também ser «estruturas linguísticas, simultâneas de outra, que não alcançam a categoria de línguas» (CUNHA & CINTRA, 1982: 4), uma vez que, como já referido, não tem a proeminência cultural e social da norma-padrão da língua a que pertence. O termo falar, por sua vez, é reservado a variedades linguísticas que ocupam apenas uma localidade. Uma variante é qualquer uma das inúmeras

formas pelas quais um elemento linguístico, como um som, uma palavra ou uma construção frásica, pode apresentar-se numa língua durante um determinado período. Mais tarde, Manuel Paiva Boléo, no seu artigo *Mapa de Dialectos e Falares de Portugal*, desenvolvido em colaboração com Maria Helena Santos Silva, propôs uma hierarquia na variação geográfica do Português Europeu. Essa hierarquia consistia, em primeiro lugar, nos dialetos, nos quais, segundos os autores, se incluem o guardramilês, o rionorês, o mirandês e o barranquenho; em segundo lugar, os falares, nos quais se incluem o falar transmontano; em terceiro e último lugar, as variedades, nas quais se incluem a da região de Barroso, a variedade ocidental, a variedade central, a variedade oriental e o baixo-transmontano (cf. BAZENGA, 2017: 5). Posteriormente, Lindley Cintra expandiu o conceito de dialeto, aplicando-o ao português falado e caracterizando-o como próprio de qualquer área geográfica.

Por outro lado, outros autores como Maria Helena Mira Mateus distinguem diferentes níveis e tipos de variação linguística: as variedades, como o Português Europeu e o Português do Brasil, e, dentro dessas variedades, vários dialetos regionais e socioletos sociais. Os dialetos são frequentemente estigmatizados por integrarem «formas linguísticas não normalizadas (sem forma escrita) e se situarem em espaços rurais» (BAZENGA, 2017: 5).

As línguas, ao estarem em constante mudança, tornam difícil traçar fronteiras entre os demais conceitos. As diferentes línguas e os seus dialetos podem sobrepor-se e os falantes podem transitar, de forma bastante subtil, sem se aperceberem, entre diferentes produções linguísticas. Algumas diferenças linguísticas podem ser consideradas como simples variações de pronúncia, relacionadas à produção fonética, ou de vocabulário, relacionadas à utilização de léxico diferenciado, enquanto outras envolvem componentes gramaticais mais substanciais, como diferenças sintáticas que envolvam a ordem de palavras nas frases produzidas. Não obstante, a própria atitude social em relação à língua desempenha um papel de enorme relevância quando se trata de classificar a terminologia da Dialectologia. Algumas variedades são consideradas dialetos de prestígio, enquanto outras são estigmatizadas como simples falares. A distinção entre estes três conceitos é muitas vezes uma questão de convenção e perspectiva, e pode, claro, variar de acordo com o contexto em que são utilizados.

1.4. Os dialetos portugueses: o dialeto centro-meridional (distinções e espaços)

As variedades da língua portuguesa apresentadas neste tópico têm que ver com fatores geográficos. Deve-se, portanto, à variação diatópica. No presente estudo, adotar-se-á a proposta de Cintra para a classificação dos dialetos galego-portugueses

que o mesmo publicou no *Boletim de Filologia* (1971) e, mais tarde, incluiu na sua obra *Estudos de Dialectologia Portuguesa* (1983), sendo esta proposta a mais recente e a única «exclusivamente baseada em critérios linguísticos» (BRISSOS, 2014: 55). No entanto, todos os estudos reunidos antes de Cintra merecem ser destacados, uma vez que dependeram de linguistas cujo conhecimento era indiscutível. Desta forma, saliente-se que o estudo em foco terá apenas em conta os dialetos de Portugal Continental, dando especial atenção ao dialeto centro-meridional; não serão abordados, portanto, os dialetos insulares dos Açores e da Madeira.

Não deixará de se ter em conta, no entanto, as várias propostas realizadas por um amplo conjunto de estudiosos da dialectologia portuguesa. Relativamente aos dialetos das Beiras, por exemplo, Leite de Vasconcelos, por sua vez, no *Mapa Dialectológico* de 1893-1897, propõe inicialmente a existência de um dialeto beirão, dividindo-o em subdialetos tendo em conta as várias regiões da Beira: subdialeto da Beira ocidental, subdialeto alto-beirão e o subdialeto baixo-beirão. Paiva Boléo e Maria Helena Silva Santos, no *Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal* (1959-1962), apresentaram uma proposta que viria a renovar a ideia até então tida, afastando-se de Leite de Vasconcelos, utilizando terminologia distinta. Para os autores, os dialetos estudados por Leite de Vasconcelos seriam falares, justificando essa escolha com o reduzido afastamento entre si. Dialectos, para os autores, são os do Asturo-Leonês, língua falada no reino de Leão, que sobrevivem no território continental, ao longo da fronteira do Nordeste transmontano: o mirandês, no concelho de Miranda do Douro, o quadramilês e o rionorês, no concelho de Bragança. Quanto aos falares, destaque-se o falar de Castelo Branco e Portalegre, subdividido em subfalares, o de Castelo Branco e o de Portalegre. Não obstante, Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz, na sua *Gramática Portuguesa* (1971), defendem a sua preferência pela adoção de variedades ou falares, distinguindo-os em três zonas subdialetais: o Norte, o Centro e o Sul, afirmando que o Centro é formado pelas Beiras e que «não é senão uma região de transição», não indicando qualquer conjunto de traços que tornasse possível separar esta zona das restantes, sendo classificada por Cintra como uma distinção com base «mais propriamente geográfica do que linguística» (CINTRA, 1983: 139). Mais recentemente, Brissos (2015) defende que regiões como a Beira Baixa não são regiões subdialetais com características próprias, mas, sim, “regiões extremas de processos mais ou menos gerais”.

A classificação de Lindley Cintra parte apenas dos traços que são «verdadeiramente relevantes no consenso de um número suficientemente elevado e representativo de pessoas» (CINTRA, 1983: 140-141), havendo, dessa forma, três grandes zonas ocupadas por três grupos de dialetos, sendo eles (1) os dialetos galegos,

(2) os dialetos portugueses setentrionais e (3) os dialetos portugueses centro-meridionais. Apesar de não serem aqui abordadas, nas regiões autónomas dos Açores e da Madeira existem dialetos com características semelhantes às dos dialetos centro-meridionais. Sucintamente, segundo Cintra, os dialetos galegos caracterizam-se pelo betacismo, pela realização das consoantes fricativas pré-dorsodentais [s] e [z] como fricativas apicoalveolares [tʃ] e [dz], pela manutenção dos ditongos [ow] e [ej], pela preservação da africada [tʃ] e do vocalismo átono, e pela ausência das consoantes fricativas palatais sonoras; os dialetos setentrionais, caracterizantes de zonas como Trás-os-Montes, Alto e Baixo Minho, Douro e Beira Alta, partilham os mesmos traços dos dialetos galegos (com exceção da preservação da africada [tʃ], do vocalismo átono e da ausência das consoantes fricativas palatais sonoras) e caracterizam-se pelo desaparecimento do vocalismo átono, produzindo as consoantes fricativas palatais surdas com suas correspondentes sonoras, pelas sibilantes apicais, pelo betacismo entre a oclusiva bilabial [b] e a fricativa labiodental [v], pela realização dos ditongos [ow] e [ej] e pela distinção entre as consoantes palatais africada [tʃ] e [ʃ]. Por último, os dialetos centro-meridionais, onde se incluem a norma-padrão de Lisboa, a Estremadura, a Beira Baixa, o Ribatejo, o Alentejo e o Algarve, distinguem-se pela perda do vocalismo átono, pela distinção entre a oclusiva [b] e a fricativa [v], pela perda das apicoalveolares [tʃ] e [dz], pela simplificação dos ditongos [ow] e [ej] em [o] e [e], pela confusão da africada [tʃ] com a palatal [ʃ] e pela produção das sibilantes [s] e [z].

A esmagadora maioria dos falantes, mesmo que tenha um conhecimento cultural mediano, tem a capacidade de discernir distintamente entre as diferentes formas de falar que caracterizam as diferentes regiões. É facilmente identificável, através das nuances linguísticas, se alguém é originário do Norte ou do Sul de Portugal, mantendo os traços distintivos da zona onde nasceu. Além disso, é possível reconhecer um galego quando este se expressa no seu dialeto, embora muitas vezes não considerem essa expressão como uma variante do português, em grande parte devido à consciência política que interfere na perceção linguística natural.

Ao abordar a divisão territorial de forma mais ampla, a maioria das pessoas costuma categorizar as diferentes formas de falar apenas em três partes distintas (Norte, Centro, Sul). No entanto, em contextos mais específicos, consegue também identificar características singulares que indicam a origem de um determinado falante com maior precisão. Por exemplo, é possível reconhecer quando alguém é do Porto, do Minho, de Castelo Branco, do Alentejo ou do Algarve, com base em peculiaridades linguísticas ou culturais específicas. O reconhecimento da existência de um dialeto dá-se com a existência de um conjunto de traços fonéticos caracterizadores sentidos pelos falantes. Não se prolongará a descrição dos traços distintivos de cada um dos dialetos,

uma vez que o foco no presente trabalho é o dialeto centro-meridional. Os padrões que distinguem o grupo de falantes do português do Norte do grupo de falantes do português do Centro-Sul não se alinham nem se sobrepõem de forma direta. Pelo contrário, entrecruzam-se em trajetórias bastante diversas, embora permaneçam dentro de uma área limitada geograficamente que estabiliza onde inicia o Norte, o Centro e o Sul. Paiva Boléo já teria observado, em 1951, o anteriormente mencionado:

Em qualquer dos mapas apresentados se desenha nitidamente um «norte» e um «sul». Mas quando abstraímos dos casos particulares aqui estudados e nos queremos elevar ao plano geral, toma-se muito difícil estabelecer, sob o aspecto linguístico, onde acaba o norte e começa o sul. (BOLÉO, 1951: 35)

Certamente, segundo Cintra (1983), foi essa dificuldade que levou Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz (1971) a considerar a região intermediária entre o Norte e o Sul como um Centro, independente de ambos. Não terão sido, no entanto, as únicas a tratar indiferentemente os dialetos portugueses centro-meridionais. É evidente a necessidade de fazer uma distinção entre os dialetos alentejanos, algarvios e beirões (fronteiriços entre Beira Baixa e Estremadura). Fernando Brissos afirmou que a linguagem das beiras, em especial a da Beira Baixa sofre de uma «marcada falta de estudo e apresenta um conjunto importante de questões por resolver» (BRISSOS, 2011: 7). Cintra (1983), aliás, afirma ser de extrema importância destacar os falares de três zonas com forte personalidade própria: Beira Baixa, Alto Alentejo e a região do Barlavento algarvio. Na necessidade de uma organização linguística mais precisa e fundamentada, podemos considerar, segundo o linguista, a separação entre os dialetos do centro-litoral (estremenho-beirões) e os dialetos ribatejanos, baixo-beirão, alentejanos e algarvios. Para demarcar essa fronteira, podemos servir-nos da isófona resultante da monotongação do ditongo *ei*, que vai desde o norte de Lisboa até ao sul de Torres Vedras, seguindo em direção ao norte ao longo da costa, abarcando nas regiões dos dialetos centro-interior e do sul. Essa divisão parece justificada pelas características distintamente meridionais desses dialetos, o que reforma a delimitação proposta por Cintra.

Cintra destaca a área em estudo como uma das três únicas regiões subdialetais com características ímpares e individualizadas. O mesmo denominou-a «Variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo». Na *Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-portugueses*, Cintra afirma que o dialeto centro-meridional faz parte de um grande conjunto formado pelos dialetos de uma vasta região que compreende a Beira Baixa, o Ribatejo e o Algarve. Sobre a região, destaque-se:

[...] região que tem como principais núcleos urbanos Castelo Branco e Portalegre e cujos dialetos se caracterizam por uma profunda alteração de timbre de todo o sistema vocálico, principalmente do tónico.” (CINTRA, 1983: 155)

Luísa Segura, por sua vez, entende que dentro dos dialetos centro-meridionais encontram-se os dialetos do Centro Litoral e os dialetos do Centro Interior Sul. Os dialetos do Centro Interior Sul são os que ocupam maior área geográfica, dividindo-se em duas variedades: a variedade da Beira Baixa e do Alto Alentejo e a variedade do Barlavento do Algarve. A autora destaca que a isófona que serve de fronteira entre os dois dialetos é a monotongação de [ej] em [e], que «parte da costa ocidental, por alturas de Óbidos, desce quase até Lisboa [...], depois para nordeste [...], atingindo a raia norte de Castelo Branco» (SEGURA, 2013: 102). Sobre a variedade da Beira Baixa e do Alto Alentejo a autora afirma:

Esta variedade tem marcado carácter arcaizante, que se manifesta sobretudo na conservação, em algumas localidades, de sons consonânticos que desapareceram há séculos de qualquer outro dialeto português, como a africada palatal sonora [dʒ] em formas como [dʒá] *já* ou [dʒêti] *gente*. (SEGURA, 2012: 103)

Segura (2013) afirma ainda que os dialetos centro-meridionais se distanciam dos dialetos setentrionais pela simplificação do sistema de quatro sibilantes etimológicas em suas consoantes dentais (cf. SEGURA, 2013: 101). Os traços mais salientes que, de acordo com a literatura, conferem uma identidade única e distintiva à forma de falar caracterizante dos dialetos centro-meridionais encontram-se, geralmente, nos sons das vogais, isto é, no sistema vocálico (cf. BRISSOS, 2011: 16). Esses elementos fazem parte do campo da fonética, que, historicamente, serve como fundamento para classificar os dialetos da região. Os dialetos centro-meridionais são apelidados de menos conservadores e simplificam o sistema de sibilantes em favor das duas realizações pré-dorsodentais que caracterizam a norma do português ([s] e [z]) (cf. DUARTE, 2000: 23).

Apesar de a região da Beira Baixa ser das menos estudadas por J.L. Vasconcelos, o seu contributo, como pioneiro da Dialectologia portuguesa, para o conhecimento da linguagem da região é relevante e importa ter a sua consideração. Os materiais reunidos pelo dialetólogo mostram-nos os mais pertinentes fenómenos linguísticos que vêm sido anotados para a linguagem da região. Os traços apontados por Luísa Segura e João Saramago (2001), por exemplo, vão ao encontro dos traços já delineados por J.L. Vasconcelos.

Far-se-á em seguida uma listagem dos principais traços do dialeto centro-meridional, segundo os estudos dialetológicos que estão disponíveis no Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG), retirados na íntegra de

Brissos (2011) que, por sua vez, os retirou do excerto de Segura & Saramago (2001). São, portanto, os traços mais salientes deste dialeto (1) a palatalização do [u] em [ü], ou seja, o u é produzido como o *u* francês (e.g., *lume* é produzido como [ˈlümü]; este fenómeno abrange a vasta área do Sul e do Centro de Portugal, indo desde a Beira Baixa até ao Alto Alentejo e todo o ocidente do Algarve (cf. CINTRA, 1971: 61); (2) a palatalização de [a] em [ɛ], em determinados contextos, ou seja, quando na sílaba anterior existe, ou existiu [i] ou [u] ou as semivogais [j] ou [w] ou ainda quando a vogal é precedida de uma consoante palatal (e.g., *alguidar* é produzido como [[aɫgiˈðɛr] e *bordado* é produzido como [burˈdɛð]); este fenómeno produz-se com maior intensidade na zona da Beira Baixa e parte do Alto Alentejo); (3) a palatalização do [o] proveniente da monotongação do antigo ditongo [ow] em [ø] (e.g., *roupa* é produzido como [ˈrøpɐ]; este fenómeno é bastante comum na zona da Beira Baixa, Estremadura e Alto Alentejo); (4) a labialização da vogal [e] em [œ], produzida com um som próximo da vogal da palavra francesa *peur* (e.g., *cozer* é produzido como [kuˈzœr]); (5) o desaparecimento da vogal final não-acentuada [u], grafada -o, ou a sua redução para [i], ou seja, uma vogal como a vogal final da palavra fonte (e.g., *tudo* é produzido como [ˈtyd]); (6) a realização do antigo ditongo [ow] como um *o* palatalizado (e.g., *vou* é produzido como [ˈvø]).

Importa ainda salientar dois pontos citados em Brissos e Saramago (2014), aquando do estudo do problema da diversidade dialetal do Centro-Sul, que são fundamentais na percepção das diferentes variedades e dos diferentes traços entre elas. São eles:

- 1) Em primeiro lugar, que não é por um fenómeno se verificar longe de CI [Centro Interior] e SW [Sudoeste] que ele deixa de atingir o seu expoente nessas duas ou numa dessas duas áreas; o fenómeno *x* pode verificar-se, a par de CI e / ou SW, também no Minho e na zona de Lisboa, mas mesmo assim atingir o seu nível máximo de intensidade em CI e / ou SW, sendo por isso identificador primário dessas duas áreas e, ao mesmo tempo, ser por elas primariamente identificado.
- 2) Em segundo lugar, que não foi por acaso que a *Nova Proposta* teve aceitação praticamente unânime desde a sua publicação. Explicam-no três razões principais: (i) os dados de Cintra (que têm como base fundamentalmente o Atlas Linguístico da Península Ibérica — ALPI), embora não sendo os ideais, são, contudo, mais rigorosos cientificamente do que os das outras propostas, que dependem sobretudo (a) no caso de Leite de Vasconcelos, de recolhas assistemáticas *in loco*, (b) de um inquérito feito numa primeira fase por correspondência (enviado a párocos e professores do ensino primário) e numa segunda fase por alunos de letras do ensino superior, no caso de Boléo / Silva [...] e (c) de informações bibliográficas (portanto não directas), no caso de Vázquez Cuesta / Luz; (ii) o peso dos fenómenos pura e simplesmente linguísticos, que é incomparavelmente maior na *Nova Proposta* [...]; (iii) a *Nova Proposta* aproveita uma das maiores virtudes do linguista Lindley Cintra — a sua capacidade de sistematização e simplificação — e resulta um quadro inequívoco, coerente e assinalavelmente simples da variação dialectal de Portugal continental. (BRISSOS, 2014: 58-59)

Sobre a palatalização de *u*, destaque-se ainda que Segura (2013) considera ser essa a isófona que delimita territorialmente a variedade da Beira Baixa e do Alto Alentejo, tendo sido também usada por Cintra para delimitar o limite da variedade do Barlavento do Algarve, sendo considerado, portanto, o fenómeno mais significativo; estes três últimos fenómenos são comuns a toda a área compreendida pelo dialeto centro-meridional. Uma possível explicação para a proximidade de sons franceses na variedade da Beira Baixa e do Alto Alentejo poderá estar, curiosamente, segundo Segura,

[...] na influência cultural tardia exercida pelos colonizadores das ordens religioso-militares Templários e Hospitalários, de origem galo-românica, a quem os primeiros reis de Portugal doaram terras e encarregaram de defender e povoar a maior parte da Beira Baixa e Alto Alentejo. Os topónimos Proença-a-Nova, Proença-a-Velha, Tolosa, Toulões e Nisa, que recordam as terras de origem dos povoadores (Provence, Toulouse, Nise), atestam a presença de importância dessas ordens naquela região. (SEGURA, 1988: 270)

Ainda, diz-nos Lindley Cintra, no que respeita a isófona da palatalização do *u*, na sua *Nova Proposta*:

Os pontos onde observámos a palatalização, mais ou menos acentuada do *u* são [...] Reguengo, conc. De Portalegre [...], Belver, conc. De Mação [...], Montalvão, conc. De Nisa, [...], Alcains, conc. de Castelo Branco [...], Monsanto, conc. de Idanha-a-Nova), [...] Oleiros), [...] Ourondo, conc. da Covilhã [...]. Curiosamente ü já não se regista no Rosmaninhal, conc. de Idanha-a-Nova, junto da fronteira com Espanha [...]; julguei preferível não considerar este facto no mapa. Mas é provável que num mapa mais pormenorizado se tenha de suprimir uma zona vizinha da fronteira (assim como nela se não pode incluir o conjunto dos dialectos galego-portugueses de Eljas, Valverde e S. Martin de Trevejo). O fenómeno da palatalização, assim como as outras alterações do sistema vocálico, são totalmente desconhecidos dos dialectos espanhóis que se encontram do outro lado da raia.

Convém ainda destacar a influência espanhola na linguagem da região da Beira Baixa, zona em foco no presente estudo. Para quem habita a região, principalmente zonas fronteiriças, como Monfortinho, localidade do concelho de Idanha-a-Nova, não é difícil dominar a língua espanhola, chegando a ser fluente na mesma, o que pode estimular determinados aspetos fonéticos, sintáticos e lexicais nos falantes. É, portanto, uma zona de transição, quer a nível nacional, quer a nível internacional, o que é evidente em qualquer abordagem que se faça.

Adiante, focar-se-á o estudo nos traços distintivos do dialeto centro-meridional, em geral, e da variedade da Beira Baixa e do Alto Alentejo (precisamente dos falantes da Beira Baixa), em particular. Consta em Brissos (2011) uma vasta lista de fenómenos que se desviam em relação à norma, fenómenos esse encontrados através da pesquisa profunda em *corpora*, como o *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza*

(ALEPG), dos quais se destacarão os que se produzem em maior número em toda a zona da Beira Baixa e, dentro desses, os que mais se distanciam da norma, isto é, aqueles em que se nota, à partida, que fazem parte de um dialeto. A metodologia utilizada por Brissos foi a da Dialectologia tradicional, consistindo sobretudo num aprofundado estudo de diversos questionários e inquéritos agrupados em atlas linguísticos, como o referido.

Abordar-se-ão, tal como em Brissos (2011), as áreas da fonética e da morfossintaxe. A partir da obra *Estudos da Dialectologia Portuguesa* de Lindley Cintra tratar-se-á também o léxico, que, apesar de não ser abordado em profundidade em Brissos (2011), será considerado, juntamente com a fonética e a morfossintaxe, como uma das áreas preponderantes aquando do estudo de um dialeto. Na fonética, ter-se-ão em consideração a variação no vocalismo e nos ditongos e hiatos; na morfossintaxe, destacar-se-ão fenómenos de nomes e adjetivos, pronomes e artigos, verbos, advérbios, preposições e conjunções; no léxico, o objetivo será estudar a variação de vocábulos utilizados pelos falantes na área em estudo.

1.4.1. Fonética

1.4.1.1. Vocalismo

É no vocalismo, como já referido, que encontramos as principais bases para classificar os dialetos das demais determinadas regiões. Posto isto, na zona em estudo, a produção das diversas vogais é tida em maior conta.

A vogal *a* pode sofrer diversas e variadas alterações. A palatalização do *a* tónico é notada como um dos fenómenos mais característicos da linguagem da região de Castelo Branco-Portalegre. Segundo Brissos, «trata-se de um fenómeno extremamente marcado, para o que contribui decisivamente a saliência fónica das vogais que mais alternam no processo, *e* e *a* abertos» (BRISSOS, 2011: 60). É um fenómeno que se estende a toda a região, mas nas zonas da raia, em específico, produz-se em maior número. Na zona da Beira Baixa, o *a* tónico, seja oral, nasal, aberto ou fechado, passa a *e* quando existem na sílaba anterior /i/, /j/, /u/, e /w/. Vejam-se os exemplos produzidos por uma falante de Malpica do Tejo, melanci[ε]l (melancial), e embrux[ε]do (embruxado), produzido por um falante de Idanha-a-Nova. Encontram-se ainda outros exemplos, como ge[ε]da (geada), seme[ε]r (semear), me[ε]da (meada). Ainda em relação ao *a*, um dos fenómenos a destacar dentro do vocalismo é o timbre do *a* nasal. É comum, em toda a região (em particular, em Malpica do Tejo e Foz do Cobreão), o *ã* átono inicial ter tendência para passar a /î/ ou /ẽ/. Brissos destaca os exemplos [î]ntigo, [î]zol, [î]polas, [î]cinho, [ẽ]parar, [ẽ]pola, [î]brósio, estes últimos três já notados por Leite de Vasconcelos na *Esquisse*. O mesmo acontece com o *ã* átono

interior, que passa para /ĩ/ ou /ẽ/, em palavras como mel[ẽ]cia, al[ẽ]bique, irm[ĩ]dade, arr[ĩ]car. No entanto, também é possível encontrar fenómenos opostos, em que [ẽ] passa para ê: [ẽ]trar, v[ẽ]der, m[ẽ]tira.

A produção da vogal *e*, por sua vez, pode sofrer a paragoge de /j/ quando o mesmo é fechado e tónico. Vejamos os exemplos em que o *e* está em posição final: vossemecêi (vossemecê), o quêi (o quê). O mesmo se verifica em posição não final, neste caso como um fenómeno de epêntese: fêibras (febras), têisto (testo), êiste (este). Em contexto final de palavra, é comum a elevação do *e* final átono em /i/: miga-s[i] (miga-se), grand[i]s (grandes), avós[i]s (*avóses* > avós). O *e* nasal átono, quando em posição não final, pode surgir como /ĩ/: [ĩ]sacar (ensacar), av[ĩ]tei (aventei). Quando em posição final, pode surgir com variadas realizações ([ẽj], [ẽj̃], [ẽ], [ɐ], [i]: ont[ẽj], ont[ẽj̃], ont[ɐ], ont[i]).

Acerca da vogal *i*, não há alterações muito presentes na zona em estudo. Todavia, nota-se com bastante frequência, a redução da vogal em posição pretónica interior, podendo ocorrer a supressão total da mesma: [di'retɐ] (direita), [o'vɐr] (oliveira), [ti'vɐr] (tiver).

Contrariamente, a vogal *o* pode sofrer um fechamento das duas vogais tónicas orais de articulação velar: /ɔ/ e /o/. Brissos (2011) destaca desde logo um fenómeno a que chama a «guturalização do falar», interpretando o mesmo como «mais do que um fenómeno estritamente gramatical / formal [...], um fenómeno intrinsecamente pragmático» (BRISSOS, 2011: 56). Este fenómeno é bastante comum em localidades como Monsanto, Idanha-a-Nova, Malpica do Tejo, Isna, Foz do Cobre (cinco das localidades em foco posteriormente), Cardosa, Alcongosta, Penamacor, Aranhas e Meimão. É precisamente a respeito deste fechamento que o fenómeno de guturalização está associado a uma tendência nesta zona. Brissos afirma que «sem guturalização, não há diferenças significativas na propensão das duas vogais para se fecharem; mas, com guturalização, é no *o* aberto que o fechamento se mostra mais proeminente» (BRISSOS, 2011: 78). A apócope ou a realização como vogal neutra ou como /i/ é das mais representativas da linguagem da região: [ˈpoki] (pouco), [aˈmosi] (almoço), [ˈtuð] (tudo).

Por fim, a vogal *u* apresenta por toda a região a palatalização quando se encontra em posição tónica. São exemplos deste fenómeno palavras como l[ũ]a (lua), n[ũ] (nú), f[ũ]do (fundo). Brissos considera esta palatalização como «ligeira ou ligeira-média», e afirma que «o *u* tónico normal de todo o Sueste Beirão» é precisamente o palatalizado (BRISSOS, 2011: 87). Já o *u* átono cai na tendência de, em posição pré-tónica e em interior de palavra, se reduzir para vogal neutra ou sofrer de apócope: [b'ɐku] (buraco), [f'mɐr] (fumar).

1.4.1.2. Ditongos e hiatos

A respeito dos ditongos e hiatos, encontramos algumas variações interessantes nesta zona. Ao estudar-se a Beira Baixa, está-se perante uma região que é tida como área de monotongação de *ei* (na norma, [ej]) em /e/. Este fenómeno é mais comum antes de consoantes, como em [v'zeti] (azeite) e produções semelhantes. O mesmo acontece com o ditongo *eu* (na norma, [ew]): antes de consoantes, sofre monotongação, principalmente nos pronomes «eu» ([e], *meu* ([me]), *teu* ([te]) e *seu* ([se]), ocorrendo também noutras ocasiões, como [vẽ'de] (vendeu) e ['deʃ] (deus). A monotongação realiza-se, ainda, com o ditongo *ou*, quer em posição tónica, como em ['loro] (louro), ['soβi] (soube), quer em posição átona, como em [ro'peru] (roupeiro).

É interessante notar que é característico de toda a zona da Beira Baixa a inserção da semivogal [j] entre as vogais *a* e *i* tónicas interiores, sejam elas orais ou nasais. São exemplos desse fenómeno produções como [kej'ir] (cair) e [sɛj'i] (saí). No entanto, os ditongos *ai* e *ei* (na norma, [aj] e [ej]) sofrem uma simplificação antes de consoantes, sobretudo, palatais. Vejam-se, por exemplo, produções como [ẽ'dami] (andaime), ['kaʃɛ] (caixa), ['maʃ] (mais), [vaʃ] (vás), [pɐ'pɛʃ] (papéis), ['rɛʃ] (reis). O ditongo *ã*, por sua vez, é reduzido, geralmente, antes de consoantes, mas também de vogais, e quando sofre derivação, isto é, quando é iniciado por sufixo começado por -z-. Este é um fenómeno que, apesar de frequente na zona estudada, não é produzido com a mesma consistência do que no Sul do País, o que denota, no entanto, um parentesco entre os dois falares (cf. BRISSOS, 2011: 92). São exemplos as produções [dẽ] (dão), [grẽ] (grão), [mẽ] (mão), [kẽ'ziɲu] (cãozinho), [pẽ'ziɲu] (pãozinho).

O ditongo *ua* (na norma, [wa] ou [wɛ]), diferentemente, é produzido como *o* aberto em contexto pretónico: [kɔ'reʃmɛ] (Quaresma), [kɔ'rɛtɛ] (quarenta). Em contexto postónico, por seu turno, é frequente «antecipar a semivogal» (BRISSOS, 2011: 101) para *a* ou *e* abertos: ['awɣwɛ] (água), ['ɛwɣwɛ] (égua).

1.4.2. Morfossintaxe

1.4.2.1. Nomes e Adjetivos

No estudo dos nomes e adjetivos, dois aspetos terão especial consideração: o género e o número. Na zona em foco, não foram encontrados muitos casos que se desviam do género normativo. Alguns exemplos de divergência destacados em Brissos (2011) incluem «gambozinas» em vez de gambozinos, no Rosmaninhal, e «alcunho» em vez de «alcunha», em Foz do Cobrão (cf. BRISSOS, 2011: 143). Em Monsanto, por sua vez, o autor testemunhou o uso de «uma pastor», justificando ser, possivelmente, um caso de preservação da falta de género gramatical das palavras terminadas em -or na língua antiga.

No que concerne ao número, tornou-se frequente encontrar plurais quando a forma no singular termina em vogal acentuada através da adição de *-ses* em vez de *-s*. São exemplos destes fenómenos as produções «nuses» (*nus*), «máses» (*más*) e «nóses» (*nós*), em Idanha-a-Nova, «caféses» (*cafés*), no Rosmaninhal, «vocêses» (*vocês*), «páses» (*pás*) e «bate-cuses» (*bate-cus*), na Isna, «enxóses» (*enxós*), em Foz do Cobrão, e «irmãses» (*irmãs*), em Malpica do Tejo. Nas palavras terminadas em *-l*, é possível encontrar por toda a região a forma do plural em *-les*, como «niveles» (*níveis*), em Monsanto, «túneles» (*túneis*), em Idanha-a-Nova, e «manguales» (*manguais*), em Foz do Cobrão (cf. BRISSOS, 2011: 144).

Brissos faz ainda um apontamento acerca da utilização dos diminutivos, no qual conclui que se utiliza, na maioria, o sufixo *-inho* para a formação de palavras no diminutivo. Segundo o autor, é também comum a utilização de construções perifrásticas de nome + adjetivo, colocando-se o diminutivo no adjetivo, como em «cadeira pequenininha», por oposição a «cadeirinha».

1.4.2.2. Pronomes e Artigos

Sobre os pronomes e os artigos, há factos que o autor considera universais. Ora, os pronomes *eu*, *meu*, *teu* e *seu*, como já referido em 1.3.1.3. Ditongos e hiatos, perdem a semivogal do ditongo e são pronunciados como «ê», «mê», «tê» e «sê», respetivamente, de forma proclítica; os possessivos femininos, por sua vez, também sofrem reduções quando se encontram em próclise, especialmente num formato informal e descontraído: «m'nha» ou «nha» (*minha*), «tu» (*tua*) e «su» (*sua*). Por último, o artigo indefinido feminino, *uma*, sofre frequentemente redução em próclise, produzindo-se como «ma» (*uma*), «mas» (*umas*).

Sobre as formas de tratamento, destaca-se apenas o uso comum de «vossemecê» (*vossa mercê*) e «ti», próclise de tio ou tia. O uso de «você» nesta zona, curiosamente, chegou a ser considerado ofensivo e só começou a ser utilizado recentemente. Acerca desse facto, afirma-se:

Também usamos, em Penamacor, «você» [...] como tratamento desdenhoso e desprezível, e como maneira cerimoniosa de tratar uma pessoa com quem temos boas relações e até intimidade, ligada a muito respeito e consideração. A gente simples do povo não gosta e até se magoa, quando é tratada por «você», respondendo ou resmungando, invariavelmente. (CORDEIRO, 1939: 127-128)

A respeito do pronome pessoal *lhe(s)*, é comum em toda a região a produção de «le(s)», com /l/ alveolar. O pronome pessoal átono *nos*, por sua vez, é produzido como «mos», afirmando Buescu que o fenómeno se deve à «analogia com singular *me*, *mim*, e ao mesmo tempo para estabelecer uma diferenciação entre esta forma e a forma *nos*,

3.^a pessoa do plural quando precedida de nasal» (BUESCU, 1984: 104). Quanto ao pronome pessoal átono acusativo *o(s)* e *a(s)*, não se conserva o *l* originário quando se encontra em ênclise e quando antecedido de *s* ou *z*, ou seja, em formas verbais não oxítonas, isto é, que são terminadas por *-s*, temos produções na forma-padrão como «leva-lo», por exemplo, enquanto no português beirão produz-se «levas-o»; já em formas verbais oxítonas, a produção de *i* é regular, ou seja, na norma-padrão produz-se trá-lo, enquanto no português beirão produz-se «traz-i-o», em vez de «traz-o». Brissos justifica o fenómeno, recorrendo à história da língua:

[...] temos aqui tão-somente a conservação regular daquela vogal final em contexto etimológico e o seu espraiamento analógico aos restantes contextos (i.e., ao tipo 1 (formas verbais não oxítonas), cujas formas verbais terminam etimologicamente em consoante: LEVAS >avas, PARTIMUS > partimos; esse *s*, como se sabe, assimilou-se ao *l*- do pronome: PARTIMUS (IL)LU(M) > partimos-lo > partimol-lo > partimo-lo). Temos aqui, portanto, um arcaísmo; ainda na fase inicial da língua as formas do tipo 2 (verbais oxítonas), inseridas na regular conservação de vogal postónica de penúltima sílaba (pois o verbo e o clítico formam uma unidade), se verificavam: feze-o, etc.. Só depois, mas ainda no quadro do português antigo, o processo actual do Padrão se formou [...]. (BRISSOS, 2011: 147)

Destaque-se ainda o uso de *ele* expletivo, isto é, utiliza-se o pronome «*ele*» com função de sujeito associado a uma expressão verbal impessoal. Trata-se, portanto, de uma forma de realçar a situação descrita. Vejam-se os exemplos encontrados «Ele há cada uma!» e «Se ela chover muito», este último produzido em Isna, no qual o pronome deve ser interpretado como um sujeito ativo, neste caso, como «a chuva» (cf. BRISSOS, 2011: 148).

A respeito da concordância em número, importa realçar a locução pronominal *a gente*, que tem o valor do pronome pessoal *nós* e que, por isso, segundo Cordeiro (1939), deve ser utilizado no plural. No dialeto da Beira Baixa, é comum utilizar a locução pronominal «a gente», sendo esta utilizada maioritariamente na 3.^a pessoa do singular, como em «A gente era garoto», produção encontrada em Salvaterra do Extremo. Saliente-se ainda que a expressão «a gente», apesar de o seu uso ser de carácter informal, já é aceite e considerado parte da norma. Uma possível explicação para o uso da locução pronominal no singular poderá ter que ver com a proximidade do substantivo «gente».

A utilização de apossínclise (interpolação) é também muito comum neste dialeto e merece atenção, tendo em conta que é já considerado como uma estrutura arcaizante e que, segundo Martins (2004), desapareceu da norma a partir do século XVI (cf. MARTINS, 2004: 3). São exemplos desse fenómeno «Quando me eu casei?», «Nunca se cá fez», «Isso é uma coisa que se pouco usa cá» (Idanha-a-Nova), «Nem se lá vê gente» (Rosmaninhal), «Para se ele alimentar», «Também já o lá vi» (Malpica do Tejo),

«A gente também se não lembra», «Eu sei como se ela chama» (Isna), «O professor já me lá não quer» (Benquerença) e «Ainda as cá há» (Meimão). Brissos (2011) afirma que esta estrutura pode ser encontrada com facilidade em dialetos portugueses, como o do Alto Minho e Alto Alentejo; no entanto, é usada com forte regularidade em toda a zona da Beira Baixa.

1.4.2.3. Verbos

A respeito dos verbos, encontram-se produções peculiares comuns a quase todo o país, mas na zona da Beira Baixa encontram-se algumas particularidades. É frequente acrescentar -s aos verbos no pretérito perfeito da segunda pessoa do plural, como «viestes» (vieste), «cantastes» (cantaste) e «fostes» (foste). Da mesma forma, é comum utilizar a segunda pessoa do plural de várias maneiras: no presente do indicativo, é frequente encontrar produções terminadas em -andes, -endes e -indes, como «amandes» (amais), «fazendes» (fazeis), «saíndes» (saís), produzidas regularmente em localidades como Idanha-a-Nova, Monsanto, Salvaterra do Extremo, Rosmaninhal, Malpica do Tejo e Foz do Cobrão (cf. BRISSOS, 2011: 152). Nestas produções, nasaliza-se a tónica e há, dessa forma, uma conservação do -d- etimológico. Não obstante, é também comum utilizar a terminação -eis (por vezes nasalada, -ëis) para todos os tempos do indicativo e do conjuntivo, bem como para o infinitivo flexionado. Assim, encontramos produções como «quisésteis» (quisestes), «amásteis» (amastes) e «fôreis» (fordes).

Outro dos fenómenos encontrados e frequentes no dialeto beirão é a realização de perfeitos nasalados, isto é, a nasalização da vogal tónica da primeira pessoa do singular do pretérito perfeitos de verbos das 2.^a e 3.^a conjugações (-er e -ir, respetivamente). Assim, encontramos regularmente produções como [vĩ] (vi), [sɐĩ] (saí) e [fũj] (fui), com maior presença em localidades como Cardosa, Isna e Foz do Cobrão.

Ainda, observou-se em diversas localidades a substituição do pretérito perfeito pelo mais-que-perfeito. Produções como «cortáramos» (cortámos), «corrêramos» (corremos), «dormíramos» (dormimos) «tivéramos» (tivemos) e «fôramos» (fomos, do verbo ir) são bastante comuns em Cardosa, Alcongosta, Isna e Foz do Cobrão. Da mesma forma, é comum o uso do infinitivo pelo imperativo. Produções como «Ir a pastar!», «Deixar já!», «Ir-vos embora!» foram encontradas em Idanha-a-Nova, Malpica do Tejo e Benquerença, respetivamente. Sobre este fenómeno, afirma Brissos (2011:

O infinitivo também pode ser usado pelo imperativo na Norma [...], mas nas áreas relevantes do SE Beirão surge não só em muito mais contextos como é um recurso plenamente corrente, de toda a hora e de todos os registos. (BRISSOS, 2011: 160)

1.4.2.4. Advérbios

Relativamente à variação encontrada na produção dos diferentes advérbios, a maior parte dos exemplos citados em Brissos (2011) em «4. Advérbios» são relevantes pela frequência com que foram encontrados. Destaquem-se, tal como o autor o fez, os advérbios *não*, *muito* e *mais*. O advérbio *não*, por exemplo, apesar de, na maioria das vezes, se produzir na forma tónica conforme a norma, ([nẽw]), apresenta algumas irregularidades quando colocado na forma proclítica, isto é, é produzido como [nũ], como em «Eu num vou lá» e, esporadicamente, [nẽ] ou [nɐ], tal como se produz no Sul do país. Já o advérbio *muito* sofre monotongação por toda a região, produzindo-se como «munto», com *u* nasal na vez do ditongo *ui*. Por sua vez, o advérbio *mais* apresenta-se em próclise na forma «mai», isto é, dá-se a apócope do -s, como no exemplo «É mai grande do que o outro» ou «Não queria mai um que o outro» (BRISSOS, 2011: 164). Outros advérbios podem sofrer esta última alteração, como «depois», que se produz regularmente como «depoi», e «pois», que se produz como «poi». Também não é rara a produção do advérbio «depois» como «adepois», com a adição de a- como primeira sílaba; ou de «pois» como «apois».

1.4.2.5. Preposições

No que toca às preposições, há um fenómeno que se destaca dos outros: o infinitivo regido da preposição «a». Tal como Brissos (2011) afirma, emprega-se normalmente no português o infinitivo quando complemento de verbos antecidos de «a», como nos exemplos «Começaram a dormir», «Aprenderam a ler» e «Ensinei a jogar» (BRISSOS, 2011: 165). No entanto, os verbos «ir» e «vir» ganharam um papel predominante, dado que é comum em toda a região a construção com «a» quando regem um infinitivo complemento, marcando uma abrangência desta construção. São exemplos disso, citados em Brissos (2011), «Vai-se a colher» (Monsanto), «Uma vai-se agora a casar» (Salvaterra do Extremo), «Iam a buscar porcos» (Malpica do Tejo), «Fui a fazer um canteiro» (Foz do Cobreão) e «O tempo vai-se a escangalhar» (Idanha-a-Nova). O autor nota ainda a mesma construção com os verbos «costumar», «deixar», «mandar», «usar» e «custar».

1.4.2.6. Conjunções

Não obstante, as conjunções comparativas realizam-se de forma peculiar por toda a zona em estudo. As conjunções «como» e «do que» produzem-se, com frequência, «coma» e «ca», respetivamente. Vejam-se os exemplos «Tanto faz serem porcas coma porcos» e «Estas são mais fortes ca nenhuma delas». Sobre este fenómeno, Brissos (2011) afirma:

Trata-se da sobrevivência de formas arcaicas da língua, que são ainda no português contemporâneo frequentes na linguagem popular de todo o país [...]. No Sueste da Beira, são hoje plenamente correntes na linguagem dos falantes mais conservadores, embora as formas normativas vão entrando cada vez mais no sistema. (BRISSOS, 2011: 167)

A conjunção, «pois», por sua vez, é frequentemente realizada como «pous» em toda a região, com maior destaque em Malpica do Tejo e Foz do Cobreão.

1.4.3. Léxico

No estudo da variação dialetal, o léxico é a área gramatical dependente de considerações extralinguísticas, relacionadas à entidade que a expressão linguística representa e cuja existência está intimamente ligada a fatores externos à linguagem, necessitando, assim, de um tratamento individualizado, razão pela qual, possivelmente, não foi tratada em Brissos (2011). Podemos definir *léxico* como o conjunto abstrato de todas as palavras de uma língua, o que engloba não apenas as palavras usuais e as que caíram em desuso, mas, também, os neologismos e as que são teoricamente possíveis, tendo em consideração os processos disponíveis para a construção de novas palavras na língua. O léxico varia em função dos indivíduos e das comunidades que se servem dele. De facto, são inúmeras as palavras não dicionarizadas, isto é, que não aparecem em textos escritos, que as recolhas de dados para estudos dialetais já documentaram. O estudo da variação lexical é preponderante quando o seu objetivo passa por situar a questão dos regionalismos.

Naturalmente, o estudo do léxico envolve uma complexidade inerente à sua análise, sendo uma área que apresenta características específicas e, ao mesmo tempo, genéricas no contexto da interação com áreas que vão para além da linguística. Posto isto, a análise seguinte não passará por elementos que poderão fazer parte do dialeto centro-meridional, no geral, e da variedade da Beira Baixa, em particular, mas, sim, de elementos que por essas zonas se produzem e a relação dos mesmos com as próprias zonas nos quais se verificam.

Acerca deste tipo de variação, deve-se sobretudo a Lindley Cintra grande parte do estudo do léxico português, partindo do seu artigo «Áreas lexicais no território português», que muito contribuiu para o estudo das diferentes formas lexicais distribuídas pelo território continental e insular. Destaque-se, no entanto, Herculano de Carvalho, autor do considerado primeiro passo na definição de uma estrutura lexical do território português com a elaboração da sua obra *Coisas e Palavras* (1953), na qual Cintra se sustentou. Para a definição de uma área lexical do território português, afirma Cintra, indo ao encontro das palavras de H. de Carvalho, que «são muito mais

importantes os elementos do vocabulário menos atingíveis pela influência da língua comum» (CINTRA, 1983: 60). Cintra procedeu à análise do léxico português através de mapas sustentados no Atlas Lingüístico da Península Ibérica (ALPI).

Consideremos alguns elementos de vocabulário também selecionados pelo autor no referido artigo:

- (1) «ordenhar»
- (2) «(fêmea) estéril»
- (3) «cria da ovelha»
- (4) «cria da cabra»

Ora, a primeira palavra exprime a ação de extrair o leite de uma vaca. «Ordenhar» é a forma que se utiliza em todo o território que abrange o dialeto centro-meridional, desde as Beiras até ao Algarve. Outras formas, como «moger», «monger», «munger», «mugir», «mungir», «mongir», «mojar», «amojar» e «tirar o leite», são produzidas pelo resto do país, embora em menor número. Sublinhe-se que a forma «ordenhar» não tinha no português antigo, sob a forma «ordinhar», o sentido que hoje lhe é dado comumente. A forma ordenhar significava «pôr em ordem», «ordenar», «preparar» (cf. CINTRA, 1983: 64). «Ordenhar», segundo Cintra, adquiriu o sentido de «dispor em ordem, ordenar as ovelhas, para as mungir». No latim, a forma MULGERE era a expressão utilizada para a noção de «extrair o leite da vaca», pelo que a forma «moger» ou «mugir» é a adaptação portuguesa, muitas vezes sofrendo variação com a vogal da primeira sílaba nasalada («monger», «munger» e «mungir»). As formas «amojar» e «mojar» eram utilizadas no português antigo, estando as duas quase extintas. A distribuição das diferentes produções ao longo de todo o território português encontra-se no Mapa 1.

A segunda forma trata da designação que se dá a um animal fêmea que seja estéril. Cintra destaca duas produções, «maninha» e «machorra», por serem as que mais frequentemente se encontram pelo território. Encontram-se, esporadicamente, produções como «machia», «forra», «sandeira», «capoa», «boieira» e «alfeira». Na zona dominante do dialeto centro-meridional, as formas dominantes são, precisamente, «maninha» e «machorra». Na Beira Baixa, maninha produz-se com mais frequência. No Algarve, Cintra observou ainda as formas «malina» e «manina» (cf. CINTRA, 1983: 72). A forma «machorra», segundo Cintra, deverá ter entrado em uso através da «fronteira política de leste e nordeste, proveniente de um foco de expansão que deve estar no centro da Península» (CINTRA, 1983: 72). No Mapa 2, encontram-se distribuídas por todo o território português as diferentes realizações que se atribuem ao conceito.

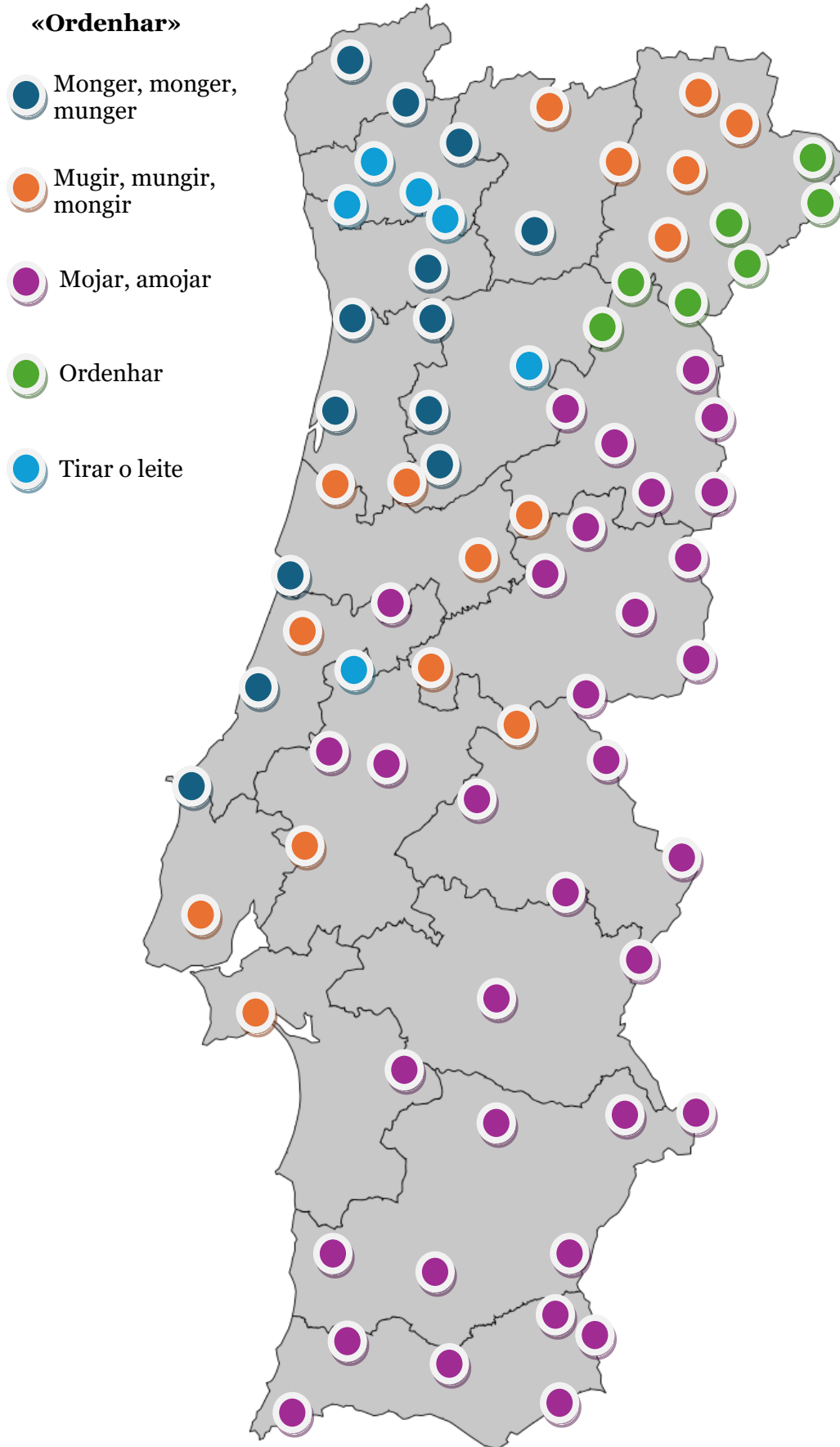
O terceiro elemento alude às diferentes designações que uma cria de ovelha pode ter. A partir de Cintra (1983), concluímos que a forma «borrego» é a forma que se utiliza por toda a área do dialeto centro-meridional e, na verdade, uma parte de toda a área territorial: Beira Baixa, Alentejo e Algarve, sendo também utilizada no extremo oriental de Trás-os-Montes. «Anho» e «borrego» são outras formas de designar a cria de ovelha, sendo a primeira utilizada na zona do Minho, no extremo ocidental de Trás-os-Montes e no Douro Litoral; e a segunda na zona restante de Trás-os-Montes, ocidente da Beira Alta, a maior parte da Beira Litoral e a esmagadora maioria da Estremadura. A forma «anho» é a designação latina, AGNUS; «cordeiro» provém do adjetivo latino CORDARIUS, derivado de CORDUS, que significa «tardio», ou seja, um «agni cordi» seriam os cordeiros nascidos fora da época normal; «borrego» provém de borra, do latim BURRA, que teria o significado de «lã grosseira» (cf. CINTRA, 1983: 75). No Mapa 3, verifica-se a distribuição das três produções pelo país.

No que diz respeito às designações utilizadas para nos referirmos à «cria da cabra», as formas «cabrito» e «chibo» são as que parecem ser mais utilizadas pelos falantes e dividem-se, curiosamente, entre duas partes distintas do território português. A forma maioritariamente utilizada pelos falantes do dialeto centro-meridional é «chibo», na Beira Baixa, Alentejo e Algarve, ainda que se utilize a forma «cabrito» em alguns pontos, como na Beira Alta. A forma «cabrito» é a dominante na zona do Minho, do Douro Litoral e em grande parte da zona de Trás-os-Montes. Dos dois vocábulos, sabe-se que «Cabrito» provém do latim CAPRITTUS, sendo a forma diminutiva de CAPER, que seria a designação de «cabra»; da forma «chibo» sabe-se que, possivelmente, provém da interjeição utilizada para chamar o animal. Apesar da divisão na utilização de cada uma das formas, seja ela «cabrito» ou «chibo», Cintra alerta para o não desconhecimento (pelo menos, total) de ambas as formas pelas duas partes do país em que as mesmas encontram a sua utilização (cf. CINTRA, 1983: 82). Adiante, o Mapa 4 demonstra a distribuição destas duas formas, comprovando a clara divisão territorial que se faz no uso das mesmas.

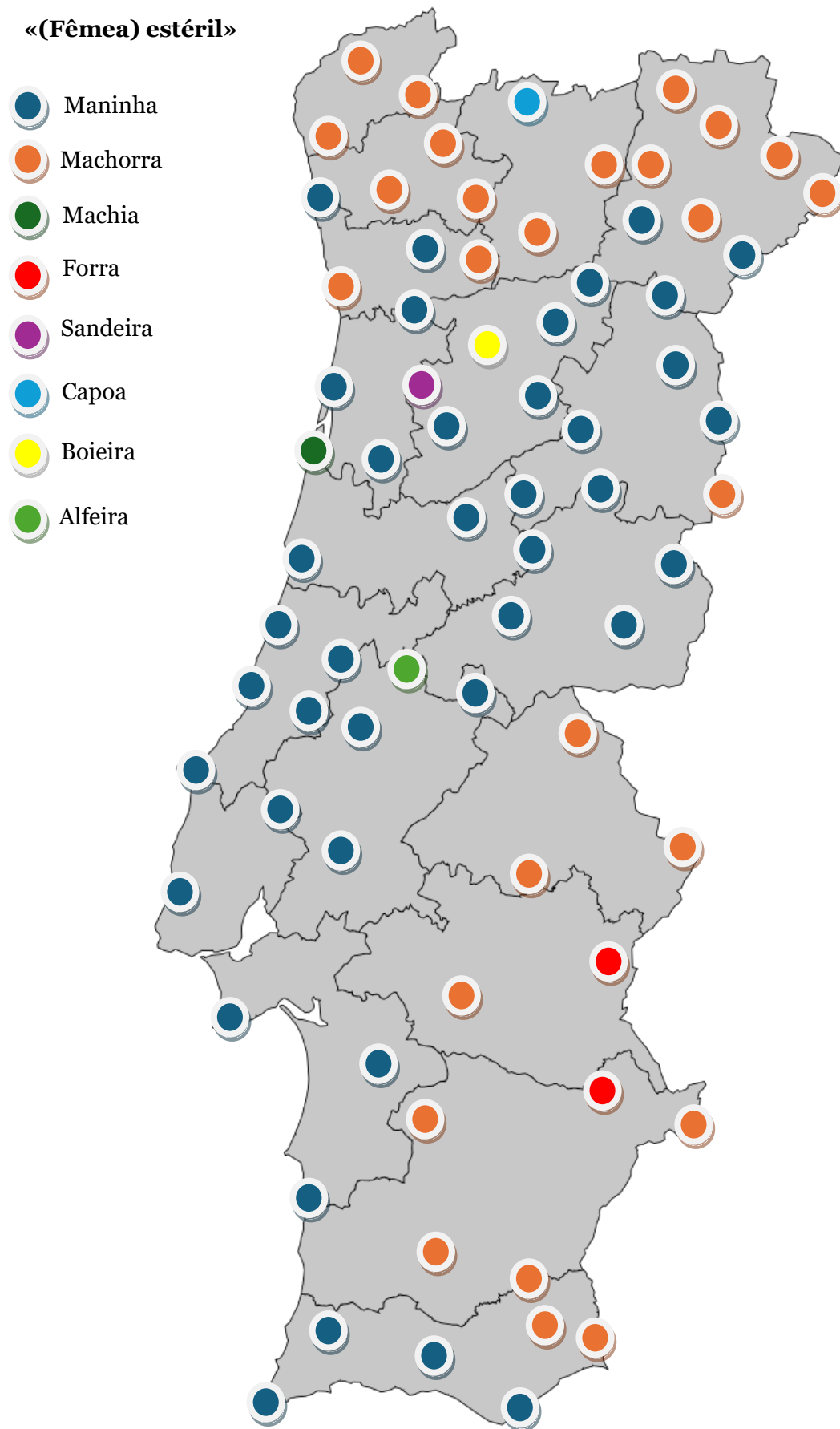
Antes de avançar para a observação dos respetivos mapas, importa fazer uma breve nota acerca da metodologia desenvolvida pela geolinguística para a recolha de dados linguísticos com os quais é possível chegar às conclusões apresentadas. De modo sucinto, quando se pretende estudar a variação linguística no espaço, a recolha de dados poderá ser feita através de questionários e inquéritos, procedimento levado a cabo por Cintra e tantos outros estudiosos. A partir da audição dos inquéritos e da sua transição, seja ela fonética ou ortográfica, procede-se ao armazenamento dos dados em cadernos de questionários organizados por inquérito e localidade. A sua publicação pode ser feita através de métodos geolinguísticos, como mapas e atlas linguísticos (caso

do presente estudo), ou através de arquivos de textos dialetais ou sonoros, bem como em *corpora* (cf. SARAMAGO, 2006: 281-285), conceito que será analisado e desenvolvido posteriormente.

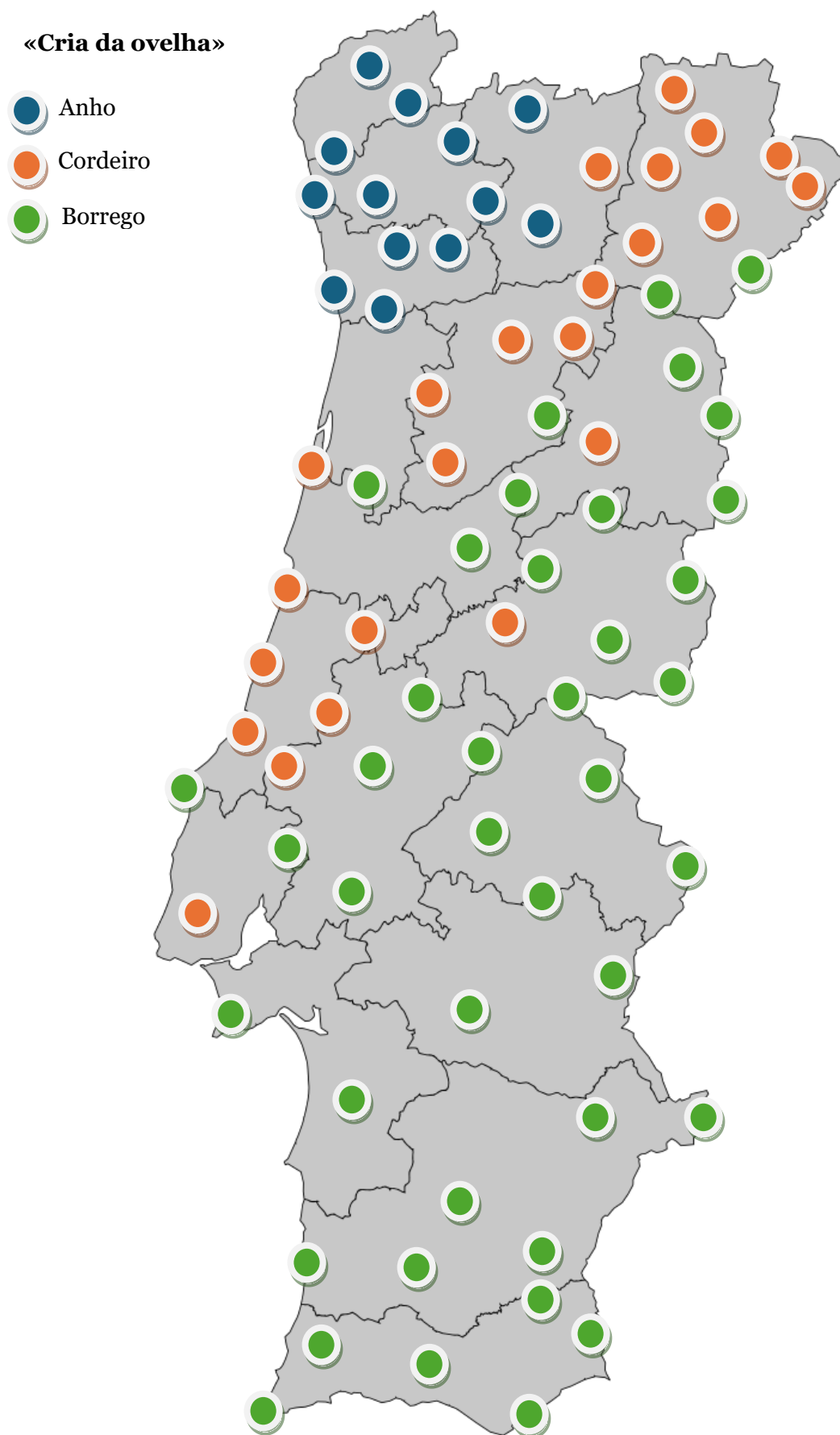
Assim, os Mapas 1, 2, 3 e 4, apresentados em seguida, representam a repartição do conjunto de respostas correspondentes às respostas obtidas para as diferentes questões nos diferentes pontos da rede de inquérito (localidades em estudos). Dessa forma, os seguintes mapas permitem visualizar a distribuição espacial de variantes de uma variável linguística, que, neste caso, são «ordenhar», «(fêmea) estéril», «cria da ovelha» e «cria da cabra». São, portanto, mapas lexicais onomasiológicos e interpretativos, isto é, mapas que mostram as diferentes designações atribuídas aos conceitos apresentados e que, sendo interpretativos, representam tipos de variantes sob uma representação visual. É a partir deste tipo de mapas que se torna possível traçar um outro tipo de mapas: os mapas de áreas dialetais. É por meio da observação de regiões que consistentemente se destacam em termos das diferentes formas linguísticas que existem que é possível identificar de forma mais precisa oposições dialetais. A definição das áreas dialetais ocorre, assim, pela distribuição relativa das diversas formas de um conjunto de características ou elementos linguísticos variáveis (cf. RABANUS, 2011: 36-39). O conjunto de mapas foi adaptado dos mapas estabelecidos em Cintra (1983) e, portanto, a estrutura dos mesmos não difere da estrutura dos originais.



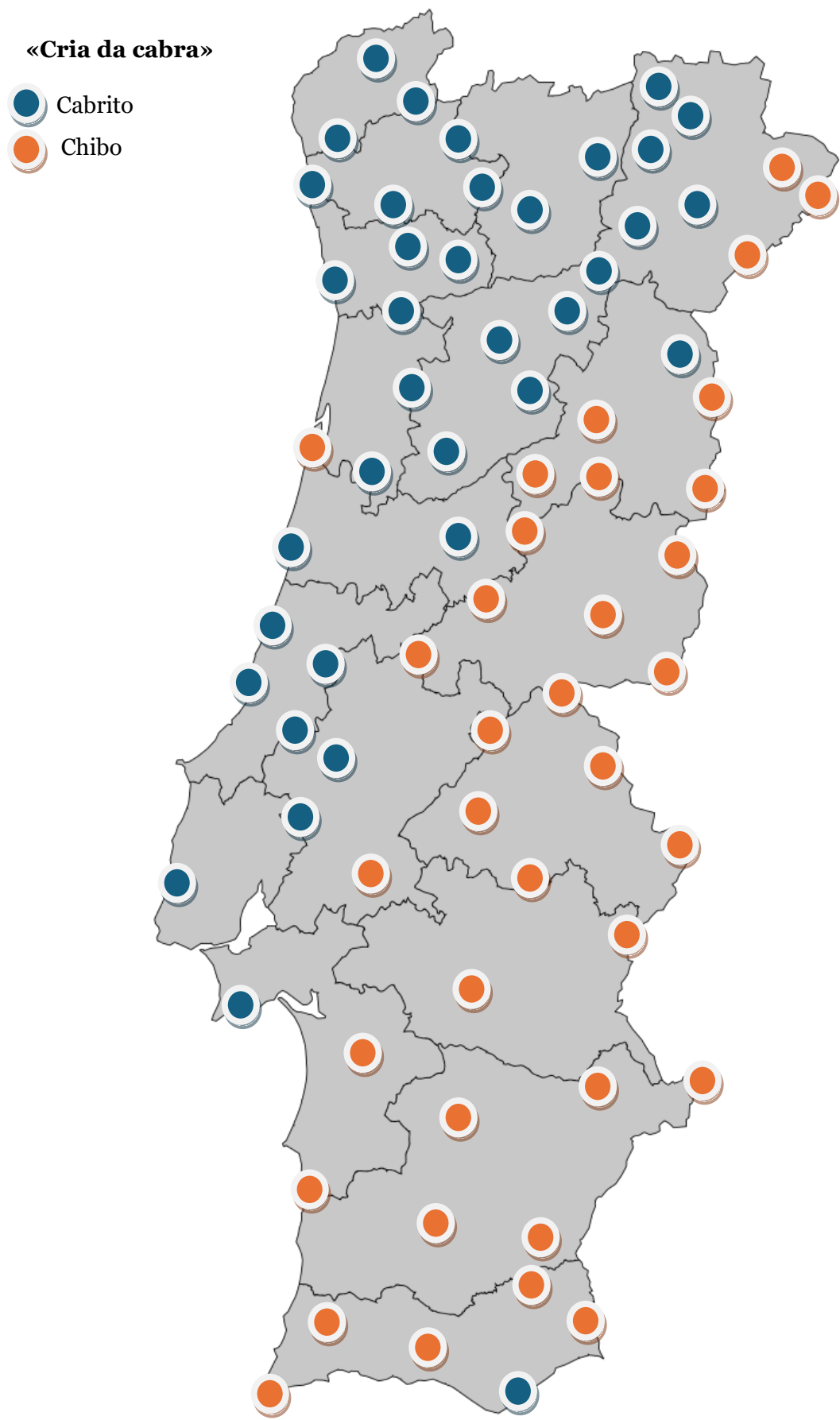
Mapa 1 – Adaptação de Cintra (1983: 62)



Mapa 2 – Adaptação de Cintra (1983: 71)



Mapa 3 – Adaptação de Cintra (1983: 76)



Mapa 4 – Adaptação de Cintra (1983: 81)

Ainda acerca do estudo de variação levado a cabo por Cintra, destaque-se o facto de os elementos escolhidos pelo mesmo e que foram seleccionados para o presente estudo envolverem vocabulário ligado à vida quotidiana de trabalhadores do campo e que, portanto, não pertencem ao vocabulário de objetos, atividades e conceitos de quem habita zonas urbanas e está afastado dessa realidade (havendo sempre, no entanto, a possibilidade do conhecimento dessas formas).

Não obstante, Brissos (2011), apesar de não aprofundar a questão da variação lexical, destaca para análise a forma de agradecimento genuinamente característica da região da Beira Baixa, zona em foco no presente estudo: a expressão «bem haja», deixando de parte a expressão «obrigado/a» constante na norma-padrão. Considerou-se importante esta observação uma vez que a expressão «bem haja» é empregue em qualquer contexto, seja ele formal ou informal, e flexionada consoante a pessoal verbal: «bem hajas», no singular, «bem hajam», no plural (cf. BRISSOS, 2011: 168). O autor alerta ainda para a frequente confusão entre os segmentos iniciais *es-* e *des-*, utilizando formas como «destragar» (estragar), «esperdício» (desperdício), «escascar» (descascar), sendo este um fenómeno que se verifica, também, em toda a zona da Beira Baixa (cf. BRISSOS, 2011: 168).

A propósito, importa ainda realçar algumas palavras que se destacam, dentro do dialeto centro-meridional, no Sul do país, a partir das quais partiremos para uma outra análise. Partindo do *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* de Antenor Nascentes e do artigo «A propósito de áreas lexicais no território português (algumas reflexões acerca do seu condicionamento)» de Orlando Ribeiro, é interessante destacar alguns pares de palavras com significado igual ou parecido, palavras essas que se produzem na zona do dialeto em estudo, sendo uma das palavras de origem românica e a outra de origem arábica. Nos casos em que há mais do que uma opção, uma delas, naturalmente, será mais produzida pelos falantes do que a outra, mas, sobre esse assunto, falaremos adiante. Destacar-se-ão, portanto, na Tabela 1, algumas das variantes lexicais presentes nesta parte do país que a autora considerou relevantes e através das quais Orlando Ribeiro chegou a algumas conclusões:

Origem românica	Origem arábica
cesto, cabaz	açafate, alcofa
palmada	açoite
migas, sopa de pão	açorda
pandeiro	adufe
enxada	alferce
bolso	algibeira
sobrenome, nomeada	alcunha
travesseira	almofada
romaria	arraial

Tabela 1 – Adaptação de Ribeiro (1965: 177-205)

Acerca do exposto, afirma Orlando Ribeiro que a entrada de palavras de origem arábica deu-se em épocas distintas aquando da formação da língua portuguesa. Os Moçárabes e os Mouros, como se sabe, após a Reconquista, habitaram muitas das regiões do Algarve, Entre Douro e Minho, permanecendo nelas. Foi através dessa ocupação que se formou aquilo a que o autor considerou ser uma «camada linguística mais antiga», mediante arabismos incorporados no «romance» falado pelos próprios Moçárabes, e outra «mais moderna», com recurso a inovações a partir do árabe vulgar (cf. RIBEIRO, 1965: 177-205).

Com a análise das formas destacadas pretendeu-se apenas demonstrar a variação lexical que algumas formas que, à partida, seriam simples, podem tomar por parte de diferentes falantes. Através de mapas linguísticos (quatro dos quais foram adaptados ao presente estudo), nos quais é possível constatar a distribuição das diferentes formas, Cintra conclui que é possível identificar duas áreas lexicais distintas: uma mais conservadora, no noroeste e oeste, e outra mais inovadora, no leste e sul. A diversidade linguística nessas áreas estará relacionada à história do povoamento: a primeira permaneceu habitada entre os séculos XVII e XI, enquanto a segunda sofreu um intenso despovoamento, sendo repovoada nos séculos XII e XIII por gentes de diversas origens. É precisamente este conhecimento que destaca a relação entre a Dialectologia e a história da língua; a abordagem às formas antigas e aos dialetos modernos é essencial para descobrir a origem de determinados vocábulos.

Quanto ao léxico, não será tão fácil afirmar que existe uma oposição entre os dialetos setentrionais e os dialetos centro-meridionais, tampouco entre as variedades dentro dos mesmos, como é o caso da variedade da Beira Baixa. Já Cintra o afirmara:

Temos simplesmente de reconhecer que os tipos de estruturação do léxico variam muito, conforme os conceitos ou «sentidos estudados», e que é muito difícil, se não impossível, estabelecer nesse domínio, à semelhança do que se faz com base na fonética, a existência de princípios gerais ou que se aproximem da generalidade. (CINTRA, 1983: 90)

No entanto, com a pesquisa de Cintra, foi possível traçar com relativa aproximação a fronteira vocabular entre o Portugal românico e o Portugal arabizado. As formas conservadoras, arcaicas são bastante frequentes na Estremadura: «muger» é ainda bastante comum em Peniche e «mugir» é utilizado em Sesimbra e no Ribatejo. A forma «cordeiro» penetra o distrito de Lisboa e «cabrito», por sua vez, domina toda a zona da Estremadura. Dessa forma, é possível afirmar que o Algarve, o Alentejo, a zona da Beira Baixa e de Trás-os-Montes constituem uma área mais inovadora, o que se pode explicar pelo facto de serem áreas fronteiriças ou próximas da fronteira, através da qual se introduziram algumas formas (cf. O. RIBEIRO, 1965: 185). Cintra afirma, no entanto, que, tendo em conta a influência árabe que se faz sentir na região Sul do país, poderá haver uma oposição de preferências por palavras árabes comparativamente a palavras de origem latina, contrariamente ao que acontece no Norte do território português. Para finalizar as suas considerações a respeito de uma possível estruturação lexical, Cintra afirma:

A oposição entre um Portugal permanentemente povoado, ocupado por uma população que, na sua maior parte, tem raízes muito antigas na terra em que habita, população fundamentalmente avessa a inovações, e um Portugal [...] ocupado [...] por uma população de várias proveniências que nele se misturou [...], população propensa a criar ou a admitir formas de viver e de falar novas ou modificadas, tem sem dúvida consequências da maior importância. (CINTRA, 1983: 94)

Ribeiro (1965), por sua vez, cita:

Se é a história que revela as «vocações» dos lugares, é a terra que, através do tempo, faz sentir a sua persistente influência. Os mapas de Lindley Cintra desenham não apenas a oposição entre o Norte e o Sul – já apontada por vários autores – mas a oposição entre litoral e interior, que se combinam para dar a muitos aspectos da geografia portuguesa um traçado em viés. [...] Os padrões linguísticos ajustam-se assim a outros aspectos naturais e humanos, todos eles indispensáveis à compreensão do território português. (O. Ribeiro, 1965: 205)

Capítulo 2 – Transcrição e análise de dados

2.1. O *corpus* linguístico

A conceção de *corpora* como objetos de estudo linguístico tem várias aplicações que podem ser compreendidas de duas formas distintas. Em primeiro lugar, na abordagem da linguística de *corpora* e em perspetivas teóricas semelhantes, o *corpus* é considerado uma fonte de dados que oferece informações sobre os mais variados fenómenos linguísticos que podem escapar à intuição humana; desta forma, é possível identificar padrões e tendências, revelando informações que não seriam facilmente percebidas apenas com base na observação intuitiva. Não obstante, o *corpus* é também utilizado como metodologia de pesquisa em diversos estudos que se inserem em diferentes teorias linguísticas. Um *corpus* linguístico consiste, portanto, num conjunto estruturado e organizado de amostras de linguagem (que podem ser orais e escritas; no presente estudo, usar-se-ão amostras orais) recolhidas para fins de análise linguística. A finalidade de um *corpus* linguístico passa por permitir que linguistas ou interessados no estudo das línguas estudem uma determinada língua ou forma de linguagem de forma sistemática, observando os seus padrões, a sua variação e as regularidades encontradas em diferentes contextos.

No *Manual de Linguística Portuguesa* (2016), no capítulo inteiramente dedicado ao *corpus* linguístico, «Linguística de *corpus* e outros usos dos *corpora* em linguística», a linguista Amália Mendes afirma que a linguística de *corpus* se centra na análise da linguagem com base em exemplos retirados de um *corpus*, que consiste, segundo a mesma, num conjunto de textos escritos ou transcrições de discursos orais, geralmente em formato digital. Assim, utilizar *corpora* para estudos linguísticos permite realizar análises linguísticas fundamentadas em diversos contextos e num conjunto vasto de dados. Esses dados, por sua vez, não apenas fornecem informações sobre os fenómenos linguísticos presentes na escrita e na fala, como indicam também com que frequência esses fenómenos ocorrem (cf. MENDES, 2016: 225). Posto isto, é possível afirmar que o *corpus* linguístico é uma ferramenta fundamental para o estudo científico da linguagem e das suas variadas aplicações práticas.

A utilização de *corpora* como objetos de estudo tem vindo a ser cada vez mais frequente. Foi com Lindley Cintra que se iniciaram os primeiros trabalhos com *corpora*, com o seu projeto *Português Fundamental*, na década de 70, no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. O principal objetivo destes estudos era dar a conhecer informação sobre o vocabulário português utilizado com maior frequência em situações quotidianas. Para que tal fosse possível, constituiu-se, posteriormente, entre 1970 e 1974, um *corpus* de gravações de comunicação oral espontânea, o *Corpus de*

Frequência, que muito contribuiu, e contribui, para que outros trabalhos se viessem e venham a desenvolver. Sobre os demais *corpora*, Amália Mendes acrescenta:

Os *corpora* são usados como fontes de dados também em teorias formalistas, que pretendem verificar hipóteses de trabalho com base nos dados, mas focam tipicamente áreas para as quais o investigador não pode dispor da sua intuição, como seja o estudo das variedades dialetais ou nacionais de uma língua ou dos processos de aquisição de uma língua por crianças ou por falantes estrangeiros. Os trabalhos em linguística de *corpus* partem, pelo contrário, da perspetiva segundo a qual os dados do *corpus* são úteis mesmo quando o investigador trabalha sobre a sua variedade nativa e permite revelar novos fenómenos que não seriam visíveis se este apenas se baseasse na sua intuição. (MENDES, 2016: 225)

O tipo de material selecionado para o *corpus* irá ao encontro do objetivo final do mesmo. São matérias a ter em conta (1) a modalidade da produção, isto é, se é um *corpus* escrito ou oral; (2) a modalidade da língua portuguesa, ou seja, se é *standard* ou dialetal, contemporânea ou histórica; (3) os géneros textuais; (4) o perfil dos informantes, isto é, se são produções de falantes nativos, de crianças a adquirirem a sua língua materna, de aprendentes de português como língua estrangeira, etc.; e (5) o registo (formal ou informal) dos textos e das gravações.

No caso do presente estudo, importa salientar os *corpora* de variedades regionais do Português Europeu e, dentro destes, os *corpora* sonoros. Juntamente com o desenvolvimento de alguns atlas linguísticos, como o *Atlas Linguístico e Etnográfico de Portugal e da Galiza* (abordado em 2.1. ALEPG, CORDIAL-SIN e MADISON), o *Atlas Linguístico do Litoral Português*, o *Atlas linguístico e Etnográfico dos Açores* e, também, o projeto *Fronteira Dialectal do Barlavento Algarvio*, foram reunidas gravações de áudio que estão disponíveis no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e no CORDIAL-SIN, este último também abordado no tópico acima mencionado (2.1.). Outro *corpus*, o *Corpus de Português Europeu – Variação* (CPE-Var), concentra-se especificamente em dados de fala recolhidos entre 1996 e 1997 nas cidades de Lisboa e Braga. Este *corpus*, voltado para os estudos fonéticos e fonológicos, inclui para cada informante uma secção de conversa formal, seguida de uma leitura de palavras isoladas, frases soltas e textos aleatórios; por fim, é tida uma conversa informal. Os informantes são, idealmente, analfabetos.

Nos *corpora* sonoros cujo objetivo é estudar a variação linguística compilam-se conversas espontâneas. A gravação de áudio deve ter em conta boas condições de captação de som. Poder-se-á, ainda, optar-se pela filmagem das gravações, o que complementarmente o registo sonoro com imagem em tempo real do sucedido, permitindo a «análise da relação entre prosódia e gesto» (MENDES, 2016: 228). A esta gravação segue-se a transcrição ortográfica, acompanhada, por vezes, de transcrição fonética, como se verá no presente estudo. Por sua vez, a transcrição requer o estabelecimento de

normas que servirão para reproduzir graficamente pausas, fronteiras entoacionais, hesitações, sobreposições de turnos de fala, palavras fragmentadas, elementos extralinguísticos, como tosse, riso e choro, e elementos paralinguísticos, como «ah» e «hum», que fazem, também, parte de um discurso não preparado (as chamadas muletas linguísticas ou bordões de linguagem). As normas utilizadas na transcrição dos ficheiros de áudio em análise neste estudo encontram-se no tópico 3.1. Convenções utilizadas.

2.2. ALEPG, CORDIAL-SIN e MADISON

Sabendo já da importância dos *corpora* de variedades regionais e dos *corpora* sonoros para a análise da variação de uma língua, saliente-se que, para o desenvolvimento do presente estudo, foram necessários, essencialmente, três bases de dados que vale realçar: o *Atlas Linguístico Etnográfico de Portugal e da Galiza*, já mencionado, o *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (CORDIAL-SIN) e o *Mapa Dialectal Sonoro* (MADISON), todos eles constantes no sítio eletrónico do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

O ALEPG tem aqui suma importância, uma vez que foram extraídos dele dados essenciais para o desenvolvimento do CORDIAL-SIN e do MADISON. Teve o seu início em 1970, com o trabalho de um grupo dirigido por Lindley Cintra, que se encarregou de desenvolver o *Questionário Linguístico* que, por sua vez, serviria como guia para a recolha de dados do ALEPG. O questionário em questão focava-se principalmente em questões de vocabulário, com base em termos específicos. Era um questionário tipicamente lexical de base onomástica. Inicialmente, continha cerca de 3,500 perguntas, que, mais tarde, ficaram reduzidas a aproximadamente 2,000, de forma a tornar a sua aplicação mais rápida e, conseqüentemente, facilitar o progresso do projeto. Assim, foram preservados os capítulos que abordavam o léxico que tendia a desaparecer com maior facilidade, incluindo tecnologias tradicionais e práticas agrícolas e pecuárias.

O ALEPG conta com uma rede de 212 pontos de inquérito, distribuídos de forma heterogénea: 176 em território continental, 17 nos Açores, 7 na Madeira e 12 em áreas fronteiriças com Espanha (cf. SARAMAGO, 2006: 281-298). A escolha das localidades não foi irrefletida: utilizaram-se critérios de seleção conforme os padrões comumente empregados neste tipo de projetos: a diversidade linguística de cada região e a sua densidade populacional. Da mesma forma, também os informantes foram selecionados a partir de critérios rigorosos: idealmente, os participantes deveriam ter idade superior a 50 anos; a sua escolaridade não deveria ser superior à primária; não deveriam ausentar-se da localidade em estudo e, caso o fizessem, teria de

ser, preferencialmente, por curtos espaços de tempo; e os pais e cônjuges deveriam ser naturais da própria localidade ou de regiões próximas (cf. SARAMAGO, 2006: 283).

Inicialmente, fizeram parte da equipa de investigadores do ALEPG Manuela Barros, Luísa Segura, Gabriela Vitorino e João Saramago, responsáveis, também, pela realização da maior parte dos inquéritos. Atualmente, apenas Luísa Segura, Gabriela Barros e João Saramago dão continuidade aos trabalhos de investigação, procedendo à audição e respetiva transcrição das gravações. Aquando da realização dos inquéritos, os investigadores formavam equipas de dois membros que colaboravam em conjunto. Os inquéritos, sendo gravados na íntegra, obrigavam um dos investigadores a estar atento a todos os aspetos técnicos relacionados com a gravação (para além do próprio trabalho do inquérito). Outros investigadores, como Fernando Brissos, serviram-se do ALEPG como recurso e base de dados para as suas pesquisas (veja-se, no Capítulo 1, em 1.4. Os dialetos portugueses: o dialeto centro-meridional (distinções e espaços), todos os traços do dialeto centro-meridional apresentados por Brissos, retirados do referido *corpus*). João Saramago, no artigo de sua autoria *O Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)*, afirma:

Na apresentação do projecto ALEPG, os autores, para além de salientarem a sua importância “para o progresso da Filologia Portuguesa”, apresentavam o que achavam dever ser as suas linhas gerais. Muito sucintamente elas eram as seguintes: Espaço territorial: a totalidade do domínio linguístico galego-português. Assim sendo, as recolhas deveriam estender-se a áreas politicamente não portuguesas, com especial relevância para a Galiza.

Princípios metodológicos: a) a densidade da rede situar-se-ia entre os 300 – 350 pontos de inquérito; b) a existência de apenas um inquiridor que, mais tarde, deveria colaborar na elaboração dos mapas linguísticos; c) a transcrição fonética, não sendo “exageradamente minuciosa” deveria possibilitar a descrição, fonética e fonológica, dos diferentes falares em estudo; d) o questionário linguístico seguiria, como modelo, o do AIS e o do ILB. Estava igualmente prevista a comparação com outros questionários linguísticos já existentes. (SARAMAGO, 2006: 281-282)

Por seu turno, o CORDIAL-SIN é um projeto que visa estudar a variação sintática dialetal do português europeu, sendo composto por amostras de discurso livre e semi-redigido selecionadas de maneira a representar geograficamente diferentes regiões. Esses excertos foram extraídos de aproximadamente 4,500 horas de gravações realizadas em mais de 200 localidades portuguesas. As gravações fazem parte de projetos como o ALEPG, mas não só: incluem também dados do *Atlas Linguístico do Litoral Português (ALLP)* e do *Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores (ALEAç)*. Os dados recolhidos nesses projetos foram obtidos entre 1974 e 2004, em áreas rurais e piscatórias, tendo sido produzidos por falantes que se enquadram no perfil social típico dos informantes tradicionais em estudos dialetológicos, também aplicado no ALEPG: geralmente idosos, com baixo nível de escolaridade ou analfabetos, e nativos e

residentes da comunidade onde ocorreu o levantamento de dados. Destaque-se a extensão do CORDIAL-SIN, que conta com cerca de 650,000 palavras, resultantes da transcrição de aproximadamente 68 horas de gravações levadas a cabo nas 42 localidades ou microrregiões espalhadas por todo o país. O *corpus* é apresentado no seu sítio eletrónico sob diferentes formatos, sendo eles (1) transcrição ortográfica conservadora, com várias anotações de fenómeno de oralidade e de variação; (2) transcrição normalizada, que elimina fenómenos marcados na transcrição conservadora; e (3) texto etiquetado por palavra. Todas estas informações estão disponíveis na página eletrónica do CORDIAL-SIN. A coordenação deste *corpus* pertence à investigadora Ana Maria Martins, contando ainda com diversos colaboradores, como Ernestina Carrilho, Rita Maquilhas, Catarina Magro, Adriana Cardoso, João Saramago, Gabriela Vitorino, entre outros.

O MADISON, o *corpus* que contempla um conjunto de excertos sonoros retirados de entrevistas dialetais em várias localidades de Portugal Continental e Insular para vários atlas linguísticos, desenvolvido pelo Grupo de Dialectologia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), é a base do presente estudo e a sua análise implicou a transcrição de excertos de áudio disponíveis na sua plataforma. Os atlas linguísticos referidos são o ALEPG, já abordado, o ALE (*Atlas Linguarum Europae*), desenvolvido em 1975, com uma rede de 53 pontos em todo o território continental e um questionário composto por aproximadamente 550 perguntas; o ALiR (*Atlas Linguistique Roman*), iniciado em 1987 numa rede total de 110 localidades em território continental e insular, utilizando um questionário com cerca de 600 questões; e o ALLP (*Atlas Linguístico do Litoral Português*), um atlas que teve o seu início em 1984, abrangendo 23 localidades costeiras do território continental e, posteriormente, 17 localidades nos arquipélagos da Madeira e dos Açores, tendo sido utilizado um questionário com aproximadamente 1200 perguntas.

O MADISON é um recurso criado com base na recolha de respostas a questionários que visam estudar, principalmente, a sintaxe e o léxico locais, e em gravações de fala espontânea que visam, por sua vez, estudar as produções fonéticas locais, gravações essas em que os participantes narram atividades tradicionais, festas e acontecimentos locais, memórias de infância e experiências individuais. Os informantes, que podem ser homens ou mulheres, cumprem, como exposto, os requisitos comuns a este tipo de investigações: são naturais e residentes permanentes dos locais da entrevista e/ou do questionário, locais esses rurais e de pequena dimensão; são considerados uma representação do modo de falar local, tendo, por isso, preferencialmente, cinquenta anos ou mais, uma escolaridade muito reduzida, senão inexistente, e pouco contacto com falares de outras zonas do país. Apesar de a idade

não dever ser inferior a 50 anos, um dos ficheiros de áudio em análise é apresentado por uma informante de 35 anos.

Ademais, todas as entrevistas foram gravadas em dispositivos magnéticos e posteriormente digitalizadas para uma maior segurança, contabilizando um total de 4,500 horas de gravação.

2.3. A transcrição ortográfica

O conceito de transcrição ortográfica rege-se por dois princípios: (1) não escrever nada que não se ouça; (2) escrever tudo o que se ouvir (cf. RAMILO & FREITAS, 2002: 55). Os responsáveis pela transcrição ortográfica do projeto REDIP (*Rede de Difusão Internacional do Português*), a primeira grande investigação sobre o discurso dos média, dizem-nos:

Isto significa, por um lado, que o transcritor não deverá ser zeloso ao ponto de tentar resolver todas as lições, principalmente quando estas lhe são totalmente incompreensíveis. Por outro lado, não deverá subtrair elementos do texto, ainda que sejam geradores de confusão e dificultem a inteligibilidade. Deverá acautelar-se ao máximo no sentido de não impor sobre a transcrição quaisquer marcas pessoais, distinguindo o seu idioleto daquilo que realmente está a ser dito. (RAMILO & FREITAS, 2002: 55)

O escopo da análise leva em conta, portanto, a deteção dos principais fenómenos de variação produzidos em linguagem oral e espontânea na Beira Baixa, analisando os falares de seis zonas distintas: Idanha-a-Nova, Monsanto, Porto de Vacas, Unhais da Serra, Isna e Malpica do Tejo. Na variação a analisar, destacam-se as áreas da sintaxe, da fonética e do léxico, considerando todos os desvios da norma-padrão do Português Europeu encontrados.

2.3.1. Metodologia: convenções utilizadas

A análise apresenta-se a partir de um cabeçalho correspondente a cada ficheiro de áudio transcrito (conforme as normas de transcrição CORDIAL-SIN). Este cabeçalho contém, idealmente, informações como a localidade onde o ficheiro de áudio foi gravado e a respetiva data; o nome de cada um dos informantes, bem como o sexo, a idade e a escolaridade; o nome de cada um dos inquiridores; a fonte de onde os áudios provêm; e os assuntos tratados pelos informantes. No entanto, devido à preferência pelo anonimato dos informantes, não é possível indicar os seus nomes, apenas sendo apresentada informação relativa à idade dos mesmos. Os informantes cuja participação é secundária não apresentam informações relativas à idade, mas estima-se que todos os informantes de uma mesma entrevista compreendam idades próximas. Para distinguir

os informantes e facilitar a análise e, posteriormente, a comparação, atribuiu-se a cada um dos mesmos um número de identificação, sendo o número total de informantes 18.

A transcrição ortográfica dos excertos referidos será feita a partir das normas de transcrição EXMARaLDA (não publicadas) e CORDIAL-SIN, adotando ainda soluções ortográficas próprias. Além disso, apresentar-se-á ocasionalmente a transcrição fonética de algumas produções para registrar com maior precisão produções variantes das formas da norma-padrão nos níveis fonético-fonológico. Não obstante, utilizar-se-ão também convenções criadas pela autora para destacar características relevantes para o estudo da variação dialetal da localidade em questão, nomeadamente para destacar segmentos com variação lexical ou sintática, normas essas que as convenções do EXMARaLDA e do CORDIAL-SIN não permitem destacar. Em última instância, utilizam-se transcrições adaptadas das onomatopeias, procurando que se aproximassem o mais possível daquilo que é produzido pelo falante.

Assim sendo, as normas de transcrição utilizadas referidas anteriormente são várias e ordenam-se em seguida: (1) para identificar o informador, utiliza-se o código “INF” (com o respetivo número de identificação); (2) para identificar o inquiridor, utiliza-se o código “INQ” (com o respetivo número de ordem de fala; na existência de dois, são identificados com “INQ1” e “INQ2”), em itálico, para se diferenciar do informador; (3) para identificar segmentos produzidos que fogem à norma-padrão de produção do português europeu, transcrevem-se foneticamente e assinalam-se os mesmos com o código “PH” (phonetic) da seguinte forma: {PH|forma fonética=forma gráfica}; (4) para identificar segmentos com a parte inicial truncada, transcrevem-se foneticamente e assinalam-se os mesmos com o código “IP” (inicial partial) da seguinte forma: {IP|forma truncada=forma completa}; (5) para identificar formas contraídas, transcrevem-se foneticamente e assinalam-se as mesmas com o código “CT” (contracted), da seguinte forma: {CT|forma contraída=forma completa}; (6) para identificar formas lexicais não-padrão (ou não dicionarizadas), assinalam-se as mesmas com o código “LX” (lexical) da seguinte forma: {LX|variante lexical}; (7) para identificar formas sintáticas não-padrão, assinalam-se as mesmas a negrito; (8) para identificar palavras ou sequência de palavras produzidas no mesmo momento de outra produção de palavras ou sequência de palavras (discurso de um informador produzido simultaneamente com o discurso de outro informador), assinalam-se as mesmas com sublinhado contínuo; (9) para identificar pausas breves na fala, assinalam-se as mesmas com “/”; (10) para identificar pausas longas na fala, assinalam-se as mesmas com “//”; (11) para assinalar a repetição involuntária de uma palavra ou de um conjunto de palavras, utiliza-se o código RP” (repeated) da seguinte forma: [RP|palavra ou palavras repetidas]; (12) para assinalar disfluências no discurso, formas ou

sequências não concluídas, utiliza-se o código “AB” (abandoned) da seguinte forma: [AB|forma ortográfica dos segmentos produzidos]; (13) para assinalar mudanças no discurso, mantendo, no entanto, o tópico, utiliza-se “[//]”; (14) para assinalar a reformulação total do discurso, utiliza-se “[///]”; (15) para assinalar a incompreensão de uma única palavra, utiliza-se “xxx”; (16) para assinalar a incompreensão de uma sequência de palavras, utiliza-se “yyyy”; (17) para assinalar risos, utiliza-se a onomatopeia considerada pela autora como a mais próxima, “hahaha”; (18) para assinalar um discurso interrompido, utiliza-se “+”; (19) para assinalar a suspensão intencional do discurso, utiliza-se “...”; (20) para assinalar audições duvidosas, utiliza-se “(?)” (para assinalar interrogações, utiliza-se o sinal gráfico sem qualquer alteração); (20) para assinalar variantes morfológicas resultantes de processos de regularização analógica, utilizam-se aspas simples (“).

2.4. Transcrições ortográficas

2.4.1. Idanha-a-Nova

2.4.1.1. «A mezinha das abróteas»

Localidade: Idanha-a-Nova Distrito: Castelo Branco	Concelho: Idanha-a-Nova Data: 06/1976
Informante: 1 Idade: 68	Sexo: F Escolaridade:
Informante: 2 Idade:	Sexo: F Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Manuela Barros Inquiridor2: João Saramago	
Assunto: Mezinhas, plantas, doenças, terapias, asininos	

INF1 A {PH|v'brɔjta=abrótea} tem a rama para cima e {PH|'dete=deita} uma [RP|uma] vara para [///] [AB|cha-] / {PH|tʃv'mẽw̃si=chamam-se} gavenitos. {PH|tʃv'mẽw̃si=chamam-se} [AB|gav-] / {PH|gɐv'e'nituʃ=gavanitos}. {PH|poj=pois}. E por baixo tem umas batatas {PH|tɐmẽj=também} que [AB|{PH|tɐmẽj=também}] aquelas batatas {PH|tɐmẽj=também} fazem {PH|bẽj=bem}. [AB|Também se faz-] também se fazem pomadas com aquelas batatas. Eu tive uma burra que tinha umas impingens [///] {PH|eʌv=olha} esses [AB|são os tais] [AB|as tais abr-], as tais {PH|v'brɔjtaʃ=abróteas}, e criam isto.

INF2 em simultâneo com “são os tais” Ai / hahaha.

INF2 em simultâneo com “e criam isto” {PH|poj=pois}...

INF2 Depois tomam isto +

INF1 Mas uns **se tomam grossos**, outros tomam-se miúdos, pronto.

INF2 em simultâneo com “tomam-se miúdos” {PH|'tʃemɐli=chama-lhe} a gente um gavenito. E as batatas estão lá debaixo da terra, tomam rama e assim umas folhinhas compridas.

INF1 em simultâneo com “e as batatas estão lá debaixo da terra” E têm batatas lá por baixo.

INF1 em simultâneo com “tomam rama e assim umas folhinhas compridas” [AB|Eu tive uma] eu tive uma burra que ainda é a raça desta burra que agora aí tenho, e tinha umas impingens, e andei com ela no doutor e nos veterinários e {PH|nu=não} {PH|kõsi'girẽw̃=conseguiram} {PH|ku'rermi=curar-me} as impingens à burra. E no fim [//] e eu quando {PH|ẽ'de=andei} lá na tal {PH|zi'brerɐ=Zebreira} [//] e [AB|houve ali um] havia lá um homem que [RP|que] também era assim meio / desses homens meio {LX|benzilhões}, não é? // [AB|E o homem] havia lá o rapaz e tinha umas impingens na cara, das bravas. E ele andava no doutor, nos doutores, e [AB|no] / nos barbeiros e {PH|'tai=tal}, e nada de curarem as impingens ao rapaz. [AB|E no fim] e houve o tal {PH|vɛ'loti=velhote} [//] e eu era assim / maior, já maior, já como [PH|a'kɛɐ=aquela] rapariga / e ouvi então aquilo. E [RP|e] [RP|e] vai no fim e diz-lhe o velhote // “então, tu nunca {PH|maj=mais} curas as impingens?” / então, eu fui ao senhor doutor Crisóstemo(?) e tal, que era o doutor lá da Zebreira, e o médico, o barbeiro, ensinou-me isto, ensinou-me aquilo e frito e cozido / e [RP|e] não sou capaz, [AB|nada cura n-] / nada cura as impingens // “Não...? Olha, {PH|vaf=vais} arrancar umas raízes de {PH|v'brɔjtaʃ=abróteas}, {PH|dʒ'buʌzɛʃ=debulha-las} bem {PH|dʒbüʌv'diɲɛʃ=debulhadinhas}, tiras aquela casca que têm por fora por causa da terra, mor(?) de terem terra, {PH|dʒ'buʌzɛʃ=debulha-las} e {PH|'zmagɛzɛʃ=esmagalhas} bem esmagadinhas, bem esmagadinhos, e {PH='põzɛʃ=põe-las} numa latinha [RP|numa latinha] [AB|que não tenha] que esteja nova, que não esteja / com ferrugem, que não coisa, {PH='põzɛʃ=põe-las} numa latinha, com uma pinguinha de {PH|v'zeti=azeite} e deixas ferver essas [RP|essas] abr[ɔj]tas e {PH|vaf=vais} mexendo, {PH|vaf=vais} mexendo, {PH|vaf=vais} mexendo até fazeres uma pomadazinha. E de manhã, em jejum, {PH|põʃ=pões} essa pomada [//] {LX|pintas} as impingens com essa pomada / e {PH|vaf=vais} ver se te curas ou não te curas. Só [RP|só] a pôs umas quatro ou cinco vezes, as impingens desapareceram. **Ele**(?) aparece-me a burra com as impingens nas

{PH|o'reʎɐf=orelhas} e {PH|tʃɛjɐ=cheia} de impingens. O veterinário / dizia para mim // “olha, **isso** [//] a burra {PH|'pɔdzɐ=pode-la} {PH|vẽ'deri=vender} que isso já é sangue de umas das outras / **isso** não há nada que cure isso”. Ah, {PH|'vaʎɐmɐ} Deus(?). Ora essa. Não há nada que cure isso? Mas se isso já é yyyy e frito e cozido e tal, o veterinário. E lembrou-me a partida de [RP|de] curar as impingens com as {PH|v'brɔjtɐf=abróteas}. Digo: «Deixa estar, vou fazer a pomada, [RP|vou fazer a pomada] [AB|vou], arranco uma porção de {PH|v'brɔjtɐf=abróteas}, {PH|dʒ'büʎwɐf=debulho-as}, {LX|boto-as} para uma lata grande», mas [///] ela tinha uma aqui assim na perna, e ali na perna, aquilo caía {PH|v'kwazi=quase}, caía logo. Fui de cá, {PH|de'teʎi=deitei-lhe} um bocadito de pez [RP|de pez] que é com que se fazem os {PH|sɐpɐ'teruf=sapateiros}, põem nas linhas, não é. {PH|de'teʎi=deitei-lhe} um bocado de pez para dentro das {PH|v'brɔjtɐf=abróteas} {IP|pɐ=para} {IP|poj=depois} aquilo soldar. {PH|ũ'te=untei} o {PH|ɐni'maɪi=animal}, as {PH|ɔ'reʎɐf=orelhas} onde tinhas as impingens, [AB|Pus lá] pus lá na coisa / desapareceu logo, desapareceu-lhe tudo, na cabeça, logo o sangue das impingens aos animais, ainda hoje aí tenho as burras.

2.4.1.2. «O unheiro»

Localidade: Idanha-a-Nova	Concelho: Idanha-a-Nova
Distrito: Castelo Branco	Data: 06/1976

Informante: 1	Sexo: F
Idade: 68	Escolaridade:

Fonte: ALEPG
Inquiridor1: Manuela Barros
Inquiridor2: João Saramago

Assunto: Doenças

INF1 Havia aqui uma doença [AB|no] / nos olhos dos bezeros e [RP|e] [AB|aquilo toma] aquilo é um {PH|ü'neru=unheiro}, aquilo toma [RP|toma] assim um {PH|gã'tʃiɲu=ganchinho} [AB|na] / naquele {PH|ɐgri'mɛʎziɲu=grumulozinho} que tem o animal, que nós também temos, no cantinho do olho, e toma uma unha, [AB|cha-] / {PH|tʃɐ'memuʎiɐf=chamamos-lhes} nós um {PH|ü'neru=unheiro}. Aquilo dá em bater, dá em bater, dá [AB|em f-] / em fazer ferida, o animal fica cego. **Ele** nascia cá aquilo nas {PH|ɔ'veʎɐf=orelhas}. Quando nasce aquilo, trago sempre um alfinete, meto-lhe por baixo do

{LX|coisa} / apanho-lhe aquele bocadinho, [AB|v-] vou com a navalha, cortolhe aquele bocadinho, aquilo deixa de bater, o animal cura-se logo. Bem, havia aí uns bezerros que tinham aquilo, e o {PH|vĩtri'narju=veterinário} andava a tratar dos bezerros, e os bezerros andavam [////] bom, [AB|eles {PH|vdi'poj=depois} veio outro com umas pomadas boas e aquilo {PH|vdi'poj=depois} deu resultado, mas **ele** nada de curar os bezerros. Fui eu lá e [RP|e] tirei aquilo a uns dois ou três bezerros, e os bezerros melhoraram logo e curaram-se. Veio o doutor {PH|vdi'poj=depois} {PH|maj=mais} tarde, ah! mas [RP|mas] ele também já lhe tinha posto pomada [AB|no] {PH|maj=mais} cedo. No fim, os bezerros curaram-se. {PH|di'poj=depois} no fim // «ah os bezerros curaram-se e tal, foi o Zé Fernandes, veio aí e tirou-lhe os {PH|u'neruf=unheiros}» // «o Zé Fernandes não tem nada de andar aqui a mexer nos olhos dos bezerros, quem trata dos bezerros sou eu». Mas eu [AB|nunca o fui] nunca o {PH|jv'mej=chamei} para curar as {PH|v'velf=orelhas}, quem as cura sou eu, nunca {PH|prisi'ze=precisei} {PH|'deti=dele}.

2.4.1.3. Canto ao Menino Jesus»

Localidade: Idanha-a-Nova	Concelho: Idanha-a-Nova
Distrito: Castelo Branco	Data: 06/1976

Informante: 3	Sexo: F
Idade: 48	Escolaridade:

Fonte: ALEPG
Inquiridor1: Manuela Barros
Inquiridor2: João Saramago

Assunto: Música, canções de Natal

INF3 E ó {PH|me=meu} Menino {PH|jizüz=jesus}, ó meu menino tão belo, ó meu Menino {PH|jizüz=jesus}, ó meu menino tão belo, logo 'viestes' nascer na noite de caramelo // Ó meu Menino {PH|jizüz=jesus}, convosco {PH|a=é} que eu estou {PH|běj=bem}, e ó meu Menino {PH|jizüz=jesus}, convosco {PH|a=é} que eu estou {PH|běj=bem}, nada deste {PH|mĩdu=mundo} quero, nada me parece {PH|běj=bem} // nada desde mundo quero, nada me parece bem // Alegrem-se os céus e a terra, cantemos com alegria, alegrem-se os céus e a terra, cantemos com alegria, que {IP|ĩde=ainda} está para {PH|nev'seri=nascer} o filho da Virgem Maria // que [ĩ]da está para nascer o filho da Virgem Maria // E

ó meu Menino {PH|jizüz=jesus}, ó meu menino tão belo, ó meu menino {PH|jizüz=jesus}, ó meu menino tão belo, logo ‘viestes’ nascer na noite de caramelo, logo ‘viestes’ nascer de noite de caramelo.

2.4.2. Monsanto

2.4.2.1. «O trilho à pata de boi»

Localidade: Monsanto Distrito: Castelo Branco	Concelho: Idanha-a-Nova Data: 05/1980
----------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------

Informante: 4 Idade: 44	Sexo: M Escolaridade:
------------------------------------------	----------------------------------------

Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Inquiridor2: Gabriela Vitorino

Assunto: Atividades agrícolas, cereais, trigo

INQ1 *Ora, então, diga lá como é que / antigamente se fazia / a debulha à pata de boi.*

INF4 [AB|A] / A {PH|di'büΛv=debulha} à pata de boi? A {PH|di'büΛv=debulha} à pata de boi / eram os molhos tirados da {PH|erv=eira}, da [/] da meda...

INQ1 *Hum hum.*

INF4 [AB|e postos, po-] // posto os molhos todos / no centro da {PH|erv=eira}, // e deixava-se ficar ali / uma hora ou duas horas a aquecer // e quando o trigo estava quente, {PH|v'tõw̃=então] a gente pegava nos burros, ou em vacas, ou em {LX|machos} / e saltava {PH|v'tõw̃=então] / por cima do trigo, com o burro(?) // a gente ‘amontava-se’ nos burros e andava a trilhar / trilhávamos {PH|v'tõw̃=então] aquilo.

INQ2 *Mas com o que é que trilhavam?*

INF4 Trilhava com as patas, com as patas dos animais. Ele tantas vezes, tantas vezes, tantas vezes, tantas vezes que passavam por cima do trigo, {PH|v'tõw̃=então] é que aquilo ficava trilhado.

INQ1 *Hum hum.*

INF4 Ficava a palha toda partida, toda moída, / trilhada de passarem muita vez. [AB|É o] chamávamos um trilho, de trilhar.

INQ2 *Porque é que lhe chamavam um trilho?*

INF4 [AB|O trilho é] / era o trigo [RP|era o trigo] partido

INQ2 *Ah, pois.*

INQ1 em simultâneo com «Ah, pois» *Hum hum.*

INF4 yyy a palha partida, que o trigo nunca se partia, porque o ramo era miudinho e fugia sempre.

INQ2 em simultâneo com «porque o ramo era miudinho» *Pois, pois.*

INF4 Era a palha partida era o trilho, tínhamos o trilho {PH|'fetu=feito}.

2.4.2.2. «O grito das almas»

Localidade: Monsanto Distrito: Castelo Branco	Concelho: Idanha-a-Nova Data: 05/1980
----------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------

Informante: 5 Idade: 81	Sexo: F Escolaridade:
------------------------------------------	----------------------------------------

Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Inquiridor2: Gabriela Vitorino

Assunto: Orações, almas

INF5 'Cristões', alerta, alerta, que fazeis se não rezais? **Mandam-nos a rezar**, mas noutra mundo estão. Nós havemos de bater às portas do coração. Grito yyy que os teus {PH|simẽ'teruʃ=sementeiros} / dos bens que deixaram que deles não se {LX|desencarraram} / quer de noite, quer de dia / sempre estando aquela agonia. Vós, que fazeis, se não rezais uma Avé Maria? // Madre Maria que rezeis, grande esmola que fazeis, mesmo vós que a rezais para vós mesma / a dais. yyy cada vez se acendem mais. Dizem o rico e o nobre, dizem as nossas visitas / dai esmola pelas almas que cada vez {PH|si'raʃ=sereis} {PH|maj=mais} ricas. Isto é o grito das almas.

2.4.2.3. «Orações da manhã»

Localidade: Monsanto Distrito: Castelo Branco	Concelho: Idanha-a-Nova Data: 05/1980
----------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------

Informante: 5 Idade: 81	Sexo: F Escolaridade:
------------------------------------------	----------------------------------------

Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Inquiridor2: Gabriela Vitorino

Assunto: Orações, almas

INF5 Oração da manhã. {PH|e=eu} já vejo a luz, {PH|e=eu} já vejo o dia. {PH|e=eu} xxx confessar o que queria. Mais padre nem confessor, quem mais hei de confessar? Confesso-me a vosso senhor, se o haveis de escutar, para as vossas cinco celas bem podeis perdoar. Oração da manhã. Graças dou ao {PH|me=meu} deus que {IP|ĩdɐ=ainda} me ‘conservastes’ a vida neste dia, em fim de {PH|e=eu} poder fazer penitência dos {PH|meʃ=meus} pecados yyyy. Como posso {PH|e=eu} levantar olhos para o céu? O remorso dos {PH|meʃ=meus} crimes veem-me profundamente. Ah, {PH|bẽ=bem} sei, vou recorrer à Virgem Maria. ‘Conselhadora’ dos aflitos, mãe de misericórdia, confortai-me e [PH|ĩpɐ'rajmi=amparai-me} a minha alma, yyy. Vós, Santíssima Virgem, melhor do que eu conheceis a minha miséria, {PH|poʃ=pois} então, senhora, aliviái com a vossa graça o {PH|me=meu} coração. Sim, a vossa graça. Nada posso e nada {PH|'vaʎu=valho}. [PH|ẽsi'nemi=ensinai-me} a orar. A oração é como a luz, o único remédio para as trevas da alma. Senhora, {PH|e=eu} apenas quero viver dos céus. Para longe de mim fujam todas as {PH|dʒtrɛsõjʃ=distrações} no mundo que é enganador e traiçoeiro. Dai-me, Senhora, a consagração {PH|maj=mais} viva do vosso amor, para que as orações subam ao céu como yyy, amém.

2.4.3. Porto de Vacas

2.4.3.1. «A fogueira da rua»

Localidade: Porto de Vacas
Distrito: Coimbra

Concelho: Pampilhosa da Serra
Data: 05/1995

Informante: 6
Idade: 82

Sexo: F
Escolaridade:

Fonte: ALEPG
Inquiridor1: João Saramago
Inquiridor2: Gabriela Vitorino

Assunto: Linho, costumes

INF6 Afia {PH|'mũtu=muito}, {PH|'mũtu=muito}, {PH|'mũtu=muito}, afiam à noite, ao serão /

INQ2 *Mas juntavam-se as mulheres todas a fiar, ou...?*

INF6 A gente, ah... cada uma passa por assim, cada uma +

INQ2 *em simultâneo com «cada uma» Mas juntavam-se todas?*

INF6 Não [tosse] yyy para mim. {CT|pa=para a} minha casa. As outras iam cada uma para a sua casa.

INQ2 *Mas [RP|Mas] em sua casa ou juntavam-se todas no mesmo sítio?*

INF6 em simultâneo com «todas no mesmo sítio» Em minha casa, em minha casa.

INQ2 *Ah, {IP|tá=está} bem.*

INF6 E primeiro {PH|tj'garẽw̃=chegaram} cá [//] em minha lembrança, que eu ainda me {PH|'lẽbrẽ=lembro} [//], {PH|'kẽdu=quando} {PH|e=eu} era assim novita, [AB|faziam] {PH|tjẽ'mavẽw̃=chamavam} a flor(?) da rua, faziam umas [RP|umas] fogueiras assim [AB|na] no povo, uma {PH|fu'gerẽ=fogueira}, e {PH|zũ'tevẽw̃si=juntavam-se} {CT|paĩ=para ali} muitas mulheres assim a {PH|fj'ẽr=fiar}, àquela fogueira, de cima da(?) fogueira da {PH|rüv=rua}, a acender yyy

INQ2 *em simultâneo com «a acender yyy» A fogueira da rua.*

INF6 A fogueira da rua.

INQ2 *Pois.*

2.4.3.2. «As idas à Covilhã»

Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: 05/1995
Informante: 6 Idade: 82	Sexo: F Escolaridade:
Informante: 7 Idade:	Sexo: F Escolaridade:
Informante: 8 Idade:	Sexo: M Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: Oveira, viagens, negócios, miséria	

INF6 A minha mãe chegou a ir [AB|a] à Covilhã a pé e descalça.

INF7 E descalça

INF6 em simultâneo com «e descalça» Não levava calçado nenhum.

INF7 Ainda fui(?) numa viagem à Covilhã, descalça, daqui à Covilhã, [AB|s-]
[AB|sim] yyy

INF6 E o caminho é {PH| roj=ruim}, não era agora [CT| 'komɐ=como as} estradas
alcatroadas.

INQ2 em simultâneo com «estradas alcatroadas» Que idade é que tinha quando foi
isso?

INF6 Ah, {PH|e=eu} **comecei a lá ir** +

INQ2 Ainda era pequenina?

INF6 Ainda era pequenita, ainda [RP|ainda] ia a minha mãe, ia lá [RP|ia lá] muitas
mulheres [//] não havia onde ganhar {PH| di'neru=dinheiro] / a gente +

INF7 Tínhamos(?) os ovos.

INF6 Tinha muitas galinhas e frangos, {PH|crj'evɐ=criava} frangos e
{PH|crj'evɐ=criava}, juntava-os e {PH|v'pojɫ=depois} vendia-os, [//] levava-as
{LX|carroigos} de [RP|de] ovos e de [RP|e de] frangos assim de cima dos ovos /
{PH|vɜũ'tevẽw̃si=juntavam-se} assim yyy em volta yyy, para acertar os pires
[//] era uma {LX|PH|Rẽfw'adɐ=ranchada} {CT|kɐ=que eu} sei lá yyy
{PH|vɜũ'tevẽw̃si=juntavam-se} / lá no [RP|no] caminho por aí acima, e +

INQ2 E iam todas juntas?

INF6 E íamos juntas, era [RP|era] [//] iam aos sábados / a praça ao domingo é que lá
se vendia, e vendíamos e vínhamos à segunda-feira.

INQ2 *Três dias!*

INF6 Três dias. {PH|tẽ=então}, é muito longe! Daqui para a Covilhã é muito longe!

INQ2 *em simultâneo com «é muito longe» Pois é, então não é.*

INF8 E tinham que levar os ovos e os ferros(?)

INF6 Levávamos a nossa {LX|estagrande}, a nossa {LX|estagrande} é a {PH|kẽ'βoesẽ=cabeça}.

INF7 A Covilhã / é [RP|é] mesmo antes de chegar à Serra da Estrela.

INQ2 *Pois! Eu sei!*

INF8 E os ovos [RP|e os ovos] são xxx.

INF6 em simultâneo com «e ovos são» Eu logo [RP|eu logo] [AB|pique-] pique(?) a Serra da Estrela aqui assim, chega aqui à yyy nós dávamos volta [AB|daqui] por volta da [RP|da] Serra, yyy, e as estradas yyy {CT|tava=estava] ali, {IP|tava=estava], que era o Tortosendo, **que lá está**, e era onde a [RP|onde a] gente ia dormir, o dia que ia. E no outro dia 'alevantava-se' {IP|ĩdẽ=ainda] de noite e {IP|ĩdẽ=ainda] eram [//] diziam olá [AB|e] e diziam que era [RP|que era] uma xxx [AB| de] do Tortosendo para a Covilhã. Diziam, na altura, diziam que [RP|que] eram oito horas daqui [AB|pa-] para a {PH|kuvĩ'ãẽ=Covilhã}. E a gente ia a {PH|poj=pé] yyy com um carreiro grande para cima, outros para baixo. [AB|Naquele {PH|'tõẽpu=tempo}] Era um / PH|'tõẽpu=tempo} terrível, não havia nada +

INQ2 *Pois, mas as senhoras levavam para lá os ovos e os frangos?*

INF7 Levávamos.

INF6 Pois, e+

INQ2 *E depois para cá o que é que traziam?*

INF6 [AB|co-] **Comprava a gente** {PH|'mũtẽf=muitas} {PH|'kozẽf=coisas] lá, que era tudo {PH|maj=mais} em conta lá [//] [AB|por cá e] [AB|e mesmo] yyy não havia comida como agora.

INQ2 *Pois.*

INF6 Não tinham nada que vender. A gente trazia mercearias, trazia [RP|trazia] {PH|'mũtẽf=muitas} {PH|'kozẽf=coisas] +

INF7 Trazia loiça para vender {PH|ẽpojf=depois} cá.

INF6 Até a loiça, **até [RP|até] as cá vendi** e [RP|e] havia pessoas [//] assim como havia dos ovos [//], também nos encomendavam {PH|'kozẽf=coisas] para a gente lhe trazer e a gente trazia-os.

2.4.3.3. «Os carvoeiros»

Localidade: Porto de Vacas Distrito: Coimbra	Concelho: Pampilhosa da Serra Data: 05/1995
Informante: 6 Idade: 82	Sexo: F Escolaridade:
Informante: 7 Idade:	Sexo: F Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Inquiridor2: João Saramago	
Assunto: Carvão, lenha, costumes	

INF6 Em {PH|pri'meru=primeiro}, {PH|'kêdu=quando} {PH|nu=não} havia assim tanto gás / [AB|vendia-se muito] [AB|andavam mui-] faziam muito carvão que era para os... que vinham de longe, aí os {PH|kêrvw'erus=carvoeiros} como, [RP|como] yyyy, cavar o carvão, que era para [RP|para] se {PH|êkê'seri=aquecer} em sítios [AB|que não há] que não havia [//] em {PH|pri'meru=primeiro}, não havia gás, não havia [AB|tanto] tantas coisas para [RP|para] se {PH|êkê'seri=aquecer}. Era para se {PH|êkê'seri=aquecer}.

INQ1 *Mas aqui não havia ninguém que fizesse carvão?*

INF6 Fazia...

INQ1 *Também cá? Pessoas de cá?*

INF6 Cá {PH|tê'mê]=também}, cá {PH|tê'mê]=também} caía-se muito mato(?) de torgas.

INQ1 *Para fazer carvão, mesmo?*

INF6 Mesmo para fazer carvão.

INQ1 *Mas a senhora nunca fez?*

INF6 É, não, senhor. Não fazia.

INQ1 *Nem o seu marido? Nunca fez?*

INF6 Não, nem o meu marido. Também não. [AB|Também] nós tínhamos lenha, {PH|pi'neru]=pinheiros} assim... Lenha, {PH|pi'neru]=pinheiros}, mas, para sítios, para terras [AB|que não tinham] que não tinha lenha [AB|levavam] {LX|acartavam} com a lâ para se aquecerem com {PH|elê=ela}.

INQ2 *Mas [AB|sabia] sabe como é que se fazia o carvão?*

INF6 O carvão faziam-no... Assim, {PH|e=eu} não o fazia, mas via sítios 'donde' o faziam. Arrancavam-lhe as torgas e faziam ali assim uma poça grande na terra,

uma poça muito grande e {PH|ɛdi'poj=depois} {PH|ke'mevẽw̃=queimavam} ali as torgas e ao depois, **ao fim de se elas apagarem** botavam-nas espalhas e ao depois {LX|acartavam-nas} às sacas nos [RP|nos] burros e {LX|machos} e+

INQ1 *E tapavam com terra?*

INF6 Tapavam assim [AB|qua-] quando acabavam, tapavam que era para se apagar e [AB|para não] para o carvão {PH|nu=não} ficar assim derretido, para {PH|nu=não} ficar assim {PH|dʒ'fetu=desfeito}.

INQ1 *Pois, para não(?) fazer cinza.*

INF6 E [AB|havia a gente] havia aí pelos matos fora, em sítios que havia muita torga, via-se muito aquelas [RP|aquelas] poças. Aquelas poças. Aqui, naquelas serras ali, vocês {PH|nu=não} sabem, yyyy... Em {PH|pri'meru=primeiro} nós tínhamos lá xxx ali à beira do rio e víamos lá passar os {PH|kɛrvw'erus=carvoeiros} mordidos com [RP|com] as mãos sempre... [//] andavam os homens a xxx e vendiam-lhe lá aqueles que cá vinham buscar com os {LX|machos}...

INQ1 *E [AB|os] o carvoeiro andava com o quê? Com machos e mulas?*

INF6 Com {LX|machos} e mulas a {LX|acartar}. E cantavam muito, vinham a cavalo 'pela' aquelas serras abaixo. Cantavam muito. Ainda {PH|nu=não} havia assim estradas assim boas para ir, ainda {PH|nu=não} havia lá os carros, {PH|nu=não} passavam lá os carros naquelas estradas. Era só com {LX|machos} e com [RP|com]+

INQ1 *Mas com quê? Com machos e cangalhos, ou...*

INF6 Pois, para {LX|acartar}+

INQ1 *em simultâneo com «para acartar» Ou era com carroças?*

INF6 Não! Era mesmo com [RP|com] assim com {LX|cangalhas} [AB|na] a carregar assim as sacas de cima dos {LX|machos}.

INQ1 *Pois.*

INF6 E eles quando vinham sem nada yyyy, fartavam-se lá de cantar! A gente dizia «olha, já lá vêm os {PH|kɛrvw'erus=carvoeiros}». Ouvíamos assim a cantar. Cantava muito. Havia aqui uma [RP|uma] pasta aqui para cima que [AB|tʃɛ-] que {PH|tʃɛ'mavẽw̃=chamavam} que é a Senhora da Póvoa, e lá a santinha era Senhora da Póvoa e eles cantavam muito... {PH|pu'ʃevẽw̃=puxavam}(?) assim o rabo para trás e cantavam muito a Nossa Senhora da Póvoa, aqui...

INQ1 *Porquê? Ainda se lembra como é que era [AB|a mu-] a letra?*

INF6 Não. {PH|e=eu} ouvia-os a cantar, mas eu não sabia, não cantava.

INQ1 *Mas a Senhora da Póvoa é onde?*

- INF6 É [AB|aqui no] aqui para o campo, lá para cima. Eles cantavam muito aquela cantiga, lá os {PH|kɛrvw'erus=carvoeiros}. Lá vinha [AB|lá] de muito longe.
- INF7 Ah, em {PH|pri'meru=primeiro} sabia, agora não.
- INF6 Em {PH|pri'meru=primeiro}+
- INQ2 *Mas os carvoeiros eram aqueles que vinham comprar o carvão, não eram aqueles que faziam o carvão...*
- INF6 Pois, não é os que faziam o carvão. Os {PH|kɛrvw'erus=carvoeiros} era os que vinham com os {LX|machos} carregá-los. Vinham.nos carregar. Aqueles homens que andavam a fazê-lo {PH|bêdjêw=vendiam} àqueles que [RP|que] os ora vinham {PH|bu'ker=buscar}. As sacas. {LX|Acartavam} as sacas. Umas sacas grandes, umas sacas grandes, e levavam-nos de cima daqueles {LX|machos}. Às vezes, um homem trazia dois ou três {LX|machos} +
- INQ1 *Todos uns atrás dos outros?*
- INF6 Atrás uns dos outros. Sempre uns aos outros. E levavam aquela xxx porque havia muitos sítios que não havia gás como há agora.
- INQ1 *Pois.*
- INF6 Em {PH|pri'meru=primeiro} não havia assim... Era tudo+
- INF7 Havia as {PH|brɛ'zerɛf=braseiras} e havia as bruxas, chamavam-lhe [AB|a-] as bruxas, que até tenho uma, além, {PH|pĩdu'radɛ=pendurada} na [RP|na] loja que não me lembrou.
- INQ1 *yyyy.*
- INF6 Era. As bruxas era [AB|uma-] umas {PH|ko'ziɲɛf=coisinhas} de barro que tinham assim [AB|uma] duas asinhas e com os buracos e ali metiam o carvão ali para dentro, aceso, e aquilo aguentava o carvão um dia {PH|ĩ'teru=inteiro} {PH|ɐ'sœzu=aceso}, sem+
- INQ1 *Mas era para aquecer?*
- INF6 Para aquecer.
- INQ2 *É aquela coisa de barro que tinha na sua loja pendurada no teto?*
- INF7 em simultâneo com «pendurada no teto» {CT|'tavɛ=estava} uma {PH|ko'ziɲɛ=coisinha} de barro no teto que tem uns buraquinhos em tudo em volta.
- INQ2 *Eu julgava que aquilo era para assar castanhas.*
- INF7 Aquilo é uma bruxa. Chamavam aquilo [///] metiam para ali o carvão e aquilo guardava ali a quentura [AB|dali o] com a respiração dos buracos [AB|da]... Aguentava o carvão todo o dia a+
- INQ1 *Era o aquecedor, antigamente!*
- INF7 Era o aquecedor dessa altura.

2.4.4. Unhais da Serra

2.4.4.1. «O trabalho da eira»

Localidade: Unhais da Serra	Concelho: Covilhã
Distrito: Castelo Branco	Data: 10/1997

Informante: 9	Sexo: M
Idade: 75	Escolaridade:

Fonte: ALEPG
Inquiridor1: João Saramago
Inquiridor2: Gabriela Vitorino

Assunto: Atividades agrícolas, alfaias agrícolas, eira

INF9 {PH|pri'meru=primeiro} a gente faz a {PH|'erɐ=era} / {PH|pri'meru=primeiro} xxx os {PH|'foʎoz=folhos} da {PH|'erɐ=era}. Depois de a xxx, rega / e depois passa-lhe [//] [AB|chama-] {PH|tʃɐ'memuʒʌi=chamamos-lhe} um burro, uma {LX|giesta} / {PH|'grɛði=grande} / {CT|kumɐ=com uma} pedra de cima a arrastar, a compor os barranquinhos} xxx na {PH|'erɐ=era}. E depois a gente só vai / cevar com os pés. [PH|di'poj=depois} de bem cevada, [PH|'barjɐ=varre-a} / depois de a [RP|de a] {PH|vɐ'leri=varrer}, amassa uma {PH|'pokɐ=pouca} de bosta das vacas, numa poça, e corre-a com um |{PH|bɐ'soro=vassouro} / de ferros(?) / para {PH|f'kar=ficar} aquilo {PH|'tüdi=tudo} barrado, a {PH|'ɛrɐ=eira} toda barrada, {CT|kɛ=que é} para quando se molha o pão / não fazer areia / {PH|nu=não} ir o pão com areia. Depois [AB|de] dela barrada / de feita, {PH|'barisi=varre-se}, {PH|'ɛftɛsi=esteia-se(?)} o pão / depois de estar o pão {PH|'erɐ=era} / voltam os homens e {PH|'maʎẽwni=malham-na}. {PH|di'poj=depois} de o malhar / tiram a palha. Depois de tirar a palha {PH|'barẽj=barram} o pão, {LX|aconham} o pão. Depois de {LX|aconharem} o pão, {PH|'barẽj=barram} o pão e depois erguem o pão, depois vedam-no como uma yyy. É o [RP|é o] trabalho da {PH|'erɐ=era}.

INQ2 *Aconhar é com o quê?*

INF9 Uma [LX|giesta}, comprida [//] {PH|tʃɐ'memuʃ=chamamos} {LX|conhas}. Umhas {LX|conhas de giesta} [//] a {LX|aconhar} o pão.

INQ1 *E que se lembre, aqui foi sempre malhar, nunca se usou os animais, puxando uma coisa para xxx?*

INF9 Não, não, nós aqui foi sempre ao xxx. Agora é que já há máquinas {PH|meʎɐ'derɐʃ=malhadeiras}.

INQ1 {IP|tá=está} bem.

2.4.4.2. «O feno»

Localidade: Unhais da Serra Distrito: Castelo Branco	Concelho: Covilhã Data: 10/1997
Informante: 9 Idade: 75	Sexo: M Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: Atividades agrícolas, alfaias agrícolas, feno	

INF9 Em tempo, a gente ia [//] levava a {LX|gadanha} que viu ali. Ia ceifar o feno. Depois de ceifar o feno, deixa-o estar três dias a secar, ou quatro, conforme o sol vem / Já [RP|já] tem estado aos oito dias. {PH|di'poj=depois} dele seco, a gente vai, {LX|uga-o}. Depois de o {LX|{PH|o'gar=ugar}}, fazia {LX|nagalhos} de palha e atava-o com a palha, como agora trouxe [AB|aí] ali os {PH|'toldi3=toldos}.

INQ2 em simultâneo com «trouxe [AB|aí] ali os {PH|'toldi3=toldos} Sim, senhor, os toldos.

INF9 A {LX|{PH|o'gar=ugar}} o feno

INQ1 É para+

INF9 [AB|É] {LX|{PH| o'gavɔ=ugava-o}} a gente com as mãos. Encostava-o às pernas(?) e a gente a {LX|{PH| o'gar=ugar}}. {PH| di'poj=depois} dele {LX|{PH| o'gaðu=ugado}}, estava 'embaçadado', aos braçados, punha a gente de cima do lagar. Contava três braçados, {PH| 'püñenu=punha-o] no {LX|nagalho}. Era uma faixa. Depois a gente torcia o nagalho com uma xxx.

INQ1 Portanto, ugar é juntá-lo para fazer as faixas, é isso? [AB|para juntá-los] É juntá-los?

INF9 em simultâneo com «é isso? [AB|para juntá-los] É juntá-los?» {PH| ej=é}. A [RP|a] {LX|{PH| o'gaðu=ugá-lo}}.

INQ1 A ugá-lo.

INF9 A ugá-lo. Fica aos braçados. Embracado em outro(?). Começava ali a erva.

INQ1 E três faz um...

INF9 Três braçados fazem a [RP|a] [RP|a] faixa.

INQ1 A faixa.

INF9 A faixa do feno.

INQ1 *Sim.*

INF9 Era torcido, como viu ali atar o+

INQ1 *Sim.*

INF9 É assim.

2.4.4.3. «O fabrico do queijo»

Localidade: Unhais da Serra Distrito: Castelo Branco	Concelho: Covilhã Data: 10/1997
Informante: 10 Idade: 35	Sexo: F Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Inquiridor2: João Saramago	
Assunto: Atividades agrícolas, alfaías agrícolas, feno	

INF10 O leite, a gente traz {CT|p_v=para} casa, coa-se, {CT|p_v=para} tirar alguma impureza que venha, {PH|nu=não} é? Caso esteja {PH|'mũtu=muito} fria, morna-se um bocadinho. Põe-se o coalho, espera-se ali uma hora / conforme o tempo e a quantidade de leite que [AB|f-] for. Depois, tem-se o [AB|ach-] acincho e a francela. A gente vai botando o [RP|o] leite em estando pronto, depois fica a coalhada. A gente vai botando, vai espremendo, vai espremendo, chega a uma certa altura. Vira-a, [AB|bota] {LX|acalca} mais um pouco, {LX|bota-se} sal... Há quem {LX|bote} [AB|lo-] logo dos dois lados, há quem {LX|bote} num lado e depois, daí para um bocado, {LX|bota} do outro, e está o queijo feito, prontinho a comer.

INQ1 *E a francela, como é que é? É de madeira?*

INF10 *Sim, sim, de madeira. É, é. É assim sobre o comprido e depois termina assim em bico.*

INQ2 *Hum, hum.*

INQ1 *em simultâneo com «hum, hum» Hum, hum.*

INF10 Termina em bico que é para [//] o soro, porque é o líquido que sai da coalhada, esse soro, e então para sair {IP|ta=está} uma vasilha a parar por baixo. O soro, bom... Há quem goste de comer. Há quem aproveite para os animais, para os cães, para os porcos...

INQ1 *Hum, hum.*

INF10 E o de [AB|ov-] [//] acho que é de {PH|o'velɐ=ovelha}, dá para fazer requeijão. Mas tem que levar outro leite, não sei, acho que é de vaca.

INQ1 *Ah, mas aqui não fazem?*

INF10 {PH|nu=não} tenho conhecimento, porque, praticamente, quem tinha [RP|quem tinha] mais gado era lá em baixo, a quinta da xxx, e agora como não tem, não dou conta. Só sendo de compra, para fazer.

INQ1 *Fazia-se o requeijão, mas quando não se fazia requeijão, não se fazia outra coisa? Por exemplo, aquecê-lo ao lume ou assim...*

INF10 Sim! Aqueciam, [AB|ba-] há [AB|quem comia] quem comesse. Assim outras pessoas é que aqueciam e comiam. Eu, por exemplo, aproveitava para os animais, para os cães ou para os porcos. Era muito raro comer.

INQ1 *E esse queijo era feito de...*

INF10 De cabra. Também se pode {PH|fe'zɔer=fazer} de vaca e é o mesmo sistema.

2.4.5. Isna

2.4.5.1. «Ainda se aí semeia muito milho»

Localidade: Isna Distrito: Castelo Branco	Concelho: Oleiros Data: 10/1997
Informante: 11 Idade: 68	Sexo: M Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: Atividades agrícolas, cereais, milho	

INF11 Isto aqui era [RP|era] {PH|'tũdi=tudo} assim //

INQ2 *De gente que trabalhava no campo.*

INF11 em simultâneo com «no campo» No campo. E como [AB|te-] [AB|ta-] [AB|ta-] temos aí umas terras {PH|'bowɐf=boas} [//] e depois mais se dedicavam a [RP|a] esta coisa da agricultura, do milho, e assim.

INQ2 *E ainda hoje?*

INF11 E ainda hoje. [AB|Ainda se-]

INQ2 em simultâneo com «[AB|Ainda se-]» Ainda hoje se +

INF11 em simultâneo com «Ainda hoje se +» Ainda se aí {PH|si'mev=semeia} {PH|'mũtu=muito} milho. Há {PH|'pokef=poucas} terras por aqui em volta / que {PH|si'meĩ=semeem} tanto milho {PH|'komɐ=como} cá. {IP|'ĩdɐ=ainda}

o ano passado tive / quatrocentos yyy mil. E este ano [AB|sem-] {PH|e=eu} {PH|si'mje=semeei} as mesmas terras, porque(?) o milho este ano foi [AB|m-] [AB|mai-] não foi tão bom.

INQ2 Ah...

INF11 Este ano [RP|Este ano] foi [RP|foi] mesmo mau {CT|pre=par} [RP|pre} tudo. Foi batatas, [AB|foi] foi frutas, [AB|t-] tudo podre, tudo [//] só [RP|só] bicharada brava.

2.4.5.2. «Os trabalhos do linho»

Localidade: Isna Distrito: Castelo Branco	Concelho: Oleiros Data: 10/1997
Informante: 12 Idade: 58	Sexo: F Escolaridade:
Informante: 13 Idade:	Sexo: M Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: João Saramago Inquiridor2: Gabriela Vitorino	
Assunto: Linho, barrela	

INQ1 Sabe como é que se trabalhava o linho? Portanto +

INF12 {PH|pri'meru=primeiro} semeava-se a linhaça num {PH|ti'roenu=terreno} que [AB|que desse] que fosse [AB|brom] bom {CT|pra=para} aquilo, para ele, para o linho. Depois / crescia e [RP|e] regava-se, tratava-se à mesma, semeava-se, bem {LX|bastinho} para não ficar assim muito {LX|ralo}, porque quando é semeado {LX|basto} fica a fibra mais fininha. É mais seguro. Muito {LX|ralo} fica assim linho que depois só dá mais estopa e não é tão bom. Depois crescia, dava a [AB|vaganh-] criava a flor, dava a {LX|vaganha} e depois aquela {LX|vaganha} [AB|era tirad-] arrancava-se o linho num determinado [//] altura em que ele já estava assim {PH|lo'riju=loirinho}, todo amarelinho. Depois tira-se-lhe a {LX|vaganha}, que se passa por um ripo, que tira aquela {LX|vaganha}, que depois ficava a secar, que depois [AB|cria-] [//] bem [RP|bem] sequinha e dava {PH|v'tẽw=então} [AB|outra vez] linhaça outra {PH|'voez=vez} [//] a semente para outro ano. Depois [AB|essa] esse linho era posto aos molhos e ia para uma {PH|ri'berẽ=ribeira} **para lá estar** durante oito, nove, dez dias, na água, para depois [//] se tirava nessa altura, tirava-se para fora da água, punha-

se a secar. Depois traziam-se [AB|uma-] umas mãos {PH|'fɛvɜ=cheias} para casa {CT|prɛ=para} experimentar, a ver se já estava bom. Se estivesse, já não ia mais à água; se {PH|nũ=não} estivesse ainda se tornava a meter mais dias na água. E depois, a seguir, era {PH|v'tẽw̃=então} amassado, uma massa grande de pau em cima numa pedra, depois de estar bem sequinho. E depois de [RP|de] de 'massado' fazia-se umas que ficasse bem [AB|na m-] na mão da gente, que depois é para ir ser / gramada numa coisa de pau que [RP|que] se tem [AB|um] uma tábua por cima, que passa-se o linho ali até ficar aquela aresta assim bem miudinha +

INF13 Chama-se uma grama(?)

INF12 Chama-se uma grama, que é para ficar o linho assim [//] aquela [RP|aquela] palha bem miudinha, bem miudinha para passar naquela tábua. Fica assim aquilo já quase [//] a fibra só. Depois ainda é {PH|v'tẽw̃=então} espadanado com uma coisa de pau, que tem [AB|uma] assim um rabinho e depois tem uma coisa assim redonda que vem aguçadinho por aqui, que se bate assim num cortiço [//] a gente {PH|si'gürɛ=segura} com esta mão e aquilo bate assim com força até ficar, {PH|v'tẽw̃=então} a própria xxx quase contadinha.

INF13 Tens que mear o linho.

INF12 Tens que mear o linho, que depois fica sem aresta quase {PH|ni'ñümɛ=nenhuma}

INQ1 *E com o que é xxx?*

INF12 É com essa tasquinha. E depois então ainda é cevado.

INQ2 *Usa a tasquinha ou a espadana?*

INF12 {LX|Espadana}, pois, a {LX|tasquinha}. E depois então é cevado, {PH|si'veru=ceveiro}. O {PH|si'veru=ceveiro} tem duas partes de [RP|de] picos no ar, que é uma parte mais basta e outra parte mais rara. Quando se começa, começa-se pela parte mais rara, que é tirar a estopa mais {PH|'kojzi=coisa}. Quando depois é no fim, já para limpar o linho [AB|mais] para ficar mais fininho é na parte mais fina. Depois fazem-se as trias, que é a parte do linho, e tira-se então a estopa, que é para fiar de outra {PH|mɛ'nerɛ=maneira}. A estopa fia-se mais grossa e o linho fia-se mais fininho.

INQ2 *E só há um tipo de estopa ou há dois?*

INF12 Há dois. Há a estopinha, que é uma estopa mais fininha, que há quem a parta e [AB|se-] mais grossa para um sítio, e havia ainda quem aproveitasse a estopinha, que era aquela assim que se podia fiar também mais fininha, que dava para {PH|ti'scɛr=tecer} quase como o linho.

INQ1 *Mas antes de tecer, o que é que tinha de fazer [AB|a] ao linho?*

- INF12 Tinha de fiar na roca. [AB|Posto] Punha-o na roca e fiava.
- INQ1 *Aquela quantidade de linho que punha na roca...*
- INF1 Era uma estriga, ou um armo. Se fosse estopa, chamava-se um armo. Se fosse linho, era uma estriga.
- INQ1 *A roca aqui era assim... [Mexe nos instrumentos]*
- INF12 É isso.
- INQ1 *Era feita de pau ou de cana?*
- INF12 Pois, é [AB|{PH|'fetv=feita}] [//] estas são todas de cana e estas é [//] só o rocal é que é de cana e isto é de pau.
- INQ2 *O rocal é essa parte mais larga?*
- INF12 [AB|que leva a-] onde é enrolado o linho,
- INQ2 *Hum hum.*
- INF12 Aqui.
- INQ1 *E como é que atava o linho ao rocal?*
- INF12 Com uma [RP|com uma] {PH|ku'rejv=correia}.
- INQ1 *E a correia não tinha uma [RP|uma] agulheta?*
- INF12 em simultâneo com «uma agulheta» Tinha uma agulhetazinha que [RP|que] se enfia.
- INQ1 *Hum. E nunca se punha nada por cima? yyy*
- INF12 Um carapuço. Sempre que fiava(?) o linho era com um carapuço. [AB|Uma espécie] a gente fazia [AB|um] com um cartão de papel e cosia por um lado, e fazia aquela espécie de 'coiso', assim um bocadinho de carapuço para ficar mais largo baixo e mais apertadinho por cima.
- INQ1 *Depois, então, ia para aqui?*
- INF12 {PH|Pof=pois}, que é para o fuso. {PH|Pof=pois}.
- INQ1 *E o fuso aqui em cima não tinha um+*
- INF12 Tem um {PH|fu'vɨɲu=furinho}, que é para depois se enrolar lá o fio e +
- INQ1 *[AB|Não dava] [AB|não] [AB|era] é mesmo uma ponta do ferro que subia aqui para cima?*
- INF12 {PH|Pof=pois, yyy uma ponta dum ferro,
- INQ1 *[AB|Não era] não havia assim uma coisa, assim, escavada?*
- INF13 Sim, tem!
- INF12 Pois, tem, para caber esse {PH|fu'vɨɲu=furinho}, que é metido nesse pau.
- INF13 Pois, para o fio / inchar...
- INQ1 *Claro.*
- INF12 O próprio {PH|fu'vɨɲu=furinho} tem lá uma armelinha, uma espécie duma roscazinha, que é para passar lá o fio.

INQ1 *Uma armela...*

INF12 Uma [RP|uma] assim uma cavidadezinha.

INQ1 *A senhora disse «uma armelinha», era só para ver se eu percebia.*

INF12 Não é armela. Armela é uma coisa que passa o fio e veda, mas aqui não fica vedado. É uma espécie, só, um risquinho cavado no ferro que passa ali o fio.

INQ1 *Hum. E aquela quantidade de fio que ficava yyy?*

INF12 É a maçaroca.

INQ1 *Depois+*

INF12 em simultâneo com «depois» {IP|'ĩdɐ=ainda} lhe posso mostrar que {IP|'ĩdɐ=ainda} tenho aí tudo isso.

INF13 Hahaha.

INQ2 *Ainda tem maçarocas?*

INF12 {IP|'ĩdɐ=ainda} tenho ali maçaroca no fuso.

INF13 Ainda há pouco se fiava.

INF12 Ainda há pouco deixámos de fiar e que deixámos de semear o linho e tudo. A gente agora já [//] já o tempo não chega para isso.

INQ2 *É uma pena.*

INF12 É uma {PH|'pɐnɐ=pena}, é verdade.

INQ1 *Pois. E com a maçaroca, então, depois o que é que fazia?*

INF12 Fazia-se a meada. No [RP|no] {LX|zangarilho}.

INQ1 *No?*

INF13 Hahaha.

INF12 No {LX|zangarilho}.

INQ1 *Uma coisa que andava +*

INF12 em simultâneo com «uma coisa que andava» Uma coisa que andava assim [gestos]

INQ1 *Ao alto, não é? Tinha uma tabelinha, tinha uns braços...*

INQ2 *em simultâneo com «tinha uma tabelinha» Anda à roda.*

INF12 Pois.

INQ1 *Depois tinha assim uma espécie duma cruz, que andava assim +*

INF12 em simultâneo com «que andava assim» Duma cruz, a gente levava ali, faz ali a meada, depois [AB|da meada] tirava-se a meada e que vai a lavar, {PH|v'tẽw̃=então}. Antigamente, fazia-se num forno, com cinza. A gente fazia uma calda própria com a cinza e mergulhava lá as meadas e depois [AB|ia ao] [AB|punha-se a] aquecia-se o forno, {IP|'tavɐ=estava} o forno quente. Punham-se lá [AB|aquela-] as meadas [AB|no] com palha {PH| s̃ẽ'teṽ=centeia} de baixo e depois começavam-se a pôr as meadas todas em camadinhas dobradinhas ao

{PH|'meju=meio} com o xxx [AB|posto] bem colocadinho no {PH|'meju=meio}, que depois ao tirar, a gente sabia como é que havia de pegar na meada. E ficavam ali durante um {PH|'tẽ]pu=tempo} no forno a {PH|ku'zœr=cozer}, durante três ou quatro dias, até que o forno {CT|'tavẽ=estava} quente. {PH|di'poj=depois} ia-se para a {LX|{PH|gẽ'derẽ=gadeira}} com elas, tirava-se aquela cinza toda, bem lavadinhas, bem lavadinhas, punham-se ao corar lá [RP|lá] num sítio, a corar ali [//] {PH|nũ=não} se punha outro {PH|pro'dütu=produto}, nem se punha nada. Só corar ao sol. {LX|{PH|õ'gavẽwsi=ugavam-se}}, sempre molhadinhas, e coravam-se até que fica o linho com aquela cor amarelinho. A gente agora ultimamente tem 'fazido' de outra {PH|mẽ'nerẽ=maneira}: punha-as com água quente [//] os bocados de sabão migados e [RP|e] um bocado de óleo e água quente, a ferver. Põe-se assim num alguidar. Ultimamente {PH|e=eu} já fazia sempre assim.

INQ1 *Hum hum.*

INF12 Punha a+

INQ2 *Chama-lhe o quê? Fazer o quê, a isso?*

INF12 A isto, é uma espécie de uma xxx, as meadas. A gente já não a cozê-las no forno, para não andar com aquele trabalho. Punha-as {PH|ẽ'tẽw=então} com água quente, com sabão e com óleo e [RP|e] depois de [AB|da] de {PH|de'tarẽ]ãi=deitarem-lhe} aquela coisa, aquela verdura mais grossa, depois púnhamos-lhe, então, um bocadinho de lixivia numa xxx até terem a cor que a gente queria e ficavam boas na mesma.

2.4.6. Malpica do Tejo

2.4.6.1. «O baptizado»

Localidade: Malpica do Tejo Distrito: Castelo Branco	Concelho: Castelo Branco Data: 02/1989
Informante: 14 Idade: 58	Sexo: F Escolaridade:
Informante: 15 Idade:	Sexo: F Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Manuela Barros Inquiridor2: Luísa Segura	
Assunto: Batizado, água benta	

INQ1 *Quando / se ia levar o menino a batizar, quem é que o levava à igreja? Era a mãe ou era a madrinha?*

INF14 em simultâneo com «ou era a madrinha?» Era a madrinha.

INF15 Dantes era a madrinha e o padrinho. Não ia mais ninguém. O pai +

INF14 em simultâneo com «não ia mais ninguém» Mas dantes [RP|dantes] era a madrinha. {PH|ne=nem} ia {PH|nĩ'gẽ̃}=ninguém».

INQ1 em simultâneo com «nem ia ninguém» *A mãe não ia?*

INF14 Não. A mãe {PH|nu=não} ia. Só ia o pai.

INF15 Dantes, ia só o pai, xxx.

INF14 em simultâneo com «ia só o pai» Só ia o pai, que fazia lá falta, a mãe {PH|nu=não} ia lá.

INF15 Mas agora, xxx.

INF14 Agora já vai assim família, já vai assim família.

INF15 Já vai a família toda mais chegada.

INF14 Mas dantes, não. Dantes, só ia a madrinha e o padrinho e o pai.

INF15 xxx, se [RP|se] a gente lhes desse, não está batizado.

INF14 Levavam [AB|a] a menina a [RP|a] +

INF15 Estão mourinhos, com treze anos.

INQ1 *Hahaha.*

INF14 A menina... Quer {PH|di'zœr=dizer}, só ia, [AB|por exemp-] por exemplo: a madrinha era {PH|pikẽ'ninẽ=pequenina}, ia a mãe da madrinha {CT|ku=com o} menino. Por exemplo, a menina era {PH|pikẽ'ninẽ=pequenina}, era [RP|era] uma miudinha {PH|pikẽ'ninẽ=pequenina}.

INQ2 em simultâneo com «era uma miudinha pequenina» Pois, claro.

INF14 Ia a mãe. Ia a mãe {PH|'pruki=porque} nem o padre lá a aceitava. Ia a mãe a fazer a vez +

INQ1 *Da madrinha.*

INF14 Da madrinha.

INF15 E agora até xxx, e havia uma madrinha de três dias.

INF14 E levavam [RP|levavam] uma toalha e ia {PH|v'tẽw=então} {PH|'otrɐ=outra} miúda que era a madrinha de três dias, que era a que levava a jarra e a toalha.

INF15 yyy.

INF14 Levava a jarra, [AB|leva-] levava a toalha aqui [RP|aqui] no braço +

INF15 No braço. Com a jarra da mão.

INF14 ... pendurada aqui assim no braço e com a jarra da água.

INF15 yyy.

INF14 A madrinha de três dias. Todas as {LX|{PH|kɛtʃu'piɲɛʃ=cachopinhas}}: «Ai, eu sou a madrinha de três dias do {PH|se=seu} menino!». Era assim.

INF15 yyy.

INQ2 *Então, a água era levada de casa.*

INF14 em simultâneo com «de casa» Era levada de casa.

INQ2 *E depois o padre benzia, naturalmente.*

INF14 em simultâneo com «naturalmente» [AB|O senhor padre] [AB|Então se fosse toda a gen-]. Não. É que ele tinha lá a pia com a água benta, {PH|nu=não} é?

INQ2 *Sim.*

INF14 Então, se o fosse ser de {PH|'tüdu=tudo}, e assim levava de casa e ele benzia. É {PH|'komɐ=como} quando **vão a** buscar [AB|a au] a água benta para os mortos. [AB|Leva-se a bi-] leva-se a jarra da água. Traz da que lá está [RP|traz da que lá está] benzida e {PH|'deʃɐ=deixa} lá a outra.

INF15 Aquilo quando vai xxx +

INF14 Em simultâneo com «aquilo quando vai»: Para os mortos, para benzer os mortos.

INF15 yyy

INF14 Cá em casa, para {PH|de'tar=deitar} a água benta.

INF15 Com um ramo de {PH|oli'verɐ=oliveira}.

INF14 É que vai a gente a {PH|de'tar=deitar} a água benta. «Ai, morreu fulana, tenho que lhe **ir a** deitar água benta». E {PH|v'tẽw=então} o 'batizo' era só [AB|era só] era a madrinha e o padrinho, e a madrinha de três dias e o pai do [RP|do] menino.

2.4.6.2. «A lavagem da roupa»

Localidade: Malpica do Tejo Distrito: Castelo Branco	Concelho: Castelo Branco Data: 02/1989
-----------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------

Informante: 16 Idade: 65	Sexo: F Escolaridade:
-------------------------------------------	----------------------------------------

Informante: 17 Idade:	Sexo: F Escolaridade:
----------------------------------------	----------------------------------------

Fonte: ALEPG Inquiridor1: Manuela Barros Inquiridor2: Luísa Segura

Assunto: Cuidar da roupa, barrela, plantas

INQ1 Como é que se lavava a roupa, antigamente?

INF16 Antigamente, fazia ao dia. A gente ia {CT|po=para o} {PH|ri'βeru=ribeiro}, fazia aqui uma poça [RP|uma poça], e a gente enjoelhava-se e era {CT|kɐ=com a} / {CT|kɐ=com a} mão. E depois fazia a barrela.

INQ1 Como é que era?

INF16 A barrela? Com mentrastos, inteiros, inteiros.

INF17 Num {PH|ka't'deru=caldeiro}. Sabe [AB|um] os {PH|ka't'deruʃ=caldeiros} de pôr o lume.

INF16 {PH|'poʃ=pois}.

INF17 {PH|nũ=não} {PH|tê=tem} cá nenhuma?

INF16 {PH|'teɲu=tenho} lá em cima, {PH|e=eu} já disse.

INF17 Pronto.

INF16 E fervia a gente a água e com cinza aqui do {PH|'lümi=lume} e {PH|tʃv'mavɛʎi=chamava-lhe} [AB|ma-] +

INF17 Mentrastos.

INF16 Mentrastos. [AB|e punha-lhe a-] +

INF17 E punha-lhe a {PH|ku'zœr=cozer}.

INF16 Punha-lhe a {PH|ku'zœr=cozer}, que era a [AB|barre-] para pôr a roupa branquinha.

2.4.6.3. «O tratamento da constipação»

Localidade: Malpica do Tejo Distrito: Castelo Branco	Concelho: Castelo Branco Data: 02/1989
Informante: 14 Idade: 58	Sexo: F Escolaridade:
Informante2: 15 Idade:	Sexo: F Escolaridade:
Informante3: 18 Idade:	Sexo: F Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Luísa Segura Inquiridor2: Manuela Barros	
Assunto: Doenças, terapias	

INQ1 Quando a pessoa apanha uma grande chuva, chega a casa, toda molhada e tem que fazer o quê?

INF14 Toda molhada, {PH|tĩ=tem} que se {PH|diʃˈpiri=despir} / [AB|chega-] {PH|tʃˈgavɐ=chegava} a gente e «olha, vim {PH|ˈfetɐ=feita} num {LX|{PH|pĩˈgɛɫu=pingalho}}».

INF15 Num {LX|{PH|pĩˈgɛɫu=pingalho}}, era {LX|{PH|pĩˈgɛɫuʃ=pingalhos}}, era.

INF14 «Ai, as minhas {PH|õte=ontem} vieram do trabalho, [AB|vier-] {PH|tʃˈgarẽw̃=chegaram} a casa, pareciam uns {LX|{PH|pĩˈgɛɫuʃ=pingalhos}}! Vieram feitas num {LX|{PH|pĩˈgɛɫu=pingalho}}!». {PH|ˈɛdiˈpoʃ=depois}, sabe como é que [//] quando a gente às vezes não [RP|não] podia apanhar água, vinha a gente assim feita num {LX|{PH|pĩˈgɛɫu=pingalho}}.

INQ1 Pois.

INF14 Depois, a gente tirava a {PH|ˈropɐ=roupa} e as mães davam um lava-pés à gente / com água quente.

INF15 Com água quente e mostarda(?).

INF14 [AB|Lavavam os pés] [RP|os pés] **Lavava a gente os pés** bem lavadinhos ao para baixo, ao para baixo, deitava-se na cama e se dava para torto / [RP|se dava para torto] a gente ficava constipada ou qualquer {PH|ˈkozɐ=coisa}.

INF15 Era uma constipação.

INF14 Era uma constipação, {PH|nu=não} é?

INF15 {LX|Desprezada}, yyyy.

INF14 Ao depois sabe [RP|sabe] como é que faziam, as mães? **Quando iam a [RP|a] buscar** o pão quente, do forno, e a gente lá na cama, deitavam um lençol de cima [AB|da] do fato da cama e {PH|'pũjẽw̃=punham} os pães de cima daquele lençol.

INQ1 Ah...

INF14 Apanhavam um suadouro.

INF15 Para suar.

INF14 Davam uma coisa quente à gente a {PH|bu'βeri=beber} para {PH|su'er=suar}.

INQ1 em simultâneo com «a {PH|bu'βeri=beber} para {PH|su'er=suar}» Ah...

INF15 {PH| swe'deru=suadeiro} de pão quente.

INQ2 yyy.

INF14 E depois **apanhava a gente um suadouro**. [AB|Aquilo até] a constipação saía, a constipação saía, pronto.

INQ1 Hum.

INF14 Era a salvação da {PH|'zẽti=gente}.

INQ1 Pois.

INF14 Senão, então, morria muita gente, muitas moças e assim. {PH|tʃe'mavẽw̃li=chamavam-lhe} depois a {LX|constipação desprezada}. Eram apanhadas assim. E então, as mães tinham aquela {PH| kwa'tetẽ=cautela}. [AB|La] **lavava a gente os pezinhos**, chamavam-lhe [AB|lava-] lava-pés. Às filhas e aos filhos. Lavava-se os pezinhos, metia-se na cama. Se aquilo dava para torto, olha...

INF15 Tinha que lhe dar vinho quente com [RP|com] toucinho derretido, que era o vinho para o doce(?).

INQ1 Ah...

INF14 Davam qualquer coisinha a {PH|{PH|bu'βeri=beber}}, uma coisa quente, abafavam a gente com o pão quente+

INF18 Vinho...

INF14 ... a gente lá de baixo do pão+

INF18 Vinho com toucinho.

INF14 Grosso. Suava... Pronto, o mal saía.

INQ1 Passava. Pois.

INF18 É a banha. É com a banha.

INF14 É a banha é, o toucinho rançoso, o toucinho amarelo. Uma vez vínhamos do trabalho+

INF15 A banha, yyy.

INF14 Uma vez vínhamos do trabalho, choveu tanto, tanto, tanto, {PH|j'gemuʃ=chegámos} a casa {PH|'feteʃ=feitas} num {LX|{PH|pĩ'gɛʎu=pingalho}}. A minha mãe / queria lá que nós fossemos ao baile. [AB|Havia, havia baile] havia cá baile de esposada(?). Nós queríamos ir ao baile, a minha mãe {PH|nu=não}, [AB|que-] queria que nós nos fossemos para a cama. Vínhamos todas {PH|'feteʃ=feitas} num {LX|{PH|pĩ'gɛʎu=pingalho}}. E estava lá um homem e fez assim «Ó Catarina, não faças isso, deixa lá ir as {LX|{PH|kɐ'tʃɔpɐʃ=cachopas}} ao salão. «Ai, não vão, não vão! Vão {CT|pa=para} a cama!», «{PH|nu=não} vão nada {CT|pa=para} a cama, tu {PH|nu=não} faças isso. As {LX|{PH|kɐ'tʃɔpɐʃ=cachopas}} agora **vão-se a meter** [AB|no] na cama, estão resolvidas a apanhar alguma. E assim, vão para o baile, largam-na lá». Foi a nossa salvação, foi aquele homem!

INQ1 *Hahaha.*

INF14 Aquele dia íamos para a cama. A gente não queria ir para a cama+

INQ1 *Claro.*

INF14 ... a gente queria era ir para o baile!

INQ1 *Ai, não!*

INF14 Mas aquele homem lá deu aquele conselho à minha mãe e ela lá tomou o conselho e fomos para o baile, dançar, dançar, dançar...

INF15 *yyyy.*

INF4 E os homens diziam: «O baile as dá e o baile as tira». O homem até assim a contar / por coisas. «O salão» [//] era salão, não era baile [//] «o salão as dá e o salão as tira. Deixa-as ir para o salão. E que dancem e que {PH|'pülẽw̃=pulem}. Quanto mais {PH|pu'tɛrẽj̃=pularem}, mais xxx de lá vinham».

INQ1 *Hahaha.*

INF15 Ia-se dançar aos sábados, domingos, de dia.

INF14 Dançar, dançar, dançar, se a gente tinha alguma {PH|'kozɐ=coisa} para ficar cá no corpo, saiu!

2.5. Fenómenos linguísticos selecionados

São inúmeros os traços dialetais encontrados nos excertos transcritos. Distinguem-se, desde logo, as características fonético-fonológicas que diferenciam o falar da Beira Baixa da norma-padrão do Português Europeu. Estamos, por isso, perante uma verdadeira riqueza a nível de variações específicas neste âmbito. A definição da variedade estabelecida por Cintra e que aqui é utilizada mantém-se, apresentando os traços que o linguista já havia considerado. Posto isto, os principais traços desta variedade, que se destacam desde logo, têm que ver com o vocalismo, mas

há também aspetos ao nível consonântico, morfossintático e lexical que devem ser analisados. Reunir-se-ão em seguida, para o efeito, os principais traços encontrados nas transcrições dos ficheiros de áudio utilizados para o presente estudo, traços esses que distanciam fortemente da norma-padrão e que distinguem, assim, o falar da Beira Baixa. Ficam sem destaque os fenómenos que se verificaram esporadicamente, sem apresentar qualquer padrão de utilização, como, por exemplo, o betacismo, fenómeno atípico no dialeto em estudo (centro-meridional), mas que se verificou num dos ficheiros de áudio transcritos. Assim, os fenómenos com maior notoriedade são, sem dúvida, a palatalização de *a* tónico e a monotongação, com destaque para o ditongo *ei*.

Importa salientar que, em Monsanto, os ficheiros de áudio disponíveis na plataforma MADISON para a localidade não correspondem, em grande parte, a fala espontânea, mas, sim, a orações e canções populares, o que pode levar à limitação de traços encontrados. Da mesma forma, sublinhe-se ainda que, apesar de algumas formas não serem encontradas em determinadas localidades, tal não significa que as mesmas não sejam produzidas pelos falantes que as habitam. O presente trabalho fora reduzido à audição de três ficheiros de áudio por localidade escolhida, o que, naturalmente, condiciona a sua análise.

Os fenómenos mais frequentes e cuja relevância se destaca, apresentados em seguida, agrupar-se-ão em tabelas organizadas por localidade, por razões puramente logísticas, com vista a uma análise ordenada.

2.6. Fonética

2.6.1. Vocalismo

2.6.1.1. Palatalização de *a* tónico

Conforme descrito por Segura (2013), o *a* desta região sofre palatalização para *e* diretamente correspondente, seja ele aberto, fechado, oral ou nasal, «quando na sílaba pretónica existem (ou existiram) as vogais altas [i], [ĩ], [u] ou [ũ], ou as semivogais correspondentes [j] e [w]» (SEGURA, 2013: 102). No entanto, registaram-se outras produções que não vão ao encontro desta regra, podendo existir, dentro duma mesma localidade, os dois fenómenos. São inúmeros os exemplos deste traço, que se verificou em quase todas as localidades em estudo, com exceção em Isna, onde não foram encontrados quaisquer fenómenos desta natureza.

	Produções encontradas
Idanha-a-Nova	{PH ku'rɛrmi=curar-me}, {PH tʃɛ'memuɫiʃ=chamamos-lhe}
Monsanto	{PH dʒtrɛsõjʃ=distrações}
Porto de Vacas	{PH ʒũ'tɛvẽw̃si=juntavam-se}, {PH fj'ɛr=ficar}, {PH crj'ɛvɛ=criava}, {PH ke'mevẽw̃=queimavam}, {PH pu'ʃevẽw̃=puxavam}, {PH buf'kɛr=buscar}
Unhais da Serra	{PH tʃɛ'memuɫiʃ=chamamos-lhe}
Malpica do Tejo	{PH pĩ'gɛɫu=pingalho}, {PH su'ɛr=suar} {PH ʃ'gemuʃ=chegámos}, {PH pu'tɛrẽj̃=pularem}

Tabela 2 – Palatalização de *a* tónico

2.6.1.2. *E* tónico: labialização de [e] em [œ]

A respeito do *e*, quando se encontra em posição tónica, este tende a labializar, passando a produzir-se como [œ], semelhante a produções francesas como *peur* (cf. BRISSOS, 2011: 17). Apenas foram encontradas produções deste tipo nas localidades de Porto de Vacas, Unhais da Serra, Isna e Malpica do Tejo. O fenómeno não ocorre em todos as produções de *e* tónico nessas mesmas localidades, no entanto, a labialização do *e* tónico é descrita por vários estudiosos como um dos traços marcantes da variedade dialetal da Beira Baixa e Alto Alentejo. Não é, porém, o traço com mais representação no presente estudo, tendo em conta o número de produções de *e* tónico e o número de produções em que o mesmo efetivamente labializa.

	Produções encontradas
Porto de Vacas	{PH v'sœzu=aceso}, {PH kɛ'βœsɛ=cabeça}, {PH 'tœpu=tempo}
Unhais da Serra	{PH fɛ'zœr=fazer}
Isna	{PH ku'zœr=cozer}, {PH ti'sœr=tecer}, {PH 'voɛz=vez}, {PH ti'rœnu=terreno}
Malpica do Tejo	{PH di'zœr=dizer}, {PH ku'zœr=cozer}

Tabela 3 – Labialização de [e] em [œ]

2.6.1.3. Avanço de vogal recuada [ɐ] para vogal não recuada [e]

Nas localidades estudadas constatam-se alguns casos de produções em que se dá o avanço da vogal recuada [ɐ] para vogal não recuada [e], nomeadamente em palavras terminadas em -elho, -elha, -enho e -enha. Este fenómeno não ocorreu com frequência. Apenas foram encontradas algumas produções em Idanha-a-Nova, como [o'reʎɐ] (orelhas), e, em Unhais da Serra, [o'veʎɐ] (ovelha).

Em Monsanto, Porto de Vacas, Isna e Malpica do Tejo não foram encontrados quaisquer fenómenos desta natureza. No entanto, é necessário frisar que não se produziram igualmente quaisquer palavras terminadas em -elho, -elha, -enho e -enha, para além das apontadas, pelo que não se sabe se o fenómeno poderia ou não ter sido mais frequente.

Ainda, importa salientar que o oposto, a passagem de [e] para [ɐ], também se verifica, principalmente quando estamos perante uma vogal nasal, [ẽ], em palavras como «então», produzidas como [ɐ'tẽw̃], em alguns casos, como em Isna («Depois ainda é {PH|ɐ'tẽw̃=então} espadanado») e Malpica do Tejo («E {PH|ɐ'tẽw̃=então} o 'batizo'»)

2.6.1.4. Redução da vogal *i*

A supressão da vogal *i* e passagem à vogal neutra no interior de palavra também é um fenómeno que merece destaque, uma vez que se distancia da norma-padrão. Foram encontradas algumas produções nas localidades de Monsanto e Unhais da Serra. Porém, o fenómeno também parece ocorrer ao contrário, passando a vogal neutra para *i*. Vejam-se os exemplos de algumas produções em Idanha-a-Nova e em Monsanto.

Em Porto de Vacas, Isna e Malpica do Tejo não se observaram fenómenos, quer de redução de vogal *i*, quer de passagem de vogal neutra para *i*.

	Produções encontradas
Idanha-a-Nova	{PH kõsi'girẽw=conseguiram}
Monsanto	{PH dʒtrɛsõj}=distrações}, {PH ĩpɐ'rajmi=amparai-me}
Unhais da Serra	{PH f'kar=ficar}

Tabela 4 – Redução da vogal *i* e passagem de vogal neutra para *i*

2.6.1.5. Inserção de *i* em posição final de palavra

Como já indicado por Brissos, verificou-se com frequência a inserção de vogal alta não recuada *i* no final das palavras produzidas, a elevação do *e* final átono em /i/,

como referido no Capítulo 1. O fenómeno parece ocorrer quando as palavras terminam em consoante lateral ou líquida, ou em vogal neutra. Esta inserção não tem, no entanto, qualquer conteúdo significativo. Apesar de não terem sido produzidos quaisquer fenómenos desta natureza nas localidades de Monsanto (porventura pelo contexto não espontâneo das gravações) e Isna, não será errado afirmar que é um fenómeno comum e característico da região, sendo também um dos mais comuns no falar da Beira Baixa, tendo em conta a frequência com que ocorre nas restantes localidades.

	Produções encontradas
Idanha-a-Nova	{PH vẽ' deri =vender}, {PH vni' mati =animal}, {PH ' deli =dele}, {PH nɛj' seri =nascer}, {PH ' tali =tal} {PH vɛ' lɔti =velhote}
Porto de Vacas	{PH vke' seri =aquecer}
Unhais da Serra	{PH ' grvði =grande}, {PH vɛ' veri =varrer}
Malpica do Tejo	{PH dij' piri =despir}, {PH bu' βeri =beber}

Tabela 5 – Inserção de *i* em posição final de palavra

2.6.1.6. Palatalização de *u*

A palatalização de *u* é considerada já por muitos linguistas como o fenómeno mais comum no falar da Beira Baixa, como já referido no **Capítulo 1**. Quer seja oral, quer seja nasal, a palatalização de *u* é frequente em todas as localidades em estudo, o que faz deste fenómeno, efetivamente, um traço distintivo da área em questão. É mais frequente numas localidades, menos frequente noutras, mas nota-se em todas elas, havendo sempre, salvo raras exceções, uma tendência à palatalização quando se produz a vogal *u*.

Diz-nos Brissos que o fenómeno da palatalização do *u* surge «muito claramente», mas vai havendo, como as transcrições também o demonstram, uma preferência pela norma:

(...) a simples realização não palatalizada ([u]/[ũ] nunca se apresentou propriamente incomum. Isso atesta, além da cada vez maior influência da Norma, também uma certa fraqueza intrínseca do mesmo, patente desde logo no grau pouco acentuado da palatalização; sendo natural que para aquele comportamento possa concorrer ainda o facto de o sistema conhecer, por via do contexto átono (...), perfeitamente o *u* não palatalizado.

	Produções encontradas
Idanha-a-Nova	{PH ü ' neru =unheiro}, {PH jizü ₃=jesus}
Monsanto	{PH di ' bü ₆=debulha}
Porto de Vacas	{PH rü ₆=rua}
Isna	{PH tü ₆=todo}, {PH ni ' ñüm ₆=nenhuma}
Unhais da Serra	{PH tü ₆=todo}
Malpica do Tejo	{PH lü ₆=lume}, {PH pül ₆w=pulem}

Tabela 6 – Palatalização de *u*

2.6.2. Ditongos e hiatos

2.6.2.1. Monotongação

A monotongação é uma característica muito marcada do falar da Beira Baixa. A par com a palatalização do *u* e a inserção de *i* em final de palavra, pode considerar-se um dos traços distintivos desta região. O ditongo que mais se destaca é, sem dúvida, o *ei*, que monotonga em quase todas as suas produções, mas não é o único.

O ditongo *ei* é, na maior parte das vezes, produzido como *e* fechado. Destaque-se que há localidades em que se conserva o ditongo em posição final de palavra e monotonga-se em posição interior, havendo ainda outras localidades que produzem os dois. Podemos, portanto, afirmar que os próprios ditongos sofrem variação, tendo o ditongo *ei* um especial destaque.

	Produções encontradas
Idanha-a-Nova	{PH 'detv=deita}, {PH zi'brerv=Zebreira}, {PH v'zeti=azeite}, {PH ṽ'de=andei}, {PH ũ'te=untei}, {PH ü'neru=unheiro}
Monsanto	{PH erv=eira} {PH 'fetu=feito}, {PH simẽ'teruf=sementeiros}
Porto de Vacas	{PH fu'gerv=fogueira}, {PH pri'meru=primeiro}, {PH kervw'eru=carvoeiros}, {PH pi'neruf=pinheiros}, {PH ke'mevw̃=queimavam}, {PH dʒ'fetu=desfeito}, {PH brv'zeruf=braseiras}, {PH ĩ'teru=inteiro}
Unhais da Serra	{PH pri'meru=primeiro}, {PH 'erv=eira}
Isna	{PH si'mev=semeia}, {PH si'meṽʃ=semeem}, {PH pri'meru=primeiro}, {PH 'jevʒ=cheias}, {PH ri'berv=ribeira}, {PH si'veru=ceveiro}, {PH mv'nerv=maneira}, {PH 'fetv=feita}, {PH ku'rejv=correia}, {PH gv'derv=gadeira}, {PH sẽ'tev=centeia}, {PH de'tarṽʃli=deitarem-lhe}
Malpica do Tejo	{PH oli'verv=oliveira}, {PH de'tar=deitar}, {PH ri'beru=ribeiro}, {PH ka'deruf=caldeiros}, {PH sṽ'deru=suadeiro}, {PH 'fetuf=feitas}, {PH 'fetv=feita}

Tabela 7 - Monotongação de *ei* ([vj] > [e])

Da mesma forma, o ditongo *eu* surge produzido, esporadicamente, como *e* fechado. Esta monotongação apenas se verificou nas localidades de Idanha-a-Nova, Monsanto e Malpica do Tejo. O pronome pessoal «eu» e os pronomes possessivos «meu» e «seu» são os que mais monotongam. No entanto, importa ressaltar que, quando estamos perante um morfema verbal do pretérito perfeito, como «desapareceu», não há monotongação do ditongo *eu*, como visto em «desapareceu logo, desapareceu-lhe tudo», no excerto «A mezinha das abróteas» de Idanha-a-Nova.

	Produções encontradas
Idanha-a-Nova	{PH me =meu}
Monsanto	PH e =eu}, {PH mej =meus}, {PH me =meu}
Malpica do Tejo	{PH se =seu}

Tabela 8 – Monotongação de *eu* ([ew] > [e])

No caso da monotongação de *ai*, o único caso encontrado reside em Idanha-a-Nova, com a produção de {PH|vaɸ=vais}. No entanto, é interessante destacar que, com o ditongo *oi*, tal não acontece, como podemos observar em [v'brɔjtɐ], forma produzida na localidade de Idanha-a-Nova, variante da forma *abrótea*, em que o ditongo *oi* permaneceu, sem sofrer monotongação; o mesmo acontece com a produção de «pois» e «depois», mas nem sempre: há localidades em que o ditongo sofre monotongação, produzido-se como ['poʃ] (Idanha-a-Nova, Monsanto, Isna e Malpica do Tejo) e [di'poʃ] (Isna e Malpica do Tejo), respetivamente; outras em que o ditongo permanece, e outras em que se produzem ambas as formas. A palavra «coisa» e «coisinha», em Unhais da Serra, por sua vez, também sofre monotongação; em Isna e Malpica do Tejo, houve ainda a produção de ['koʒzi]. Já a produção de «loirinho» sofre monotongação para [lo'riɲu], em Isna.

Sabe-se que na zona em estudo é comum, em discurso espontâneo, todos ou grande parte dos ditongos *ou* serem produzidos como [o], quer em interior de palavra, quer em final de palavra. Nas transcrições apresentadas apenas foram encontradas duas formas deste tipo, em Monsanto e Malpica do Tejo, com a produção de {PH|'pokɐɸ=poucas} e {PH|'otrɐ=outra}, respetivamente. Verificou-se ainda um caso em que não existe ditongo, mas o mesmo é produzido, em Isna, com a produção de «boas» como ['bowɐɸ].

No caso das vogais nasais, também elas sofrem monotongação, tal como Brissos já havia indicado, passando o ditongo *ão* a produzir-se como [ɛ̃], em alguns casos, e [ũ] noutros, chegando mesmo a sofrer desnasalização, produzindo-se como [ɐ] ou [u]. Exemplos deste fenómeno são a produção do advérbio de negação «não», que aparece, em muitos casos, como [nu] (Idanha-a-Nova, Porto de Vacas, Unhais da Serra, Isna e Malpica do Tejo) e [nũ] (Isna e Malpica do Tejo), e «então» como [v'tɛ̃] (Porto de Vacas). O ditongo [ũj], por sua vez, em palavras como «muito», também tem tendência a monotongar para ['mũtu] (Porto de Vacas, Unhais da Serra e Isna). Já o ditongo [ɛ̃j] aparece monotongado e desnasalizado em Malpica do Tejo, havendo produções de «nem» como [ne] e «ontem» como ['õtɐ].

2.6.3. Consonantismo

2.6.3.1. Africada palatal surda

É visível em todas as localidades a produção da africada palatal surda, [tʃ], o que demonstra a conservação da mesma. Tal como Brissos afirma, o verbo «chamar» parece ser aquele em que a africada mais se conserva (cf. BRISSOS, 2011: 136), mas a alteração também se deu no verbo «chegar», bem como em alguns vocábulos. Note-se que a produção da africada palatal surda é produzida em maior número em contexto inicial de palavra, que Brissos afirma poder dever-se à «maior perceptibilidade que a consoante adquire em posição intervocálica (...), e a comodidade articulatória que a africada dá em início de palavra, pois proporciona um arranque forte» (BRISSOS, 2011: 136/137). As exceções para este fenómeno foram Monsanto e Isna, onde não se encontraram produções da consoante. Brissos (2011) afirma ainda que esta consoante remete-nos para «um estado de língua em que era regular, sem limitação especial de contexto que não seja a linguagem mais conservadora» (BRISSOS, 2011: 137). De facto, o fenómeno parece ser produzido por falantes conservadores, tendo em conta todos os traços produzidos pelos mesmos no restante diálogo.

	Produções encontradas
Idanha-a-Nova	{PH tʃe'mɐw̃si=chamam-se}, {PH 'tʃɐmɐɫi=chama-lhe}, {PH tʃɛje=cheia}, {PH gã'tʃiɲu=ganchinho}, {PH tʃe'memɐɫiʃ=chamamos-lhes}
Porto de Vacas	{PH tʃ'garɐw̃=chegaram}, {PH tʃe'mavɐw̃=chamavam}
Unhais da Serra	{PH tʃe'memɐɫi=chamamos-lhe}
Malpica do Tejo	{PH kɛtʃu'pɪɲɛʃ=cachopinhas}, {PH tʃe'mavɐɫi=chamava-lhe}, {PH tʃ'gavɐ=chegava}, {PH tʃ'garɐw̃=chegaram}, {PH kɛ'tʃɔɲɛʃ=cachopas}

Tabela 9 – Africada palatal surda

2.6.3.2. Supressão da fricativa [s] em posição final de palavra

Os advérbios «depois», «pois» e «mais» representam um dos fenómenos mais frequentes na zona da Beira Baixa e que se verifica em quase as localidades em estudo. A supressão da fricativa [s] em posição final de palavra é um dos fenómenos com mais registos em advérbios como os mencionados. Em Idanha-a-Nova, Porto de Vacas e Unhais da Serra registaram-se inúmeras produções de [di'poj], no lugar de «depois». Da mesma forma, registou-se ['maj], na vez de «mais», em Idanha-a-Nova, Monsanto e

Porto de Vacas. Destaque-se que o fenómeno não se verifica em substantivos, como «animais», forma encontrada em várias localidades e que respeita a norma-padrão em todas elas. A forma [ˈpoj] registou-se, curiosamente, apenas em Idanha-a-Nova, porém, com bastante frequência. Nas localidades de Isna e Malpica do Tejo não foram produzidos nenhum destes fenómenos.

A propósito, a inserção da fricativa [s] em posição final de palavra também é frequente, sobretudo em verbos como «vir». É possível encontrar formas como «viestes», em Idanha-a-Nova, repetitivamente, e «conservastes», em Monsanto.

2.7. Morfossintaxe

2.7.1. Preposição *a* antecedendo o infinitivo do verbo

Em Isna e Malpica do Tejo, este último em maior destaque, é comum a utilização da preposição *a* antes do infinitivo complemento do verbo. Os verbos «ir» e «vir» são os que apresentam esta construção com maior frequência. Vejam-se os exemplos encontrados nos excertos de Malpica do Tejo, «tenho que lhe **ir a** deitar água benta», «quando **vão a** buscar [AB|a au] a água benta para os mortos», «**vai a** gente **a** {PH|de'tar=deitar} a água benta», «Quando **iam a** [RP|a] buscar o pão quente», e de Isna, «**vai a** lavar». Em Monsanto e Porto de Vacas registou-se a utilização desta variação com o uso de dois outros verbos, «mandar» e «ouvir», em construções como «**Mandam-nos a** rezar» e «**Ouíamos** assim **a** cantar», respetivamente. A inserção da proposição não parece acrescentar qualquer conteúdo significado ao seu contexto, tal como visto nos casos de inserção de *i* em posição final de palavra. É uma estrutura comum na zona da Beira Baixa, mas não específica da mesma, uma vez que existem formas que podem passar para o plano escrito, estando dentro da norma-padrão (cf. BRISSOS, 2011: 165).

2.7.2. *Ele* expletivo

No que concerne à variação sintática, surge com frequência nas localidades de Idanha-a-Nova e Monsanto, apenas, a utilização de pronomes expletivos, como *isso* e *ele*. Alguns exemplos de Idanha-a-Nova são «**Ele** aparece-me a burra com as impingens nas orelhas», «**Ele** nascia cá aquilo nas ovelhas», «**Ele** nada de curar os bezerros», «[...] **isso** não há nada que cure isso» e «olha, **isso** [//] a burra {PH|ˈpɔdʒɐ=pode-la} {PH|vẽ'deri=vender}»; em Monsanto, encontramos a produção «**Ele** tantas vezes, tantas vezes, tantas vezes, tantas vezes que passavam por cima do trigo, {PH|v' tõw̃=então} é que aquilo ficava trilhado».

O uso de *ele* expletivo não é estranho aos falantes, não sendo, por isso, um traço distintivo da Beira Baixa. É, antes, considerado pelos linguistas uma variação

expectável da língua portuguesa, dada a sua frequência em discursos orais espontâneos. Trata-se, portanto, de uma forma de realçar a situação que se descreve dando ao pronome uma função expletiva, isto é, com valor genérico, servindo apenas para dar ênfase ao discurso (cf. MARTINS, 2003: 10). Acerca do valor de *ele* expletivo, Ernestina Carrilho defende:

Como muitos sujeitos expletivos, *ele* assume a forma de um pronome pessoal de terceira pessoa do singular, neste caso masculino, numa manifestação casual compatível com a posição de sujeito (nominativo). Não apresenta, no entanto, uma interpretação referencial. As construções em que é notado são normalmente impessoais, envolvendo uma posição de sujeito não-argumental. Assim, este elemento tem sido normalmente entendido como um sujeito expletivo visível, comparável a *it* ou *there* do inglês. (...) a presença do expletivo parece envolver sempre um valor expressivo adicional, estilisticamente marcado, por isso mais frequente em situações de comunicação menos formais. (CARRILHO, 2009: 10).

2.7.3. Pronomes clíticos em próclise

Esporadicamente, alguns informantes colocam os pronomes clíticos em posição proclítica, isto é, antes do verbo. Um dos exemplos mais curiosos ocorre em Idanha-a-Nova, com a produção de «Mas uns **se tomam** grossos, outros tomam-se miúdos, pronto». A forma «se tomam» apresenta um pronome clítico em posição pré-verbal, desviando-se, assim, da norma-padrão; no entanto, a forma produzida em seguida, «tomam-se miúdos» respeita a norma-padrão, sendo a posição enclítica o padrão base de colocação de pronomes clíticos no Português Europeu. Em Porto de Vacas, verificou-se a produção de «(...) ao fim de **se elas apagam** (...)»

Não se pode afirmar que existe um padrão no falar da Beira Baixa relativamente à colocação dos pronomes clíticos em posição pré-verbal. Contudo, não deixa de ser interessante observar as diferentes posições dos mesmos e a forma como a mesma varia no discurso de um mesmo falante.

2.7.4. Advérbios de lugar em posição pré-verbal

A colocação de deíticos espaciais, especificamente os advérbios de lugar, como «cá» e «lá», por parte dos informantes pode ser interpretada com alguma estranheza por falantes que façam uso da norma-padrão do Português Europeu. É bastante frequente em Porto de Vacas a colocação do advérbio de lugar «cá» e «lá» em posição pré-verbal, isto é, antes do verbo, em alguns contextos. Na localidade mencionada, encontramos produções como «Ah, {PH|e=eu} comecei a **lá ir** (...)», «E íamos juntas, era [RP|era] [//] iam aos sábados / a praça ao domingo é que **lá se vendia**, (...)», «(...)», que era o Tortosendo, que **lá está**, (...)», «Até a loiça, até [RP|até] **as cá vendi** (...)» e «(...) andavam os homens a xxx e vendiam-lhe lá aqueles que **cá vinham** buscar com os {LX|machos}...»

Tal como no fenómeno anterior, não se pode afirmar que existe um padrão de colocação, uma vez que a própria colocação varia ao longo do discurso: vejam-se os exemplos de algumas produções em que o advérbio é colocado em posição pós-verbal, como «E primeiro {PH|tj'garẽw̃=chegaram} cá (...)\», «(...) ainda [RP|ainda] ia a minha mãe, ia lá [RP|ia lá] muitas mulheres (...)\», «{PH|vẽũ'tevẽw̃ si=juntavam-se} / lá no [RP|no] caminho por aí acima (...)\»

2.7.5. «A gente» e «ao depois»

Acerca da preferência dada pelos falantes à locução pronominal «a gente», que tem o valor do pronome «nós», atente-se para a utilização constante da mesma na 3.^a pessoa do singular, contrariando o expectável (1.^a pessoa do plural, tendo em conta o valor que partilha com o pronome «nós»). Encontramos em todas as localidades inúmeros exemplos deste fenómeno. Em Idanha-a-Nova, temos exemplos como «{PH|'tʃẽmẽ/ĩ=chama-lhe} a gente um {LX|gavenito}»; em Monsanto, «a gente pegava nos burros, ou em vacas, ou em {LX|machos}»; em Porto de Vacas, «E a gente ia a {PH|poj=pé}»; em Unhais da Serra, «E depois a gente só vai / cevar com os pés»; em Isna, «a gente {PH|si'gürẽ=segura} com esta mão»; e em Malpica do Tejo, «É que vai a gente a {PH|de'tar=deitar} a água benta». Os informantes raramente utilizaram o pronome «nós».

Já o advérbio «depois» aparece frequentemente produzido como «ao depois», como se de uma locução adverbial se tratasse. Produz-se integralmente como «ao depois», em Porto de Vacas e Malpica do Tejo, porém, encontram-se ainda outras produções que aparentam ter o mesmo valor. A expressão parece produzir-se sob a forma de [vẽdi'poj], em Idanha-a-Nova («{PH|vẽdi'poj=depois} veio outro com umas pomadas boas e aquilo {PH|vẽdi'poj=depois} deu resultado»), [v'poj], em Porto de Vacas («juntava-os e {PH|v'poj=depois} vendia-os»), e [vẽdi'poj], em Malpica do Tejo («{PH|vẽdi'poj=depois}, sabe como é que [//] quando a gente às vezes não [RP|não] podia apanhar água»), estas últimas produzidas pelos mesmos falantes que produziram «ao depois» sem qualquer alteração fonética.

2.8. Léxico

No que toca à variação de tipo lexical, observam-se alguns vocábulos distintos da norma-padrão e até mesmo palavras não-dicionarizadas. Numa primeira instância, considerou-se importante fazer uma distinção entre palavras dicionarizadas e palavras não-dicionarizadas, para que surja no leitor uma consciência do quão invulgar a produção de algumas palavras (não-dicionarizadas) é. Em suma, palavras não dicionarizadas são palavras que só têm produção em determinadas regiões e que, ao

serem mencionadas a alguém que não pertença a essa região, são, muitas vezes, indecifráveis. Muitas vezes são produzidas de forma diferente pelos próprios falantes da região (vejam-se os exemplos «gavanha» e «vavanha», adiante). Como já referido no Capítulo 1, a variação lexical é ainda um tópico problemático e que gera algumas dúvidas, pelo que não será abordada em profundidade. Na seguinte tabela, agrupam-se por localidade todas as variantes lexicais encontradas nas transcrições dos excertos de áudio utilizados para o presente estudo.

	Produções encontradas
Idanha-a-Nova	{LX benzilhões}; {LX pintas}; {LX boto-as}; {LX machos}
Monsanto	{LX desencarraram}; {LX machos}
Porto de Vacas	{LX carroigos}; {LX ranchada}; {LX estagrande}; {LX acartavam}; {LX acartavam-nas}; e {LX machos}; {LX acartar}; {LX cangalhas}
Isna	{LX bastinho}; {LX ralo}; {LX basto}; {LX vavanha}; {LX Espadana}; {LX tasquinha}; {LX zangarilho}; {LX gadeira}; {LX ugavam-se};
Unhais da Serra	{LX giesta}; {LX aconham}; {LX aconharem}; {LX conhas}; {LX conhas de giesta}; {LX aconhar}; {LX gadanha}; {LX uga-o}; {LX nagalhos}; {LX ugava-o}; {LX ugado}; {LX ugá-lo}; {LX acalca}; {LX bota-se}; {LX bote}; {LX bota}
Malpica do Tejo	{LX cachopinhas}; {LX pingalho}; {LX pingalhos}; {LX Desprezada}; {LX constipação desprezada}; {LX cachopas}

Tabela 10 – Variantes lexicais

Analisando o conjunto de dados acima, entende-se de imediato que, ainda que algumas das produções encontradas estejam dicionarizadas, as mesmas são pouco conhecidas pelos falantes que não são naturais das localidades em estudo, ou que não estão familiarizados com o estilo de vida rural e campestre; da mesma forma, quando são conhecidas, são consideradas regionalismos, não fazendo parte do vocabulário utilizado em discurso formal, na norma-padrão.

Passando à observação das produções encontradas, os verbos «botar» (Idanha-a-Nova e Unhais da Serra), «debulhar» (Idanha-a-Nova e Monsanto), «pintar» (Idanha-a-Nova), «desencarrar» (Monsanto), «acartar» (Porto de Vacas), «ugar» (Isna

e Unhais da Serra) e «calcar» (Unhais da Serra) são verbos dicionarizados, com definições disponíveis em vários dicionários, físicos e digitais. Não nos são estranhos, mas há casos em que são utilizados com um significado que não é expectável: o verbo «pintar», por exemplo, («{LX|pintas} as com essa pomada») parece ser utilizado como variante lexical sinónima do verbo «espalhar» (a pomada). Atente-se ainda para a variação em número que os verbos apresentam. O verbo «aconhar» (Unhais da Serra) é o único não dicionarizado, bem como todas as suas variantes («aconham», «aconharem», «conhas»). Parecem, no entanto, pelo contexto em que são utilizados, ser uma variante sinónima de «recolher».

No que toca aos substantivos e adjetivos encontrados, apesar de a maioria fazer parte de palavras dicionarizadas (o que não elimina a hipótese de a sua compreensão apenas ser possível tendo em conta o contexto em que ocorrem, não havendo, nesse caso, certezas do seu significado), considerou-se relevante fazer o seu levantamento tendo em conta a pouca ou nenhuma frequência com que parecem ser produzidas na variedade padrão do Português Europeu. Para consulta, utilizar-se-ão os dicionários digitais *Priberam*, *Infopédia* e *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP)*. Ora, a variante «machos» (Idanha-a-Nova e Porto de Vacas), dicionarizada, parece ser sinónima de «bois» ou «burros»; por sua vez, a variante «benzilhões» (Idanha-a-Nova), dicionarizada, parece fazer referência a homens que tinham a função de benzer, isto é, curar doenças; a variante «carroigo» (Porto de Vacas), não dicionarizada, parece ser sinónima de «cesta»; a variante «ranchada» (Porto de Vacas), dicionarizada, faz referência a um grupo numeroso de pessoas; a variante «cangalhas» (Porto de Vacas), dicionarizada, faz referência a transportes puxados por animais; as variantes «basto» e «bastinho» (Isna), dicionarizadas, são sinónima de «espesso», «robusto»; «ralo» (Isna), por sua vez, são utilizadas como antónimo, estando também dicionarizadas; «gadanha» e «vaganha» (Isna e Unhais da Serra) parecem ter o mesmo significado (ferramenta para ceifar), no entanto, apenas a forma «gadanha» se encontra dicionarizada; as variantes «espadana» e «tasquinha» (Isna), dicionarizadas, são sinónimas e fazem referência a um instrumento para trabalhar o linho; a forma «zangarilho» (Isna) não se encontra dicionarizada, mas subentende-se, pelo contexto, que faz referência a um instrumento de trabalho agrícola; «giesta» (Unhais da Serra), dicionarizada, contrariando o expectável, faz referência a uma vassoura feita de ramos; «nagalhos» (Unhais da Serra), dicionarizada, parece ser o equivalente a «cordel»; as variantes «cachopas» e «cachopinhas» (Malpica do Tejo), dicionarizadas, fazem referência a mulheres jovens, crianças; «pingalho» e «pingalhos» (Malpica do Tejo), dicionarizadas fazem referência a uma pessoa cujas roupas se encontram molhadas; por último, a forma «desprezada» (Malpica do Tejo), conhecida na norma-padrão,

adota outro significado, fazendo referência a algo «ruim». Destaque-se que, sem a consulta de dicionários, seria possível compreender o significado de algumas produções essencialmente pelo contexto em que as mesmas ocorrem e estão inseridas; a compreensão de outras, sem possibilidade de consulta, seria impossível.

Note-se, ainda, a utilização frequente do substantivo «coisa» («que não esteja / com ferrugem, que não *coisa*», em Idanha-a-Nova; «que depois é para ir ser / gramada numa *coisa* de pau», em Isna), utilizado por alguns informantes para referirem um objeto que não conseguem nomear (podendo ser qualquer um), possivelmente por esquecimento.

Relativamente à variação lexical estudada em Cintra (1983), já abordada no Capítulo 1, não é possível analisar as formas variantes para as designações «ordenhar», «(fêmea) estéril», «cria da ovelha» e «cria da cabra», uma vez as mesmas que não foram produzidas nos ficheiros de áudio selecionados.

Capítulo 3 – A mudança linguística: falar dos jovens

No capítulo anterior, abordou-se a variação linguística (fonética, morfossintática e lexical) de falantes com idades superiores a 50 anos², de escolaridade reduzida (ou nula), naturais das localidades estudadas e sem qualquer experiência tida em localidades não pertencentes à Beira Baixa. No presente capítulo, analisar-se-á a mudança linguística através da observação de produções obtidas de falantes jovens, naturais da Beira Baixa, com um nível de escolaridade que pode ir do Ensino Básico ao Ensino Superior e outras características sociolinguísticas muito distintas das dos falantes anteriormente analisados. Desta forma, pretende-se destacar fenómenos típicos do falar da Beira Baixa, distinguindo quais desses fenómenos já não são produzidos pelos falantes jovens, e explicitar a evolução da língua, tendo em conta as possíveis influências para essa mudança no falar dos mesmos (contacto com outros falares ou línguas estrangeiras, nível de escolaridade, etc.).

Para tal, e visto haver ainda uma grande ausência de dados a este respeito, procedeu-se a duas estratégias distintas. Em primeiro lugar, levou-se a cabo uma recolha de entrevistas de conversa espontânea a seis jovens naturais de diferentes localidades da Beira Baixa: Idanha-a-Nova, Penha Garcia e São Miguel de Acha, todas pertencentes ao concelho de Idanha-a-Nova, uma vez que a autora é natural e residente na mesma e o espaço de tempo disponível para a condução das entrevistas fora reduzido. Estas entrevistas permitirão analisar aspetos fonéticos e morfossintáticos. Em segundo lugar, para uma análise de aspeto lexical, respeitando a variação lexical obtida nas transcrições realizadas no capítulo anterior, procedeu-se a um questionário lexical na plataforma *Google Forms*, do qual foram obtidas cento e nove respostas. Desta forma, foi possível fundamentar o trabalho que se pretendia desenvolver no presente estudo: a mudança linguística decorrida na Beira Baixa nas últimas décadas do século XX até à atualidade.

Para o seguimento da análise, optou-se por fazer um estudo qualitativo, que ajudará a compreender os resultados obtidos, e um estudo quantitativo, que facilitará a representação desses mesmos resultados, através da elaboração de gráficos de barras e gráficos circulares.

² Excepcionalmente, por ter sido considerada uma representação do falar local, uma das informantes (informante 10, Unhais da Serra) tinha 35 anos. Os informantes 3 e 4, de Idanha-a-Nova e Monsanto, respetivamente, tinham também idades inferiores a 50 anos (48 e 44), mas o seu falar foi igualmente considerado característico dos locais em questão.

3.1 Recolha de dados

3.1.1. Entrevistas

3.1.1.1. Estrutura das entrevistas

Todas as entrevistas foram conduzidas pela autora do presente estudo e realizadas respeitando a privacidade total do informante. Os informantes foram informados acerca do objetivo da entrevista que lhes iria ser feita, aceitando de imediato participar na mesma. Todas as entrevistas decorreram em locais fechados, isolados de terceiros e de possíveis interrupções, tais como residências particulares e estabelecimentos comunitários. De salientar ainda que as entrevistas foram realizadas em momentos de descanso e lazer, e durante diferentes alturas do dia, consoante a disponibilidade do informante. Os temas abordados respeitaram os temas típicos tratados em estudos de variação linguística: atividades tradicionais, festas regionais e acontecimentos da vida pessoal de cada informante. Todas as entrevistas foram conduzidas no sentido de se obterem registos de língua informais, o mais aproximados possível daquilo que é produzido pela camada jovem portuguesa. Ademais, os informantes foram informados do carácter informal e espontâneo que, idealmente, a entrevista teria de ter, ficando, dessa forma, à vontade para o seguimento da mesma. Para a gravação, utilizou-se o gravador próprio de um iPhone 13 Mini. No total, e dado o número de informantes, foram recolhidos 8 minutos e 17 segundos de gravação, um número que, apesar de limitado, não impossibilitou a análise pretendida. Não houve quaisquer impedimentos para a audição das gravações, quer de parte técnica, quer de parte pessoal. Apesar de dois dos informantes apresentarem perturbações de fala (dislexia), não houve qualquer dificuldade de compreensão. Relativamente à componente tecnológica, não houve quaisquer tipos de falha.

Para a análise das entrevistas, procedeu-se exatamente da forma abordada no capítulo anterior, que se pode ver adiante: fez-se a transcrição dos ficheiros de áudio obtidos, com o cabeçalho correspondente a cada um (com informações como o número da ficha, relativa a cada informante, a localidade, a data, o inquiridor e o assunto) e, em seguida, uma análise em profundidade de cada fenómeno de variação linguística observado. Ao contrário dos ficheiros de áudio já analisados, os do presente capítulo não apresentam um título, que nos ficheiros de áudio anteriores estava disponível na própria plataforma (MADISON), pelo que se atribui a cada um o número da ficha correspondente.

3.1.1.2. Caracterização dos informantes

Para a realização das entrevistas, procurou-se que os informantes fossem ao encontro das características pedidas para a realização do inquérito. Posto isto, os

informantes não deveriam ter idades inferiores a 18 anos, nem superiores a 40, e deveriam ser naturais de um dos municípios da Beira Baixa: Castelo Branco, Covilhã, Fundão, Idanha-a-Nova, Penamacor, Vila Velha de Ródão, Pampilhosa da Serra, Mação, Proença-a-Nova, Oleiros, Sertã e Vila de Rei. Para a recolha de dados sociolinguísticos, elaborou-se uma ficha de identificação na qual se pediam informações como a idade, o sexo (que não havia sido pedido para o questionário, porém, considerou-se para as entrevistas, uma vez que é utilizada a voz dos participantes), a localidade de nascença, a localidade de residência, o tempo residido na localidade atual, o nível de escolaridade, a naturalidade de parentes próximos, como pais e irmãos, línguas estrangeiras faladas, experiências vividas que pudessem contribuir para o retrato pessoal e perturbações de fala. A estrutura da ficha está disponível e pode ser consultada no Anexo.

Assim, num total de 5 informantes, o número entre homens e mulheres é desproporcional: dois homens e três mulheres; as idades variam entre os 19 e os 25 anos; as localidades de nascimento são várias, entre Idanha-a-Nova, Penha Garcia e Leiria; as localidades de residência são igualmente variadas, tais como Idanha-a-Nova, Castelo Branco, São Miguel d'Acha e Coimbra; os níveis de escolaridade variam entre Ensino Secundário e Mestrado; as línguas estrangeiras mais comuns são o Inglês e o Espanhol. Por sua vez, as ocupações profissionais variam bastante e têm aqui enorme relevância: as informantes das Fichas 1 e 4 são estudantes, a informante da Ficha 2 é psicóloga, o informante da Ficha 3 é contabilista e o informante da Ficha 5 é auxiliar de eletricitista, cenários, portanto, muito distintos e que certamente influenciam o repertório linguístico de cada um.

Relativamente às experiências vividas que contribuam para o retrato linguístico dos informantes, que constitui um dado sociolinguístico de destaque para a análise que se pretende, a informante da Ficha 1 entende que o contacto com naturais do Norte e do Alentejo contribuiu para o seu léxico e para a forma como pronuncia determinadas palavras; a informante da Ficha 2 tem a mesma percepção, mas acrescenta o contacto com naturais dos Arquipélagos da Madeira e dos Açores, bem como o contacto próximo com a mãe, que é natural do Porto; o informante da Ficha 3 assinala a relação próxima com amigos do distrito da Guarda e idas frequentes a territórios espanhóis; a informante da Ficha 4 afirma que o contacto com pessoas do Norte do país influencia o seu retrato linguístico ao nível do léxico; e o informante da Ficha 5 encontra-se num relacionamento amoroso com uma pessoa de nacionalidade cubana e afirma que a convivência com a mesma influencia, por vezes, e devido aos seus hábitos, a forma como pronuncia determinadas palavras.

Quanto a perturbações de fala, como disfluência e dislexia, apenas os informantes das fichas 4 e 5 apresentem dislexia e afirmam ter sido seguidos por profissionais de terapia da fala. Os restantes informantes não apresentam qualquer distúrbio ao nível da linguagem. Os dados relativos aos informantes podem ser consultados na Tabela 12, em Anexo.

3.1.2. Questionário (lexical)

3.1.2.1. Estrutura do questionário

O questionário lexical teve por base os itens lexicais estudados por Lindley Cintra na sua obra *Estudos de Dialectologia Portuguesa* (1983), abordados no Capítulo 1, e os itens lexicais extraídos das transcrições realizadas dos excertos de áudio retirados da plataforma MADISON, no Capítulo 2.

Dessa forma, o questionário apresenta três questões distintas: na primeira, pede-se ao participante que selecione o item lexical (variantes apresentadas por Lindley Cintra) que considera corresponder aos elementos em destaque, elementos esses «*Extrair o leite*», «*(Fêmea) estéril*», «*Cria da ovelha*» e «*Cria da cabra*»; na segunda, pede-se ao participante que selecione, dos pares de itens lexicais apresentados (*palmada/açoite*, *migas/açorda*, *enxada/alferce*, *travesseira/almofada*, *romaria/arraial*, *obrigado/a/bem-haja*), o item lexical que lhe é familiar, ou, no caso de conhecer as duas opções, o que mais utiliza; na terceira, pede-se ao participante que indique, através de resposta curta, o significado que atribui aos itens lexicais apresentados («*Machos*», «*Ranchada*», «*Acartar*», «*Gadanha*», «*Acalcar*» e «*Debulhar*»), deixando o espaço de resposta em branco caso os desconheça. As duas primeiras questões eram de carácter obrigatório; apenas a última era opcional, uma vez que o participante tinha a opção de deixar a sua resposta em branco, caso desconhecesse os itens lexicais apresentados.

O questionário foi divulgado através de plataformas digitais várias. Devido ao curto espaço de tempo disponível para a difusão e análise do mesmo, optou-se por se abrir o questionário a respostas por apenas três dias. Apesar da limitação do tempo, recolheram-se, no total, cento e vinte e três respostas. Treze das respostas obtidas foram anuladas por apresentarem idades superiores à pedida, deixando para análise um total de cento e dezanove respostas. De forma a preservar a qualidade e honestidade de resposta, exigiu-se aos participantes a apresentação de um *e-mail* válido, de forma a poder avançar para o questionário, ainda que a sua identidade (nome e sexo) não fosse pedida, por razões de privacidade.

3.1.2.2. Caracterização dos informantes

Devido ao generoso número de respostas obtidas, considerou-se a elaboração de gráficos representativos das informações relativas à idade, naturalidade, local de residência, escolaridade e línguas estrangeiras dos participantes, visto serem fatores de destaque no que toca à variação linguística. Dessa forma, o presente estudo analisará a mudança linguística observada em função dos dados sociolinguísticos pedidos pela investigadora e inseridos pelos participantes. Assim sendo, o preenchimento destes dados fora de carácter obrigatório, com exceção das línguas estrangeiras.

Posto isto, os informantes teriam de ser naturais ou residir num dos seguintes municípios pertencentes à Beira Baixa já mencionados. Os locais de naturalidade e de residência foram vários, mas Castelo Branco e Idanha-a-Nova destacaram-se em ambos (possivelmente devido ao facto de o núcleo de divulgação da investigadora ser natural ou residente em Castelo Branco ou Idanha-a-Nova). Houve ainda respostas não especificadas, como «Portugal», «Portuguesa», «Brasileiro», «França» e «aldeia», talvez por incompreensão do próprio participante (confusão entre nacionalidade e naturalidade). A idade mínima para o preenchimento do questionário fora 18 anos e a máxima 40. Houve, pelo menos, um participante para todo o intervalo de idades pedido. A idade mais comum fora 23 anos, com quatorze participantes. Dos níveis de escolaridade, desde o 1.º ciclo ao Doutoramento, apenas esses dois, precisamente, não obtiveram qualquer seleção. O nível de escolaridade selecionado com mais frequência foi Licenciatura, com quarenta e três participantes. Relativamente à questão sobre línguas estrangeiras, de carácter opcional, obtiveram-se 87 respostas, sendo a língua com maior representação o Inglês, com setenta e um participantes, seguido do Espanhol, com cinquenta e dois participantes. Destaque-se, claro, o desnível relativamente aos locais de naturalidade e residência, bem como os níveis de escolaridade, dois dos dados onde se verifica maior desigualdade relativamente ao número de participantes, pelo que a análise ficará bastante condicionada a falantes licenciados e naturais e/ou residentes de Castelo Branco e Idanha-a-Nova.

Em seguida, apresentam-se os gráficos representativos dos dados sociolinguísticos supracitados: idade, naturalidade, local de residência, escolaridade e línguas estrangeiras. Para a elaboração dos mesmos, utilizou-se o programa informático *Microsoft Excel*.

Idades

■ N.º de falantes por idade

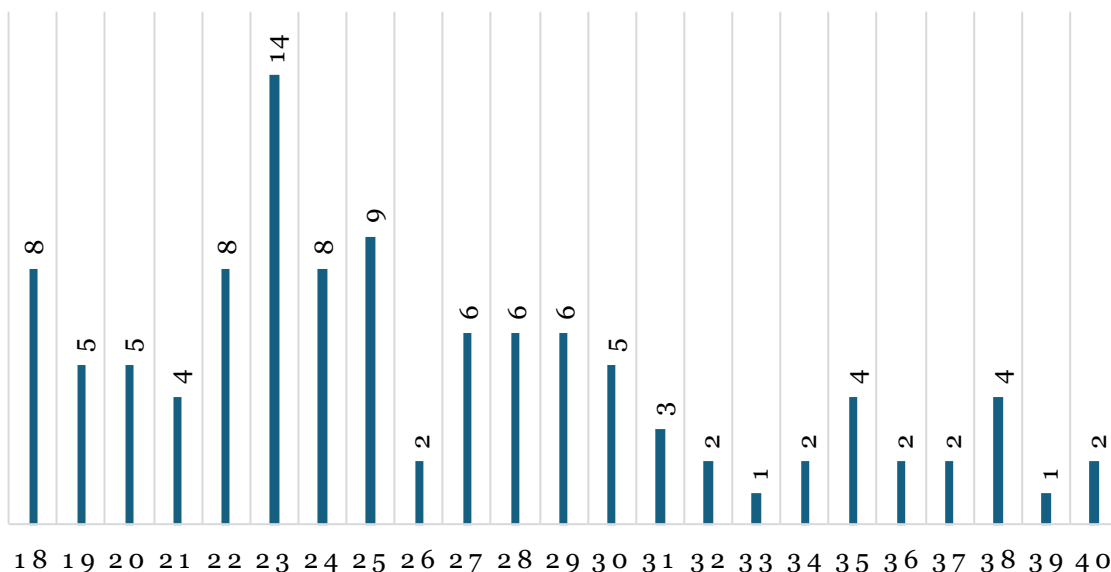


Gráfico 1 – Idade dos participantes

Naturalidade

■ N.º de participantes por naturalidade

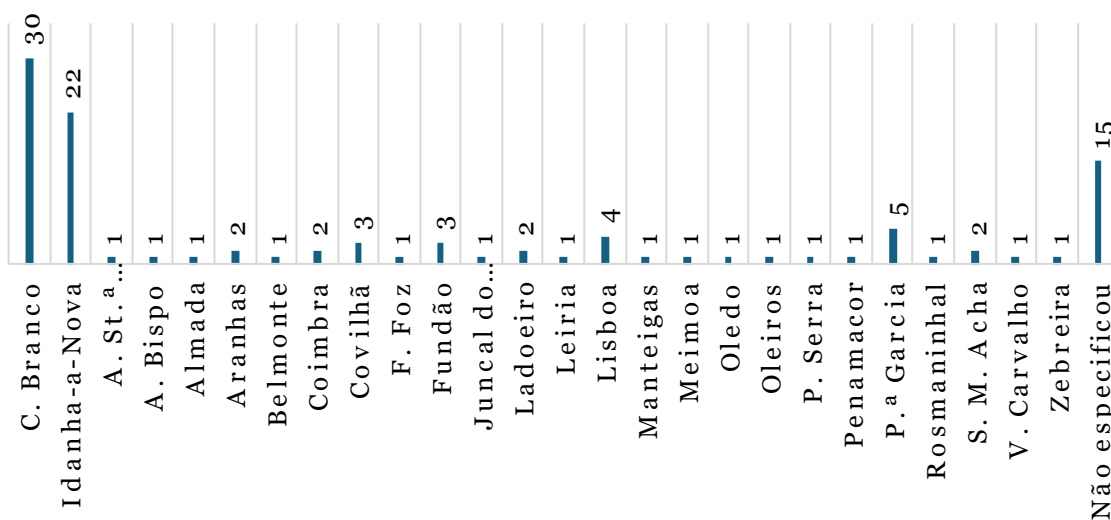


Gráfico 2 – Naturalidade dos participantes

Local de residência

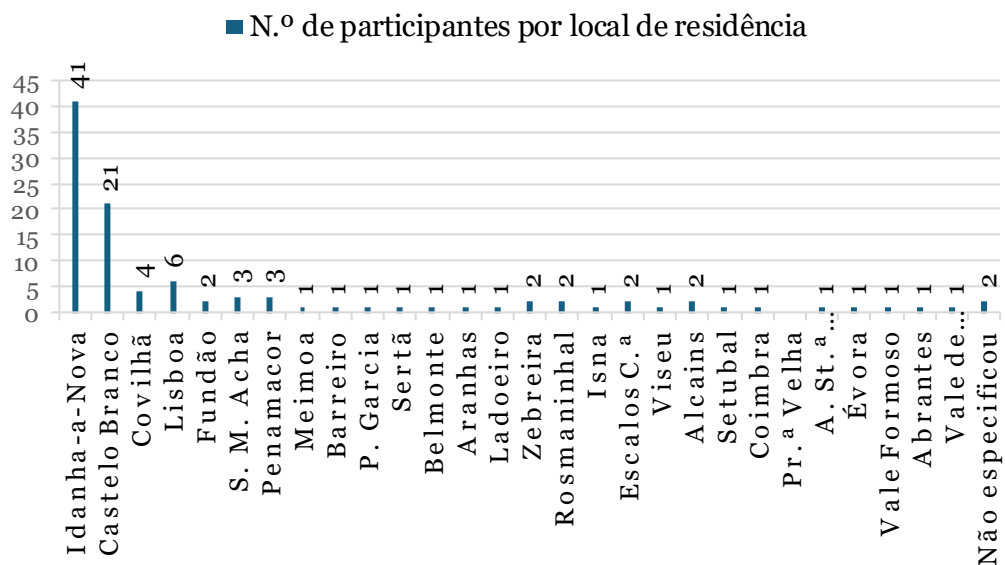


Gráfico 3 – Local de residência dos participantes

Escolaridade

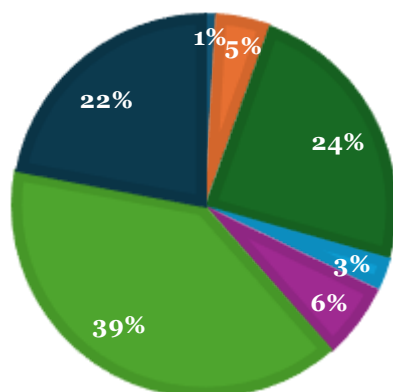
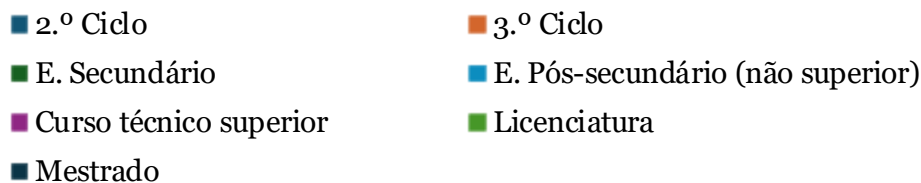


Gráfico 4 – Escolaridade dos participantes

Línguas estrangeiras

■ Inglês ■ Espanhol ■ Francês ■ Alemão ■ Norueguês ■ Italiano ■ Nenhuma

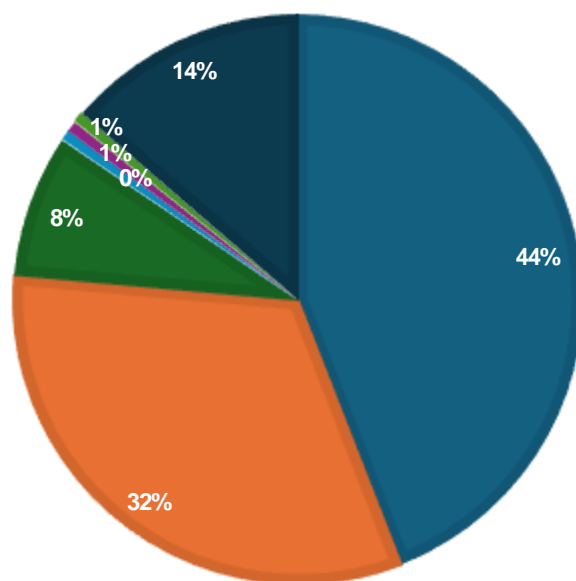


Gráfico 5 – Línguas estrangeiras faladas pelos participantes

3.2. Transcrição ortográfica das entrevistas

3.2.1. Ficha 1

Localidade: Idanha-a-Nova Distrito: Castelo Branco	Concelho: Idanha-a-Nova Data: 07/2024
Informante1: Ficha 1 Idade: 25	Sexo: F Escolaridade: Ensino Secundário
Fonte: Gravação própria Inquiridor1: Joana Pires	
Assunto: Rotina diária	

INQ1 Como é que é o teu dia? O que é que costumás fazer?

INF1 Bem... Depende dos dias... Eu {PH|'so=sou} estudante universitária e de momento só {IP|'to=estou} a fazer cadeiras em atraso [AB|e], ou seja, não tenho / o horário totalmente preenchido. Tenho aulas segundas, quartas e quintas, ou seja, segundas, quartas e quintas, levanto-me de manhã, tenho aulas às nove, {PH|'vo=vou] {CT|'paz=para as} aulas. Depois costumo também ter aulas de condução, porque ainda {IP|'to=estou} a tirar a carta... // e nos dias /

livres, costume {IP|'tar=estar} em casa, estudar, o que não é maioritariamente verdade, porque eu não estudo assim tanto... Hahaha. Costumo jogar / {FR|płɛjs'tejfɛni=Playstation}. Muitas vezes converso com o meu namorado / por chamada porque {IP|'tɛmuʃ=estamos} num relacionamento à distância, ele é de Campo Maior, é alentejano. 'Pronto', basicamente é isso. Outras vezes saio, {PH|'vo=vou} a festas, apanho bebedeiras... E é basicamente isso, é isso que eu faço.

3.2.2. Ficha 2

Localidade: Penha Garcia
Distrito: Castelo Branco

Concelho: Idanha-a-Nova
Data: 08/2024

Informante: Ficha 2
Idade: 23

Sexo: F
Escolaridade: Mestrado

Fonte: Gravação própria
Inquiridor: Joana Pires

Assunto: Festas populares

INF1 Nas festas de Penha Garcia, costumamos / ir por volta das dez da noite **ver o [RP|o] conjunto a atuar**. Depois, há sempre um {FR|di'dʒɛj=DJ}, a partir das duas da manhã. **A malta junta-se toda**, mesmo o pessoal que vem de Lisboa, as pessoas que vêm / 'pronto', de várias zonas do país, que têm ali alguma ligação à terra, juntam-se todas, festejam, aproveitam aqueles dias de verão, vão às piscinas naturais... 'Pronto', há sempre muito fluxo de gente nessas alturas, nem parece uma [RP|uma] aldeia, parece até uma vila, uma cidade, porque, realmente, a aldeia fica irreconhecível. Depois, também temos muitos recursos naturais: temos a piscina natural, que é o pego, temos a barragem, temos a rota dos fósseis, ou seja, é uma aldeia / [AB|com muitas] / com muitas coisas {CT|'prɛ=para} [RP|{{CT|'prɛ=para}}] se fazer. Até costumam ter atividades como rapel, escalada **[som exterior]**, ou seja, é incrível a [RP|a] minha aldeia e [RP|e] eu tenho muito orgulho de pertencer onde pertenço. São as minhas raízes, espero mantê-las / para sempre e nunca deixar de ir lá, e / [AB|e te-] e também tenho lá os meus pais e os meus avós e são uma ligação. / Isso é algo que me liga muito à aldeia e [RP|e] 'pronto'.

3.2.3. Ficha 3

Localidade: São Miguel d'Acha Distrito: Castelo Branco	Concelho: Idanha-a-Nova Data: 08/2024
Informante1: Ficha 3 Idade: 22	Sexo: M Escolaridade: Licenciatura
Fonte: Gravação própria Inquiridor1: Joana Pires	
Assunto: Caça, costumes	

INF1 'Pronto'... Na caça. O despertador toca por volta das / seis da manhã. Dirigimo-nos até {IP|ɔ=ao} café, onde {IP|'tɛmuʃ=estamos} em convívio com o resto dos caçadores. Tomamos um cafezinho, juntamente com uma ginja ou uma jeropiga, {CT|'pɐ=para} irmos com o estômago mais quentinho e [RP|e] yyyy. De seguida, vamos {CT|'prɔ=para o} campo, vamos buscar os cães, que são os nossos melhores amigos e os nossos ajudantes nesta arte que é a caça, porque, sem eles, / nada era possível. Então, soltamos os cães, preparamos as armas e [RP|e] toca a ir {CT|'pɔ=para o} [RP|{CT|'pɔ=para o}] meio do [RP|do] campo disfrutar de mais uma jornada de caça, onde eu, principalmente, mais o meu pai [/] o meu irmão [/] o meu pai nem tanto, mas eu, mais o meu irmão dedicamo-nos mais à caça da perdiz, o meu pai é mais ao {PH|cw'eɫu=coelho} // e, então, iniciamos a jornada / por aí afora e // lá por volta [AB|da] das doze / recolhemos, voltamos outra vez / até às nossas casas, // portanto, às doze, depois [AB|reu-] reúnem-se os caçadores todos / e fazemos um almoço de convívio / onde bebemos uns copos, onde se conta / as peripécias todas / de [AB|da] [RP|de] cada um [AB|nesta] nessa jornada de caça, umas engraçadas, outras menos engraçadas, / e é assim. A caça é isto. A caça / não é só matar. A caça, essencialmente, é também o convívio / entre grandes amigos [AB|com] que partilham da mesma paixão.

3.2.4. Ficha 4

Localidade: Idanha-a-Nova Distrito: Castelo Branco	Concelho: Idanha-a-Nova Data: 11/2024
Informante1: Ficha 4 Idade: 19	Sexo: F Escolaridade: Ensino Secundário
Fonte: Gravação própria Inquiridor1: Joana Pires	
Assunto: Costumes académicos	

INF1 Olha, bem... Desde que entrei em Coimbra / não saio muito, mas podia sair. Mas não saio. Hahaha. [AB|Também] quando saio, também, [AB|v-] {PH|'vo=vou}, **tipo**, é só uns três amigos, também, [AB|não vamos] não são muitos. Depois, fazemos sempre um pré em casa.

INQ1 *Um puré?*

INF1 Um pré.

INQ1 *Um pré?*

INF1 Pré.

INQ1 *Ah! Um..*

INF1 Um pré, **tipo**... Pré-festa, **tipo**, beber e não sei quê...

INQ1 *em simultâneo com «tipo, beber e não sei quê» Sim, sim.*

INF1 E depois vamos sempre [/] damos sempre uma volta pelos bares, fazemos um «rally tascas», é como se chama lá. Acho que aqui também é.

INQ1 *Hum, hum.*

INF1 Não sei. Vamos yyy a todos os bares, bebemos sempre [AB|um] uns 'shotzitos'. Hahaha.

INQ1 *Sim...*

INF1 Depois, também temos a praxe. Eu não vou muito à praxe, mas no início ia {LX|bué}. Também, aquilo era só joguinhos, também, era só eles / mais a mandar em nós. Não era grande coisa, portanto, desisti de ir. // Depois, assim... [/] madrinhas, não tenho madrinhas.

INQ1 *Ainda...*

INF1 Ainda... Vou pedir, vou pedir. Tenho que ser rápida. Hahaha. {IP|'ta=está} quase a acabar.

INQ1 *Hahaha.*

INF1 O que é que eu mais posso dizer sobre a minha vida académica? De frequências... matéria... Eu gosto [RP|gosto] das matérias, gosto, **tipo**, no geral,

gosto do curso que escolhi. Mesmo, **tipo**, estas matérias do primeiro ano serem mais chatas, e, **‘eh pá’**, assim mais difíceis também, que são as bases, mas {IP|‘to=estou} a gostar. Claramente que há assim professores e outros, mas, também não posso fazer muito.

3.2.5. Ficha 5

Localidade: Idanha-a-Nova Distrito: Castelo Branco	Concelho: Idanha-a-Nova Data: 11/2024
Informante1: Ficha 5 Idade: 21	Sexo: M Escolaridade: Ensino Secundário
Fonte: Gravação própria Inquiridor1: Joana Pires	
Assunto: Rotina diária	

INF1 Ora bem / {PH|‘vovuz=vou-vos} **contar** o meu fim de semana. Então, o meu fim de semana foi esperar que a minha namorada chegasse, ontem à noite. Ela {PH|jĩ‘go=chegou}, fomos jantar os dois. Jantámos. Depois, fomos ter com os meus amigos ao café. **Fomos a beber** umas cervejas, jogar umas cartas, fumar uns cigarrinhos. {IP|ti‘vemuʃ=estivemos} à conversa. Depois, eles foram {CT|‘pɐ=para} uma festa, nós {IP|‘tavemuʃ=estávamos} cansados, fomos {CT|‘pa=para a} cama. Chegámos a casa, vestimos um pijaminha, vimos um filmezinho, depois dormimos. Hoje, de manhã, acordámos, tomámos um banhinho, viemos {CT|‘pɐ=para} casa dos meus avós, almoço de família. {IP|ti‘vemuʃ=estivemos} a comer {LX|borrego}. Almoçámos. // **‘Pá’**, {IP|ti‘vemuʃ=estivemos} a comer, acabámos há bocado de comer, mas eu agora {IP|‘to=estou} com muitas alergias, tenho que [RP|que] ir {CT|‘pɐ=para} casa, porque isto é no campo, isto é no meio do campo e eu não posso {IP|‘tar=estar} aqui. {LX|iá}, e agora {PH|‘vo=vou} {CT|‘pɐ=para} casa, {PH|‘vo=vou} tomar um banhinho, dormir uma sesta.

INQ1 *Hahaha.*

INF1 Depois de dormir a sesta, {PH|‘vomi=vou-me} **arranjar** e {PH|‘vo=vou} ter uma churrascada com os meus amigos, na casa dum amigo meu, {PH|‘vo=vou} lá jantar. Depois, temos uma festa. **Vamos a ver** o Saúl. É um / [RP|um] cantor de pimba. Depois tem {FR|di‘dʒɛjʒ=DJs} e assim. **Vamos a ver**, beber uns copos também. **‘Pá’**, {LX|iá}, depois, vamos {CT|‘pɐ=para} casa, dormimos. Amanhã já é domingo.

INQ1 *Hahaha.*

INF1 A minha namorada vai voltar à terra dela. Terra dela, não. Onde ela estuda, que ela estuda na Covilhã. {PH|'vo=vou metê-la ao autocarro, ou o meu pai vai lá metê-la, porque eu ainda não tenho a carta.

INQ1 *Hahaha.*

INF1 E depois saímos. Eu agora / fiquei desempregado, porque eu trabalhava / como ajudante de electricista, mas agora já [/] despedi-me agora há dois dias, porque {PH|'vo=vou} entrar noutra novo trabalho, 'eh pá' e é assim.

3.3. Análise dos dados obtidos

Para a análise fonética, morfossintática e lexical, ter-se-ão em conta todos os fenómenos apontados no Capítulo 2 e que foram considerados como característicos do falar das localidades estudadas. A análise da mudança linguística passará por uma comparação dos fenómenos linguísticos encontrados em ambos os trabalhos de transcrição e nos resultados obtidos no questionário, visando verificar quais os fenómenos que ainda se produzem pela camada jovem e quais já entraram em parcial ou completo desuso. Destaque-se que, apesar de os informantes das fichas 4 e 5 sofrerem de dislexia, não manifestaram quaisquer distúrbios de linguagem ao nível fonético e morfossintático durante a gravação das entrevistas, pelo que não se verificou variação nesse sentido.

3.3.1. Fonética

Dentro da fonética, os fenómenos que mais se destacaram no falar dos falantes da Beira Baixa com idades superiores a 50 anos foram (1) a palatalização de *a* tónico, (2) a labialização do *e* tónico em [œ], (3) o avanço da vogal recuada [ɐ] para vogal não recuada [e], (4) a redução da vogal *i*, (5) a inserção de *i* em posição final de palavra, (6) a palatalização de *u*, (7) a monotongação, (8) a africada palatal surda, e (9) a supressão da fricativa [s] em posição final de palavra. De todos estes fenómenos, pode adiantar-se que os fenómenos (1), (2), (4), (5), (6), (8) e (9) não se verificaram em nenhum dos informantes jovens, o que era expectável, dada a mudança linguística que já se tem verificado e anotado em vários estudos e o próprio contacto que a investigadora tem com falantes das idades mencionadas naturais da zona em estudo.

Em relação ao fenómeno (3), o avanço da vogal recuada [ɐ] para vogal não recuada [e], mais frequente em palavras terminadas em -elho, -elha, -enho e -enha, houve apenas uma ocorrência. O informante da Ficha 3 produz [cw'eɫu] (coelho), ao contrário do que seria expectável na norma-padrão, [cw'ɛɫu].

Relativamente ao fenómeno (7), a monotongação, torna-se claro que o ditongo *ei* deixa de ser monotongado, produzindo-se na íntegra («cadeiras em atraso», «apanho bebedeiras» (INF1); «aproveitam aqueles dias», «a aldeia fica irreconhecível» (INF2); «seis da manhã» (INF3); «entrei em Coimbra» (INF4); «umas cervejas» (INF5)). Da mesma forma, o ditongo *eu*, que no Capítulo 2 foi notado com frequência na produção de pronomes possessivos como *meu*, *teu* e *seu*, deixa de sofrer monotongação, não sendo produzido por nenhum dos informantes («com o meu namorado» (INF1); «tenho lá os meus pais» (INF2); «mais o meu pai», «o meu pai nem tanto», «o meu irmão» (INF3); «o meu fim de semana», «os meus amigos ao café», «dos meus avós» (INF5)). Já o ditongo *ou*, que não teve muita representação no falar dos informantes do Capítulo 2, encontra nesta análise um maior destaque, com a monotongação em todas as produções das formas «vou» e «estou» e ainda alguns itens lexicais. Os informantes das fichas 2 e 3 não apresentam fenómenos desta natureza, uma vez que não produziram nenhuma das formas mencionadas. Vejam-se os resultados na seguinte tabela:

	Produções encontradas
Ficha 1	«Eu {PH 'so=sou} estudante»; «só {IP 'to=estou} a fazer»; «{PH 'vo=vou} {CT 'paz=para as} aulas»; «{PH 'vo=vou} a festas»
Ficha 2	-
Ficha 3	-
Ficha 4	«{PH 'vo=vou}, tipo, é só uns três amigos»; «{IP 'to=estou} a gostar»
Ficha 5	«{PH 'vovu ₃ =vou-vos} contar»; «Ela {PH 'fi go=chegou}»; «{PH 'vo=vou} {CT 'pe=para} casa»; «{PH 'vo=vou} tomar um banhinho»; «{PH 'vomi=vou-me} arranjar»; «{PH 'vo=vou} ter uma churrascada»; «{PH 'vo=vou} lá jantar»; «{PH 'vo=vou} metê-la»; «{PH 'vo=vou} entrar»

Tabela 11 – Monotongação de *ou*

3.3.1.1. Truncação da parte inicial do verbo *estar*

Apesar de não estar apontado na análise realizada no Capítulo 2, um dos fenómenos mais frequentes e que vale a pena destacar é a truncação da parte inicial do

verbo *estar*. Apesar de se verificar também em alguns informantes analisados no Capítulo 2, o fenómeno acontece sem qualquer exceção nas produções obtidas dos informantes jovens. Todos os informantes, sempre que utilizavam o verbo *estar*, truncaram a sua parte inicial, *es-*. Da informante da Ficha 2 não se obtiveram produções desta natureza porque a mesma não produziu qualquer flexão do verbo *estar* em nenhum momento. Vejam-se, na seguinte tabela, os exemplos retirados da análise individualizada dos informantes:

	Produções encontradas
Ficha 1	«{IP 'to=estou} a fazer cadeiras em atraso»; «{IP 'to=estou} a tirar a carta...»; «costumo {IP 'tar=estar} em casa»; «{IP 'temuɣ=estamos} num relacionamento à distância»
Ficha 2	-
Ficha 3	«onde {IP 'tɛmuɣ=estamos} em convívio»;
Ficha 4	«{IP 'ta=está} quase a acabar»; «mas {IP 'to=estou} a gostar»
Ficha 5	«{IP ti'vɛmuɣ=estivemos} à conversa»; «nós {IP 'tavɛmuɣ=estávamos} cansados»; «{IP ti'vɛmuɣ=estivemos} a comer»; «{IP 'to=estou} com muitas alergias»; não posso {IP 'tar=estar} aqui»

Tabela 12 – Truncação da parte inicial do verbo *estar*

3.3.2. Morfossintaxe

No capítulo anterior, da análise morfossintática dos informantes retiraram-se fenómenos como (1) o uso da preposição *a* antecedendo o infinitivo do verbo, (2) do *ele* expletivo, (3) de pronomes clíticos em próclise, (4) de advérbios de lugar em posição pré-verbal e (5) a produção de «a gente» e «ao depois», sendo estes os aspetos de variação morfossintática mais frequentes. Posto isto, podemos afirmar que, na presente análise, os fenómenos (2), (3), (4) e (5) não se verificaram nas produções dos informantes estudados.

Posto isto, apontaram-se com alguma frequência fenómenos de colocação da preposição *a* antes do infinitivo de verbos como *ir* («**Vamos a ver** o Saúl», «**Vamos a ver**» (INF5); «**Fomos a beber** umas cervejas» (INF5)) e *ver* («(«costumamos / ir por volta das dez da noite **ver** o [RP|o] conjunto **a atuar**» (INF1)). No entanto, estas

produções foram esporádicas e não são consideradas um padrão no falar dos informantes em questão. Relativamente ao verbo *ir*, que, no capítulo anterior, teve um papel de destaque neste tipo de variação, vejam-se os exemplos «{PH|'vovu₃=vou-vos} contar», «fomos ter com os meus amigos», «{PH|'vo=vou} ter uma churrascada com os meus amigos», «{PH|'vomi=vou-me} arranjar» (INF5), produções nas quais o informante não colocou a referida proposição, ainda que o tivesse feito nos exemplos acima mencionados. Já os restantes informantes não fizeram uso da preposição *a* antecedendo o infinitivo do verbo com nenhum dos verbos mencionados, o que certamente, poderá ser considerado um fenómeno em mudança.

Não mencionado no capítulo anterior e com alguma relevância nesta análise, é a utilização do termo «tipo» e o valor que este tem. Vejam-se os exemplos produzidos pela informante da Ficha 4 «{PH|'vo=vou}, tipo, é só uns três amigos, também», «Um pré, tipo... Pré-festa», «o [RP|gosto] das matérias, gosto, tipo, no geral». Em todos estes exemplos, a palavra *tipo* pode ser classificada como um marcador discursivo, isto é, uma expressão linguística sem função sintática dentro da frase e sem contributo para o sentido proposicional do discurso, servindo apenas para conectar enunciados, introduzir novos temas e facilitar o contacto entre o locutor e o interlocutor (cf. DGE, 2008: 115). Desta forma, esta utilização do termo «tipo» é semelhante à utilização de marcadores conversacionais ou fáticos, sem o ser concretamente. Já no dicionário Infopédia o termo «tipo» vem definido como «gíria, termo esvaziado de sentido, usado como bordão linguístico» (INFOPÉDIA, 2024: «tipo»). Destaque-se que esta utilização do «tipo» é cada vez mais comum, principalmente em discurso informal, mas também já começa a ser notada em discurso formal, como discursos jornalísticos, reportagens, entrevistas de carácter formal, etc. Esta será, decerto, uma das mudanças linguísticas que se podem notar entre os informantes do Capítulo 1 e os informantes do presente capítulo.

Da mesma forma, produções como «pá» e «eh pá» foram bastante frequentes («e, 'eh pá', assim mais difíceis também» (INF4); «'Pá', {IP|ti'vemu_f=estivemos} a comer», «'Pá', {LX|iá}, depois, vamos {CT|'p_e=para} casa», «'eh pá' e é assim» (INF5)). Estas expressões, que não tiveram representatividade na análise realizada no Capítulo 1, poderão ter o valor de bordão linguístico, servindo para preencher o silêncio entre as diferentes produções dos falantes.

Não obstante, será igualmente interessante analisar algumas construções com verbos auxiliares. Vejam-se os exemplos produzidos pelo informante da Ficha 5, «{PH|'vovu₃=vou-vos} contar» (vou-vos contar) e «{PH|'vomi=vou-me} arranjar» (vou-me arranjar). Segundo gramáticas como a de Cunha e Cintra (1984), em

construções com verbos auxiliares, os clíticos não se associam ao verbo principal, sendo as construções corretas «vou contar-vos» e «vou arranjar-me». Entenda-se:

1. Nas LOCUÇÕES VERBAIS em que o verbo principal está no INFINITIVO ou no GERÚNDIO pode dar-se:

1.º) Sempre a ÊNCLISE ao infinito ou ao gerúndio:

O roupeiro veio interromper-me. (Raul Pompeia, A, 37)

- Que poderá dizer-nos aquele rato de biblioteca? (Aquilino Ribeiro, AFPB, 215.)

Só quero preveni-lo contra as exagerações do Prólogo. (Antero de Quental, C, 314.) [...] (CINTRA & CUNHA, 1983: 314-315)

As exceções para esta construções são, segundo os mesmos autores, quando a locução verbal vem precedida de palavra negativa, quando as orações são iniciadas pronomes ou advérbios interrogativos, quando o verbo principal está no participípio, entre outras (cf. CINTRA & CUNHA, 1983: 315-316). No entanto, os falantes têm vindo a mostrar que, quando o verbo principal se encontra flexionado no infinitivo ou no gerúndio («mostrar» e «arranjar», no caso), o clítico oscila entre a associação ao verbo auxiliar e a associação ao verbo principal. Os autores já o tinham notado, afirmando que pode dar-se ênclise ao verbo auxiliar «quando não se verificam [...] condições que aconselham a próclise» (CUNHA & CINTRA, 1983: 316), dando posteriormente exemplos com verbos flexionados no infinitivo e no gerúndio. É, portanto, curioso notar que, nestas produções, o informante opta por utilizar o clítico no verbo auxiliar. No entanto, dadas as circunstâncias (tempo de gravação limitado), não é possível afirmar que existe um padrão na sua utilização, apesar de se saber que é uma norma alvo de mudança.

3.3.3. Léxico

No que diz respeito aos informantes jovens, a análise lexical terá por base as transcrições realizadas dos mesmos e o questionário anteriormente mencionado, no qual foram testadas variantes previamente abordadas. Ter-se-á, portanto, como suporte, os Mapas 1, 2, 3 e 4, bem como a Tabela 1, elaborados no Capítulo 1. Elaborou-se para todos os itens lexicais estudados um gráfico representativo da seleção dos mesmos, que poderá ser consultado imediatamente a seguir à análise qualitativa dos resultados.

Relativamente à análise das transcrições, apontaram-se apenas duas produções lexicais distintas: «bué» e «iá». Tanto uma como outra não serão surpresa para os estudiosos da língua e da sua variação. O uso de «bué», do quimbundo *mbuwe*, começou a ser utilizado entre os jovens portugueses e foi de tal forma persistente que passou a ser, há já algum tempo, uma palavra dicionarizada. Segundo os dicionários *on-line* Priberam e Infopédia, «bué» pode ser um advérbio ou um quantificador

existencial, sendo o seu significado geral «muito» ou «grande número ou quantidade». A informante da Ficha 3 normalizou o seu uso ao produzir «Eu não vou muito à praxe, mas no início ia **{LX|bué}**». Já a forma «iá», com origens no africânder *ya*, está definida pelos mesmos dicionários como uma forma de exprimir «afirmação, concordância, aprovação», sendo sinónimo de «sim». No entanto, através do uso dado pelo informante da Ficha 5, verificamos que o «iá» tem estado também muito próximo de um bordão linguístico parecido ao «tipo», já analisado. Vejam-se as produções «[...] isto é no meio do campo e eu não posso {IP|'tar=estar} aqui. **{LX|Iá}**, e agora {PH|'vo=vou} {CT|'pɐ=para} casa [...]» e «'Pá', **{LX|iá}**, depois, vamos {CT|'pɐ=para} casa, dormimos». Estas são apenas duas produções que demonstram a variação e, conseqüentemente, mudança linguística entre falantes de idades mais avançadas e falantes jovens, uma variação diacrónica que nos mostra como a língua se encontra em constante mudança, uma vez que os falantes procuram de forma sistemática novas formas de comunicar entre si.

Em seguida, tentou-se aferir, tendo em conta alguns dos itens lexicais estudados por Cintra já abordados, qual das variantes apontadas pelo linguista seria a mais utilizada pelos falantes jovens da Beira Baixa. Posto isto, para a forma «Ordenhar», testada no questionário sob a forma «Extrair o leite», uma vez que a variante apontada pelo linguista para a zona da Beira Baixa é «Ordenhar» (cf. CINTRA, 1983: 62), a variante mais selecionada, com um total de 103 seleções, foi, precisamente, «ordenhar». As variantes «mugir», «mungir» e «mongir», ainda que apenas com 6 seleções, não são desconhecidas aos falantes. O Gráfico 6 demonstra a representatividade das variantes.

Por sua vez, para a forma «(Fêmea) estéril», apresentaram-se todas as variantes abordadas por Cintra. Para a zona da Beira Baixa, esperava-se que a variante mais selecionada fosse «Maninha», como indicado por Cintra (cf. CINTRA, 1983: 71), no entanto, tal não se verificou. A variante «Maninha» foi, a par com as variantes «Capoa», «Forra», «Machia», «Boieira» e «Alfeira», uma das variantes com menos representação. A variante «Sandeira» não foi selecionada por nenhum dos participantes. Com um total de 36 seleções, a variante mais selecionada foi «Machorra», contrariando todas as expectativas. Saliente-se ainda que uma grande parte dos participantes (29) indicou não conhecer nenhuma das opções, o que indica um desconhecimento, provavelmente cada vez mais comum, de todas as variantes indicadas, e uma clara mudança linguística. O Gráfico 7 expressa a representatividade para cada uma das variantes selecionadas.

Para a forma «Cria da ovelha», é evidente que a variante «Anho» não tem representação na zona da Beira Baixa, tal como se esperava. «Borrego» foi a variante

mais selecionada, com um total de 86 seleções, tal como já indicava Cintra (cf. CINTRA, 1983: 76). «Cordeiro», ainda que não seja desconhecida, apenas foi selecionada por 20 participantes. Depreende-se, desta forma, que a variante mais utilizada pelos falantes jovens da Beira Baixa é «Borrego». O Gráfico 8 demonstra a representatividade de ambas as variantes.

Por último, a forma «Cria da cabra» assemelha-se bastante com o descrito para a forma «Cria da ovelha» em termos numéricos. Contrariando o expectável, foram 84 os participantes que selecionaram a variante «Cabrito» e apenas 21 os que selecionaram «Chibo», o que contesta claramente o descrito por Cintra, que afirma ser «Chibo» a variante mais utilizada na zona da Beira Baixa (cf. CINTRA, 1983: 81). Verifica-se, portanto, uma mudança linguística por parte dos falantes jovens. O Gráfico 9 evidencia esta representação.

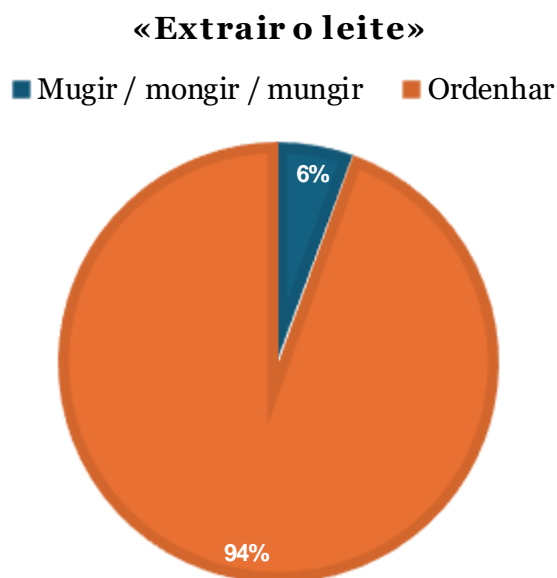


Gráfico 6 – Representação de variantes da forma «Extrair o leite»

«(Fêmea) estéril»

■ . ■ Alfeira ■ Boieira ■ Capoa ■ Forra ■ Machia ■ Machorra ■ Maninha

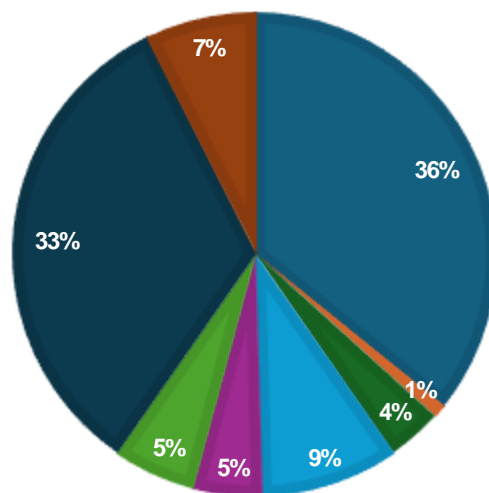


Gráfico 7 – Representação de variantes da forma «(Fêmea) estéril»

«Cria da ovelha»

■ . ■ Anho ■ Cordeiro ■ Borrego

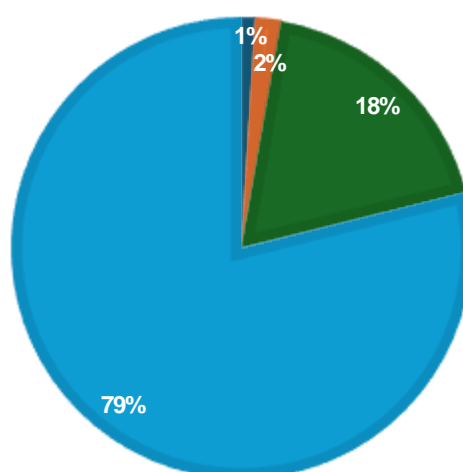


Gráfico 8 – Representação de variantes da forma «Cria da ovelha»

«Cria da cabra»

■ Chibo ■ Cabrito

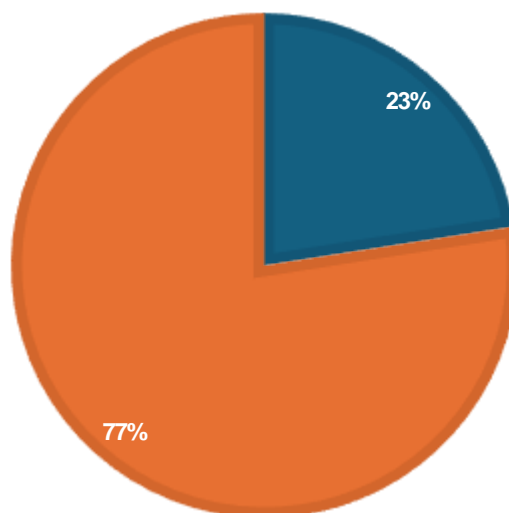


Gráfico 9 – Representação de variantes da forma «Cria da cabra»

Num segundo momento, o objetivo fora perceber, através de pares de itens lexicais, qual das opções dadas seria a mais utilizada pelos falantes. Os itens lexicais escolhidos, abordados no Capítulo 1, partindo do *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* de Antenor Nascentes e do artigo «A propósito de áreas lexicais no território português (algumas reflexões acerca do seu condicionamento)» de Orlando Ribeiro, foram «Palmada/Açoite», «Migas/Açorda», «Enxada/Alferce», «Travesseira/Almofada», «Romaria/Arraial» e «Obrigado/a/Bem-Haja», este último analisado por Brissos (cf. BRISSOS, 2011: 168). Posto isto, e não havendo quaisquer dados que indiquem qual dos itens lexicais é mais comum na área em estudo, os participantes, através das suas respostas, indicam-nos que as variantes «Palmada», «Migas», «Enxada», «Almofada», «Romaria» e «Obrigado/a» são as mais comuns aos falantes jovens naturais ou residentes na zona da Beira Baixa, com noventa e cinco, sessenta e nove, cento e seis, noventa, oitenta e seis e sessenta e três seleções, respetivamente. No entanto, sublinhe-se que todas as outras variantes foram selecionadas, umas em muito maior número do que outras, pelo que não são desconhecidas a uma parte dos falantes. Destaque-se ainda que, contrariando o que Brissos (2011) afirma, a variante «Bem-haja», ainda que bem reconhecida pelos falantes (com 46 seleções), está longe de ser a mais utilizada pelos falantes jovens. No Gráfico 10 encontram-se representadas todas as variantes mencionadas.

Variante lexical mais utilizada

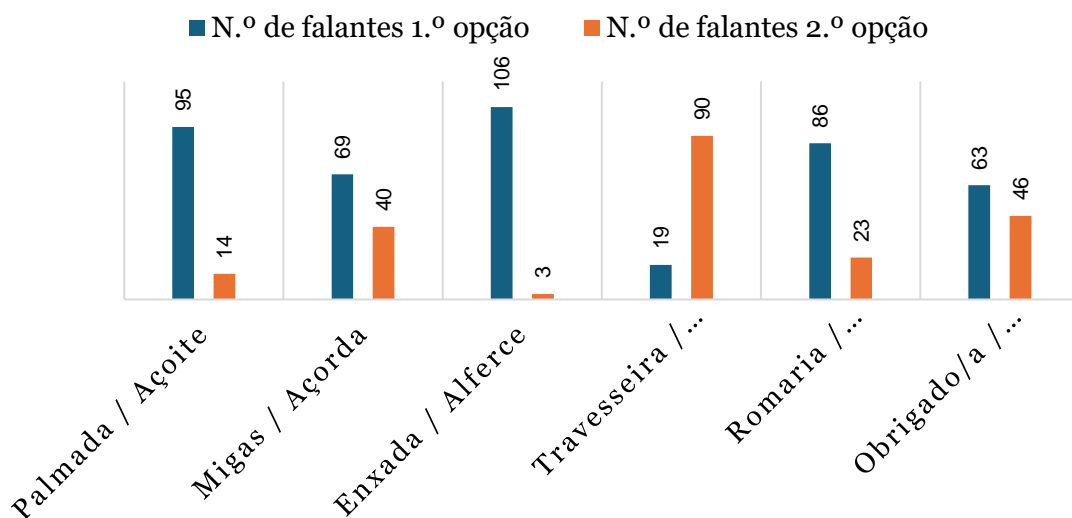


Gráfico 10 – Representação dos pares de itens lexicais

Num terceiro momento, tentou-se determinar se os falantes jovens da Beira Baixa conhecem ou utilizam as variantes lexicais apresentadas, e em que contextos: «Machos», «Ranchada», «Acartar», «Gadanha», «Acalcar» e «Debulhar», apenas algumas das variantes lexicais analisadas nos ficheiros de áudio transcritos no capítulo anterior. Para tal, pediu-se que indicassem o significado que atribuem às mesmas, deixando o espaço de resposta em branco caso não conhecessem as formas.

Ora, a variante «Machos» é interpretada pelos informantes analisados nos ficheiros de áudio transcritos no Capítulo 2 como «burros» ou «bois», ou seja, «Machos» indica um animal de pasto. Dadas as respostas obtidas no questionário, de naturezas várias, uma vez que teriam de indicar o significado através de resposta curta, «Machos» foi interpretado pelos falantes como um equivalente de «Sexo masculino» (trinta e uma respostas), «Homens» (vinte e sete respostas), «Animais do sexo masculino» (quatorze respostas), «Burros» (nove respostas), «Cavalos» (duas respostas) e «Bois» (uma resposta). Os restantes participantes deixaram a questão em branco, o que indica que, possivelmente, não reconhecem o significado que a variante poderá compreender.

A variante «Ranchada», com um total de apenas dezanove respostas, indica ser uma variante já pouco utilizada pelos falantes jovens. «Ranchada», no contexto em que foi utilizada nos ficheiros de áudio analisados, designa um «grupo numeroso de pessoas» e era essa a resposta que se esperava obter. Das dezanove respostas, apenas onze lhe atribuíram esse significado. Outras interpretações foram feitas, como

«Almoçarada», «Rancho», «Fenda», «Ribeira», «(Lenha) cortada», «Conjunto de animais» e «(Algo) partido». No entanto, não têm representação significativa.

Por sua vez, a variante «Acartar» parece ser ainda conhecida e bastante utilizada pelos falantes jovens. A forma foi utilizada pelos falantes analisados no capítulo anterior como uma variante de «carregar» ou como «o ato de levar de um lado para o outro». Ao analisarmos as respostas obtidas, verificamos que continua a ser esse o significado atribuído pelos jovens falantes ao verbo. Assim, atribuíram-se formas equivalentes a «Levar» (cinquenta e cinco respostas) e «Carregar» (trinta e nove respostas), sendo estas as respostas com maior representação. Outros significados foram atribuídos, como «Aceitar ordens», «Arrumar» e «Guardar», porém, sem valor significativo.

A variante «Gadanha», utilizada pelos informantes analisados como designação de uma ferramenta agrícola, teve respostas várias: trinta e cinco participantes deixaram a questão em branco, o que indica desconhecimento por parte dos mesmos; «Foíce», «Ferramenta agrícola» e formas semelhantes foram a resposta mais frequente, inserida por quarenta e cinco participantes, seguidas de «Cabelo» (seis respostas), «Unhas» (seis respostas) e «Colher» (quatro respostas). Houve ainda interpretações sem representação significativa, como «Ovelha», «Fogueira», «Corte», «Panela», «Bofetada» e «Confusão».

Por seu turno, a variante «Acalcar», sem dúvida a mais popular entre os falantes jovens, fora utilizada pelos informantes anteriores como verbo sinónimo de «pisar» ou «esmagar», tendo sido precisamente esses os significados dados pelos participantes: a forma «Pisar» e semelhantes foram utilizadas por sessenta e sete participantes, seguida de «Esmagar», com nove respostas. Outros significados foram atribuídos, porém, sem representação: «Tocar», «Tranquilizar» e «Apalpar». Destaquem-se ainda as doze respostas em branco, que indicam relativo desconhecimento.

Por último, a variante «Debulhar» destaca-se como uma das menos populares entre os falantes, com um total de trinta e uma respostas em branco. No entanto, tendo sido utilizada pelos informantes como uma variante sinónima de «descascar» ou «desfolhar», também os falantes jovens parecem interpretá-la como tal. A resposta mais frequente foi, precisamente, «Desfolhar» (trinta e duas respostas), «Descascar» (trinta e uma respostas) e semelhantes. Houve ainda quem interpretasse o termo como uma variante de «Triturar», «Milho», «Comer», «Escolher», «Cortar», «Falar», «Ceifar» e «Malhar», no entanto, sem qualquer representação.

Considerações finais

Finalizada a análise das variações e mudanças fonética, morfossintática e lexical relativamente aos traços distintivos do falar da Beira Baixa, e ainda que a mesma tenha ficado condicionada a alguns fatores externos, poder-se-á assinalar que muitos dos fenómenos já documentados por Leite de Vasconcelos e Lindley Cintra, permaneceram no falar da Beira Baixa até, pelo menos, aos finais do século XX.

Com as entrevistas levadas a cabo pela investigadora, tomou-se nota de que, em relação à fonética:

- (i) a palatalização de *a* tónico, um dos fenómenos destacados no falar dos informantes da primeira análise, e que só não se verificou na localidade de Isna, deixa de ser produzido pelos falantes jovens;
- (ii) o avanço de [ɐ] para [e] continua a produzir-se pelos falantes jovens, sendo produções como [o'reɫɐ] e [o'veɫɐ] habituais entre os mesmos;
- (iii) a palatalização de *u*, o fenómeno considerado pelos dois linguistas como o mais comum no falar da Beira Baixa e que esteve presente em todas as localidades estudadas, deixa de ser produzido pelos falantes jovens;
- (iv) a monotongação, uma das características mais marcadas do falar da zona, e, em especial, a monotongação de *ei* e *eu* (as mais frequentes) deixam de ser produzidas pelos falantes jovens; em contrapartida, o ditongo *ou* continua a ser monotongado em [o], não tendo havido nenhuma produção de [ow];
- (v) a africada palatal surda, também bastante frequente na primeira análise, perde toda a sua representação, não havendo qualquer produção da mesma por parte dos falantes jovens;
- (vi) a supressão de [s] em posição final de palavra deixa de acontecer com a frequência obtida da primeira análise; a investigadora reconhece, no entanto, que, apesar de não se ter verificado nas entrevistas realizadas, o fenómeno, mesmo que esporádico, ainda se encontra no falar dos jovens;

Em relação à morfossintaxe, cuja análise dependeria dos tópicos abordados e da própria condução da conversa, regista-se, num primeiro momento, que o uso da preposição *a* antecedendo o infinitivo do verbo é ainda bastante regular na oralidade dos jovens. Quanto aos restantes fenómenos apontados, como o uso de *ele* expletivo, de pronomes clíticos em próclise, de advérbios de lugar em posição pré-verbal e do uso de «a gente» e «ao depois», que não tiveram qualquer produção nas entrevistas, não será impossível encontrá-los em conversas espontâneas entre jovens; nesse sentido,

destaque-se o pronome «a gente», ainda bastante utilizado pelos jovens da zona em estudo.

Quanto ao léxico, destacam-se duas variantes comuns aos falantes jovens e que não foram produzidas, em momento algum, pelos informantes analisados no Capítulo 2: «bué» e «iá». No que toca à variação lexical abordada em Cintra (1983) e avaliada através do questionário mencionado anteriormente, observou-se que, contrariando o expectável, a forma «maninha» deixou de ser a mais utilizada pelos falantes, sendo «machorra» a opção mais escolhida; ainda assim, a maior parte dos falantes demonstrou não conhecer nenhuma das opções; da mesma forma, «chibo» contrariou todas as expectativas, sendo «cabrito» a opção mais escolhida pelos falantes. Já a forma de agradecimento abordada em Brissos (2011), «bem-haja», demonstra continuar em uso, mas em constante conflito com a variante da norma-padrão «obrigado/a».

Não obstante, não se poderá falar de norma-padrão sem mencionar o papel, talvez exagerado, que a gramática normativa tem na sociedade e na própria língua. A gramática normativa é frequentemente percebida como autoridade no uso correto da língua, especialmente em contexto de ensino e aprendizagem. No entanto, é importante deixar claro que essa perceção não reflete a complexidade e a diversidade linguística de uma comunidade falante. De facto, a gramática normativa não passa de uma variedade limitada da língua, estando muito longe de ser a língua num todo. A língua é muito mais rica e diversificada do que a norma-padrão poderá querer mostrar. A língua é um organismo vivo, em constante evolução (como podemos comprovar pela análise), moldada por fatores históricos, sociais e culturais, incluindo não só dialetos regionais, como também socioletos, gírias e variações individuais, porque, no final de contas, cada falante fala como entende que deve falar.

A gramática normativa tende a fixar uma versão idealizada da língua, muitas vezes baseada em textos literários e no uso de falantes prestigiados social e culturalmente. Essa fixação poderá levar à perceção de que os fenómenos de variação da língua são erros ou desvios, desvalorizando-os. Cabe aos linguistas desconstruírem essa perceção, observando e descrevendo como a língua é realmente utilizada pelos falantes nos mais variados contextos, havendo, dessa forma, uma abordagem inclusiva. As variações fonética, morfossintática e lexical observadas no presente estudo permitem apreciar a riqueza da língua portuguesa. A mudança que se vem verificando com o passar dos anos demonstra, também, a riqueza da língua portuguesa. A riqueza dum língua está, precisamente, no facto de não ser falada de igual modo por todos os falantes. A língua é um fenómeno dinâmico, multifacetado e influenciado por diversos aspetos. Todas as suas variedades são igualmente válidas e deverão ser estudadas, pois cada uma delas contribui de diferente forma para o entendimento da língua como um

todo. A língua existe, tal como ela é, porque os falantes o permitiram. Fernando Venâncio, proeminente linguista português, assim o afirmou:

E é já proverbial aquele dito de, para um linguista, as línguas não existem. Não é um paradoxo, não é uma pose. Melhor do que ninguém, os linguistas sabem quanto de aleatório e artificial entra no identificar de certa variedade linguística como língua. Na verdade, é língua aquilo que os seus falantes conseguiram que fosse promovido a tal. Os portugueses conseguiram-no e dizem-se muito felizes. Isto ocorre, de resto, a cada dia que passa. [...] (VENÂNCIO, 2020: 16)

A mudança linguística é, portanto, um fenómeno que ocorre com naturalidade ao longo do tempo e é, em parte, graças a ela que hoje se fala em diversidade linguística. Fazendo esta dissertação parte do Mestrado em Estudos Lusófonos, é impossível não mencionar, por exemplo, a variedade brasileira, que tanto se transformou. Aquando dos Descobrimentos, sabe-se que os povos indígenas do Brasil tinham (e têm) as suas próprias línguas, e essas, apesar de se ter imposto uma língua completamente desconhecida, o português, não foram extintas. As línguas da família tupi, por exemplo, sobreviveram, sendo mais tarde gramaticalizadas pelos Jesuítas (cf. Teyssier, 1997: 62), tornando-se o tupi língua geral, falado pela maior parte da população, ou seja, entre duas ou mais comunidades indígenas e entre comunidades indígenas e portugueses. Durante muito tempo, o português e o tupi viveram juntos, em simultâneo (cf. Teyssier, 1997: 63). No entanto, os portugueses não deixaram de ser os dominadores e os povos indígenas os dominados. Como seria de esperar, a língua do dominador venceu. Posto isto, e não só, a convivência com as línguas indígenas (tal como as africanas e as línguas dos imigrantes) influenciou a evolução da língua portuguesa falada no Brasil, o que resultou em diversas características próprias, como vocabulário distinto, fenómenos fonéticos variados e inúmeras diferenças ao nível da gramática, desde a sintaxe até à semântica. O mesmo aconteceu nos países africanos cuja língua oficial é o português (PALOP). A influência das línguas africanas nativas, a história colonial e os contextos sociopolíticos de cada uma das nações contribuíram para a enorme diversificação linguística que hoje se verifica. Vejam-se os exemplos de Angola, onde o português tem fortes influências de línguas como o Kimbundo e o Umbundo, e de Cabo Verde, onde os crioulos influenciam significativamente o português local.

Ainda, é curioso notar a forma como certas características, sejam elas fonéticas, sintáticas ou lexicais, que eram comuns em gerações passadas, desaparecem gradualmente, dando lugar a novos padrões de fala. Com o presente estudo, verificou-se uma série de mudanças fonéticas no falar de jovens da Beira Baixa, onde aspetos como a palatalização do *a* tónico, a palatalização de *u* e a africada palatal surda já não são predominantes. Não será correto afirmar que se extinguíram, porque certamente

ainda serão produzidos por um determinado número de falantes, mas serão, decerto, menos frequentes do que eram nos finais do século XX.

Todas estas mudanças representam um novo estágio na evolução da língua portuguesa, no geral, e no falar da Beira Baixa, em particular, estágio esse influenciado por uma variedade de fatores, incluindo o contacto linguístico entre falantes, mudanças sociais e culturais, bem como a já tão conhecida influência dos média e da tecnologia. À medida que a língua se adapta e desenvolve, é interessante observar como todas as mudanças ocorridas refletem não apenas a dinâmica da linguagem, como também a natureza mutável da sociedade humana. Nunca é demais mencionar que os dialetos contêm, muitas vezes, traços que fizeram parte da norma-padrão no passado, permitindo registar a manifestação de traços que também podem, no futuro, fazer parte da norma-padrão. Os dialetos, muitas vezes, alimentam e renovam a norma idealizada de uma determinada língua, uma vez que, para todos os efeitos, são os falantes que a comandam. A gramática normativa é mutável e, por essa e outras razões, as variedades linguísticas não poderão ser consideradas como erros; são apenas diferentes formas de uso de uma língua, formas essas que sofreram processos naturais de mudança no seu desenvolvimento. Errado é afirmá-las como erros.

Parafraseando Ana Maria Martins, conhecer uma língua não é conhecer apenas a norma-padrão – é, também, conhecer todas as características das restantes variedades dessa língua, de modo a poder refletir sobre o que fez parte da norma e o que poderá vir a fazer. Citando a mesma, «'variante' decorre da natureza das línguas e 'normalizar' da vontade dos homens que as falam» (MARTINS, 2003: 11). Conceitualizando, os dialetos são, acima de tudo, uma fonte de variação que não se esgota, isto é, não são submetidos a uma norma; pelo contrário, são o resultado da comunicação espontânea entre pessoas de uma comunidade pertencente a uma determinada região. O falar da Beira Baixa, em específico, revelou-se, sem dúvida, uma variedade da língua cheia de peculiaridades que, quando estudadas, mais ricos nos tornam. Estas peculiaridades são apenas um dos testemunhos da riqueza e diversidade do Português Europeu e um exemplo significativo da importância que as variedades regionais têm na compreensão completa da língua e culturas portuguesas.

Num mundo cada vez mais globalizado, onde as línguas minoritárias e as diferentes variedades de uma língua enfrentam a ameaça da homogeneização, a documentação e valorização destes falares são fundamentais na garantia de que a riqueza linguística não se perde. O falar da Beira Baixa, bem como todos os restantes falares pertencentes aos vários dialetos do Português Europeu, com todas as suas particularidades, não só enriquecem a língua portuguesa, como também oferecem um campo fértil para a pesquisa linguística. Esse estudo torna-se essencial não apenas para

preservar uma parte da cultura local, como também, e principalmente, para enriquecer o conhecimento sobre a língua portuguesa como um todo.

Bibliografia

- ALI, M. SAID (1964). *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos.
- ARAUJO, L. S. de. (2020). Dialetoлогия: a Dimensão Espacial da Variação Linguística. In *Traços de Linguagem*, v.4, n. 1. Pp. 50-60. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/344342866_Dialetoлогия_a_Dimensao_Espacial_da_Variacao_Linguistica_Dialectology_the_space_dimension_of_linguistic_variation, consultado a 15 de outubro de 2023.
- BANZA, A. P. & Gonçalves, F. (2018). *Roteiro de História da Língua Portuguesa*. Évora: Universidade de Évora.
- BARROSO, H. (coord.) (2018). *O Português na Casa do Mundo, Hoje*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.
- BAZENGA, A. (2016). *Dialetoлогия*. Disponível em: <https://www.academia.edu/25616386/Dialetoлогия>, consultado a 16 de outubro de 2023.
- BLUTEAU, R. (1713). *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus.
- BRISSOS, F. J. C. (2011). *Linguagem do Sueste da Beira no tempo e no espaço* [Tese de Doutoramento]. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4466>, consultado a 19 de novembro de 2023.
- ____ (2014). O problema da diversidade dialectal do Centro-Sul português: informação perceptiva versus informação acústica. In *Estudos de Linguística Galega*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. Pp. 53-80.
- ____ (2015). Dialectos portugueses do Centro-Sul: *corpus* de fenómenos e revisão do problema da (des)unidade. In *Zeitschrift für romanische Philologie* 131(4). Pp. 999-1041. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/32724>, consultado a 20 de novembro de 2023.
- ____ (2017). Documentação linguística das zonas raianas de Portugal e Espanha: o projeto Frontespo, com análise do caso da Beira Baixa / Extremadura espanhola. In *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, N°3. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística. Pp. 21-49.
- BUESCU, M. L. C. (1984). *Historiografia da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa Editora.
- CARDOSO, S. (2010). *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial.
- CARRILHO, E. (org.) (2007). *Normas de Transcrição*. Lisboa: CORDIAL-SIN.

- ____ (2009). Sobre o expletivo *ele* em português europeu. In *Estudos de Lingüística Galega*, 1. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. Pp. 7-26.
- ____ (2010). A anotação sintática do CORDIAL-SIN. In *Textos Seleccionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL. Pp. 225-241.
- CARVALHO, J. (1954). *Coisas e palavras: alguns problemas etnográficos e lingüísticos relacionados com os primitivos sistemas de debulha na Península Ibérica*. Tese de doutoramento. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- CASTRO, I. (2001). *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- ____ (2004). *Introdução à História do Português. Geografia da Língua. Português Antigo*. Lisboa: Edições Colibri. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4531470/mod_label/intro/CASTRO_IntroducaoAHistoriaDoPortugues.pdf, consultado a 10 de outubro de 2023.
- CENTRO DE LINGÜÍSTICA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (s/d). *MADISON - A Sound Map for Portuguese Dialects*. Disponível em: <http://teitok.clul.ul.pt/madison/index.php?action=home>, consultado a 1 de abril de 2024.
- ____ (s/d). *MADISON: ALEPG_Idanha-a-Nova_1. Canto ao Menino Jesus*. Disponível em: http://teitok.clul.ul.pt/madison/index.php?action=file&cid=ALEPG_Idanha-a-Nova_1&cql=, consultado a 1 de março de 2024.
- ____ (s/d). *MADISON: ALEPG_Idanha-a-Nova_3. A mezinha das abróteas*. Disponível em: http://teitok.clul.ul.pt/madison/index.php?action=file&cid=ALEPG_Idanha-a-Nova_3&cql=, consultado a 1 de março de 2024.
- ____ (s/d). *MADISON: ALEPG_Idanha-a-Nova_2. O unheiro*. Disponível em: http://teitok.clul.ul.pt/madison/index.php?action=file&cid=ALEPG_Idanha-a-Nova_2&cql=, consultado a 1 de março de 2024.
- http://teitok.clul.ul.pt/madison/index.php?action=file&cid=ALEPG_Idanha-a-Nova_1&cql=, consultado a 2 de março de 2024.
- ____ (s/d). *MADISON: ALEPG_Isna_1. Ainda se aí semeia muito milho*. Disponível em: http://teitok.clul.ul.pt/madison/index.php?action=file&cid=ALEPG_Isna_1&cql=, consultado a 7 de março de 2024.

- ___ (s/d). *MADISON: ALEPG_Isna_2. Os trabalhos do linho.* Disponível em: http://teitok.clul.ul.pt/madison/index.php?action=file&cid=ALEPG_Isna_2&cql=, consultado a 8 de março de 2024.
- ___ (s/d). *MADISON: ALEPG_Malpica do Tejo_3. A lavagem da roupa.* Disponível em: http://teitok.clul.ul.pt/madison/index.php?action=file&cid=ALEPG_Malpica%20do%20Tejo_3&cql=, consultado a 9 de março de 2024.
- ___ (s/d). *MADISON: ALEPG_Malpica do Tejo_4. O baptizado.* Disponível em: http://teitok.clul.ul.pt/madison/index.php?action=file&cid=ALEPG_Malpica%20do%20Tejo_4&cql=, consultado a 9 de março de 2024.
- ___ (s/d). *MADISON: ALEPG_Malpica do Tejo_8. O tratamento da constipação.* Disponível em: http://teitok.clul.ul.pt/madison/index.php?action=file&cid=ALEPG_Malpica%20do%20Tejo_8&cql=, consultado a 9 de março de 2024.
- ___ (s/d). *MADISON: ALEPG_Monsanto_1. Orações da manhã.* Disponível em: http://teitok.clul.ul.pt/madison/index.php?action=file&cid=ALEPG_Monsanto_1&cql=, consultado a 5 de março de 2024.
- ___ (s/d). *MADISON: ALEPG_Monsanto_6. O grito das almas.* Disponível em: http://teitok.clul.ul.pt/madison/index.php?action=file&cid=ALEPG_Monsanto_6&cql=, consultado a 5 de março de 2024.
- ___ (s/d). *MADISON: ALEPG_Monsanto_12. O trilho à pata de boi.* Disponível em: http://teitok.clul.ul.pt/madison/index.php?action=file&cid=ALEPG_Monsanto_12&cql=, consultado a 5 de março de 2024.
- ___ (s/d). *MADISON: ALEPG_Porto_de_Vacas_2. Os trabalhos do linho.* Disponível em: http://teitok.clul.ul.pt/madison/index.php?action=file&cid=ALEPG_Porto_de_vacas_2&cql=, consultado a 10 de março de 2024.
- ___ (s/d). *MADISON: ALEPG_Porto_de_Vacas_3. As idas à Covilhã.* Disponível em: http://teitok.clul.ul.pt/madison/index.php?action=file&cid=ALEPG_Porto_de_vacas_3&cql=, consultado a 10 de março de 2024.
- ___ (s/d). *MADISON: ALEPG_Porto_de_Vacas_4. Os carvoeiros.* Disponível em: http://teitok.clul.ul.pt/madison/index.php?action=file&cid=ALEPG_Porto_de_vacas_4&cql=, consultado a 11 de março de 2024.
- ___ (s/d). *MADISON: ALEPG_Unhais da Serra_1. O trabalho da eira.* Disponível em: http://teitok.clul.ul.pt/madison/index.php?action=file&cid=ALEPG_Unhais%20da%20Serra_1&cql=, consultado a 15 de março de 2024.

- ____ (s/d). *MADISON: ALEPG_Unhais da Serra_2. O feno*. Disponível em: http://teitok.clul.ul.pt/madison/index.php?action=file&cid=ALEPG_Unhais%20oda%20Serra_2&cql=, consultado a 15 de março de 2024.
- ____ (s/d). *MADISON: ALEPG_Unhais da Serra_3. O fabrico do queijo*. Disponível em: http://teitok.clul.ul.pt/madison/index.php?action=file&cid=ALEPG_Unhais%20oda%20Serra_3&cql=, consultado a 16 de março de 2024.
- CINTRA, L. (1970). *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- ____ (1971). Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses. In *Boletim de Filologia*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos. Pp. 81-116.
- ____ (1983). *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- CUESTA, P. V. & Maria A. M. L. (1971). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70.
- CORDEIRO, A. (1939). *A língua e a literatura popular de Penamacor: da Beira*. s/l: s/e.
- COSERIU, E. (1982). *O homem e sua linguagem*. Trad. Carlos A. F. e Mário F. Rio de Janeiro: Presença.
- CUNHA, C. & Luís L. C. (1984). *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- DIAS, A. P. V. P. (2013). *A variação ou ~ oi em Portugal Continental* [Dissertação de Mestrado]. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10138/1/ulfl147999_tm.pdf, consultado a 18 de abril de 2024.
- DIREÇÃO GERAL DA EDUCAÇÃO (2008). *Dicionário terminológico*. (s/d). (s/d).
- DUARTE, I. (2000). *Língua Portuguesa, Instrumentos de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta.
- ____ et al (org.) (2002). *Encontro comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Vol. 2. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto.
- DUBOIS, B. L. (1978). A Case Study of Native American Child Bidialectalism in English: Phonological, Morphological, and Syntactic Evidence. In *Anthropological Linguistics*. Vol. 20, N.º 1. Indiana: Indiana University.
- FERREIRA, M. B., Saramago, J., Segura, L. e Vitorino, G. (com a colaboração de Ernestina Carrilho e Maria Lobo) (2001). *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores (ALEAç)*, vol. I. A Criação de Gado, Lisboa / Angra do Heroísmo: Centro

- de Linguística da Universidade de Lisboa / Direcção Regional da Cultura-Açores.
- GOUVEIA, M. C. F. (2019). O que está a mudar no Português Europeu? In *Études romanes de Brno*. Vol. 40. Pp. 199-215. Disponível em: <https://digilib.phil.muni.cz/handle/11222.digilib/141601>, consultado a 28 de dezembro de 2023.
- LEITE, J. E. R. (2010). Fundamentos de linguística. In *Lingua Portuguesa e Libras: teorias e práticas*. Paraíba: Edição Universitária da UFPB. Pp. 171-232.
- LUÍS, A., Luís, C. & OSÓRIO, P. (org.) (2016). *A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, presente e futuro*. Lisboa: Edições Colibri.
- MARTINS, A. M. & Ernestina C. (2016). *Manual de Linguística Portuguesa*. Berlin/Boston: De Gruyter.
- MACHADO, J. P. (1984). *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- MARTINS, A. M. (2003). Variação e mudança no português. In *A Língua Portuguesa: Actas dos IX Cursos Internacionais de Verão de Cascais-2002*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais & Instituto de Estudos Sociais. Pp. 29-44. Disponível em: https://www.clul.ulisboa.pt/files/ana_maria_martins/MartinsVariacaoMudanca.pdf, consultado a 3 de abril de 2024.
- ____ (2004). A emergência do português escrito na segunda metade do século XII. In (Dis) cursos da Escrita: Estudos de filologia galega oferecidos em memória de Fernando R. Tato Plaza (pp. 491-526). R. Álvarez & A. Santamarina. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza.
- ____ (2016). Introdução: O português numa perspectiva diacrónica e comparativa. In *Manual de Linguística Portuguesa*. Pp. 1-39. Berlin/Boston: De Gruyter.
- MATEUS, M. H. M. (1986). A Língua Portuguesa – unidade e diversidade. In *Actas do 1º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL.
- ____ (2007). *Norma e Variação*. Lisboa: Caminho.
- MENDES, A. (2016). Linguística de *Corpus* e outros usos dos *corpora* em linguística. In *Manual de Linguística Portuguesa*. Pp. 224-251. Berlin/Boston: De Gruyter.
- NASCENTES, A. (1955). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro.
- PEREIRA, S. (2014). A sintaxe na classificação dos dialetos portugueses. In *Textos Seleccionados, XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL. Pp. 445-464. Disponível em: https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/09/40_PEREIRA.pdf, consultado a 14 de novembro de 2023.

- RABANUS, S. (2011). The state of the art in linguistic cartography. In *Studier i dialektologi och sociolingvistik*, 116. Verona: Università degli Studi di Verona. Pp. 31-52.
- RAPOSO, E. B. P. et al. (2013). *Gramática do Português*. 1 vol. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- RIBEIRO, O. (1965). A propósito de áreas lexicais no território português. In *Boletim de Filologia*. Tomo XXI. Lisboa: Universidade de Lisboa. Pp. 177-205.
- RIDRUEJO, E. (2012). La labor historiográfica de Juan M. Lope Blanch (1927-2002). In *Anuario de Lingüística Hispánica*, XXVIII. Valladolid: Universidad de Valladolid. Pp. 133-150.
- SEGURA, L. (1988). *A fronteira dialectal do Barlavento do Algarve*. Dissertação para progressão na carreira de investigação. Lisboa: INIC – CLUL.
- ____ (2013). Variedades dialetais do português europeu. In *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Pp. 83-142.
- SVOBODOVÁ, I. (2014). *Sintaxe da Língua Portuguesa*. Brun: Universidade de Masaryk. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/336679316_Sintaxe_da_Lingua_Portuguesa, consultado a 9 de novembro de 2023.
- SCHMIDT, T. & Wörner, K. (2014). *EXMARaLDA*. In *Handbook on Corpus Phonology*. Oxford University Press. Pp. 402-419.
- TEYSSIER, P. & Cunha, C. (1982). *História da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes.
- VASCONCELOS, J. L. (1911). *Lições de philologia portuguesa dadas na Biblioteca Nacional de Lisboa*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- ____ (1985). *Opúsculos*. Vol. VI. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

ANEXOS

Anexo I

Entrevista Ficha de dados do informante

A presente ficha faz parte do desenvolvimento da Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Estudos Lusófonos, sob a orientação do Prof. Doutor Paulo Osório, na Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior, intitulada *Dados Sobre o Português Falado na Beira Baixa: Variação e Mudança*.

O objetivo do seu preenchimento passa por analisar dados sociolinguísticos que serão úteis para o estudo e análise da mudança linguística verificada na Beira Baixa por parte de falantes jovens, quando comparados com falantes de idades avançadas, desde as últimas três décadas do século XX até à atualidade.

De forma a proteger a identidade dos informantes, bem como a sua privacidade, optou-se por enumerar cada uma das fichas preenchidas, evitando, dessa forma, a utilização de nomes civis.

Agradecemos a sua colaboração.

N.º ficha: _____ Sexo: _____ Idade: _____

Localidade onde nasceu: _____

Localidade onde reside: _____

Caso não tenha residido sempre na mesma localidade, há quanto tempo reside na localidade atual? _____

Localidades onde já residiu (se se aplicar): _____

Nível de escolaridade mais alto completo: _____

Profissão ou atividade que desempenha ou já desempenhou:

Localidade onde trabalha ou já trabalhou (se se aplicar):

Naturalidade de parentes próximos (mãe, pai, irmãos, etc.):

Línguas estrangeiras: _____

Experiências vividas que contribuam para o retrato linguístico pessoal:

Perturbações de fala (disfluência, dislexia, etc.): _____

A investigadora,
Joana Pires
Universidade da Beira Interior

Anexo II

Questionário Lexical: Dados sobre o Português Falado na Beira Baixa: Questionário Lexical

O presente questionário faz parte de um trabalho de investigação em Linguística decorrente do desenvolvimento da dissertação para obtenção do grau de Mestre em Estudos Lusófonos, sob a orientação do Prof. Doutor Paulo Osório, cujo título é *Dados sobre o Português Falado na Beira Baixa: Variação e Mudança*.

O público-alvo é a camada jovem, natural da Beira Baixa. **Os participantes não deverão ter menos de 18 anos, nem mais de 40, e deverão pertencer a um dos seguintes municípios:** Castelo Branco, Covilhã, Fundão, Idanha-a-Nova, Penamacor, Vila Velha de Ródão, Pampilhosa da Serra, Mação, Proença-a-Nova, Oleiros, Sertã e Vila de Rei.

O questionário pretende analisar o conhecimento lexical que os falantes jovens têm em relação a falantes de idades avançadas (estudado previamente), fazendo-se, posteriormente, uma comparação, a fim de analisar as mudanças naturais da língua, no geral, e do falar da Beira Baixa, em particular. O contributo prestado é de suma importância e ajudará a compreender como os diferentes tipos de itens lexicais são utilizados e percebidos em contextos linguísticos variados, tendo como principal fator a idade.

Os dados recolhidos serão tratados de forma confidencial e anónima, sendo utilizados apenas para fins de investigação, garantindo-se, assim, o anonimato de todos os participantes.

Pede-se honestidade de resposta e que as mesmas tenham como base a perspetiva do participante.

Ao continuar, está a aceitar participar no presente estudo seguindo as condições acima descritas.

Obrigada pela colaboração.

Joana Pires

Universidade da Beira Interior

* Indica uma pergunta obrigatória

E-mail * _____

Dados do participante

Idade * _____

Naturalidade * _____

Local de residência * _____

Escolaridade *

Selecione o nível mais elevado que completou.

- 1.º ciclo do Ensino Básico (4.º ano)
- 2.º ciclo do Ensino Básico (6.º ano)
- 3.º ciclo do Ensino Básico (9.º ano)
- Ensino Secundário (12.º ano)
- Ensino pós-secundário (cursos de especialização tecnológica não superior)
- Curso técnico superior profissional
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento

Língua estrangeira

Indique que língua(s) fala para além do Português, caso se aplique.

Questionário lexical

Em seguida, selecione o item lexical que considera corresponder ao elemento em destaque. Caso não reconheça nenhum, selecione «Outra» e coloque «.». Caso conheça outra forma correspondente, selecione «Outra» e indique qual.

«Extrair o leite» *

- Mugir / mongir / mungir
- Mojar / amojar
- Ordenhar
- Munger
-

Outra: _____

- «(Fêmea) estéril» *
- Maninha
- Machorra
- Machia
- Forra
- Sandeira
- Capoa
- Boieira
- Alfeira
- Outra: _____

«Cria da ovelha» *

- Anho
 Cordeiro
 Borrego
 Outra: _____

«Cria da cabra» *

- Cabrito
 Chibo
 Outra: _____

Em seguida, selecione, do par de itens lexicais apresentados, o que lhe é familiar. No caso de conhecer as duas opções, selecione a que mais utiliza.

a) *

- Palmada
 Açoite

b) *

- Migas
 Açorda

c) *

- Enxada
 Alferce

d) *

- Travesseira
 Almofada

e) *

- Romaria
 Arraial

f) *

- Obrigado/a
 Bem-haja

Em seguida, indique, através de resposta curta, o significado que atribui aos itens lexicais apresentados. Caso os itens lhe sejam desconhecidos, responda em branco.

«Machos» _____

«Ranchada» _____

«Acartar» _____

«Gadanha» _____

«Acalcar» _____

«Debulhar» _____

Anexo III

N.º Ficha	Idade	Género	Nível Escolaridade	Profissão	Naturalidade	Localidade de residência	Tempo vivido na localidade atual	Localidade de parentes próximos	Línguas estrangeiras
1	25	F	Ensino Secundário	Estudante	Idanha-a-Nova	Idanha-a-Nova	20 anos	Idanha-a-Nova, Salvador	Inglês, Espanhol
2	23	F	Mestrado	Psicóloga	Penha Garcia	Castelo Branco	22 anos	Penha Garcia, Porto	Inglês, Espanhol
3	22	M	Licenciatura	Contabilista	São Miguel d'Acha	São Miguel d'Acha	22 anos	São Miguel d'Acha	Espanhol
4	19	F	Ensino Secundário	Estudante	Leiria	Coimbra	18 anos	Idanha-a-Nova	Inglês, Espanhol
5	21	M	Ensino Secundário	Ajud. Eletricista	Leiria	Idanha-a-Nova	21 anos	Idanha-a-Nova	Espanhol

Tabela 12 – Recolha de dados dos informantes entrevistados (ficha de dados)³

³ Outros dados foram pedidos, como «Localidades onde trabalha ou já trabalhou», «Experiências vividas que contribuam para o retrato linguístico pessoal» e «Perturbações de fala (disfluência, dislexia, etc.)», no entanto, não se encontram representados na tabela. Poderão ser consultados no tópico 6.1.1.2. Caracterização dos informantes.